

BARBARA CARTLAND

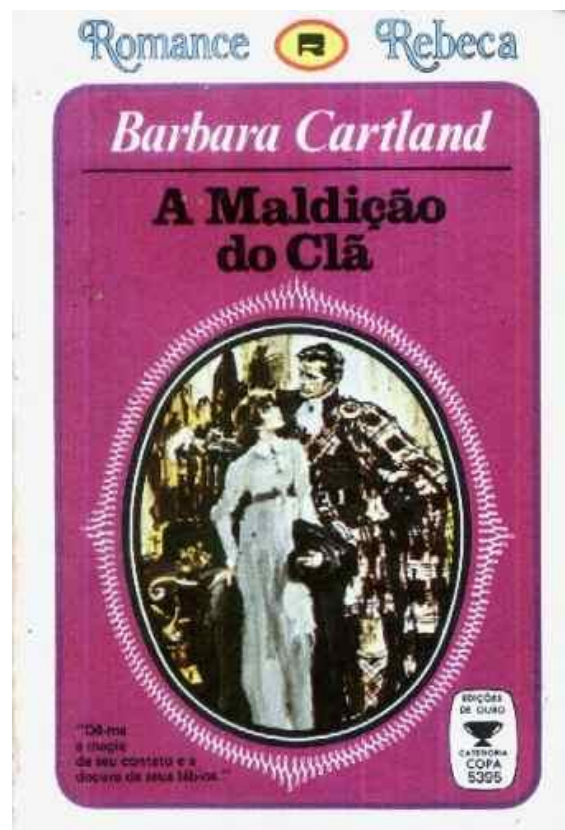
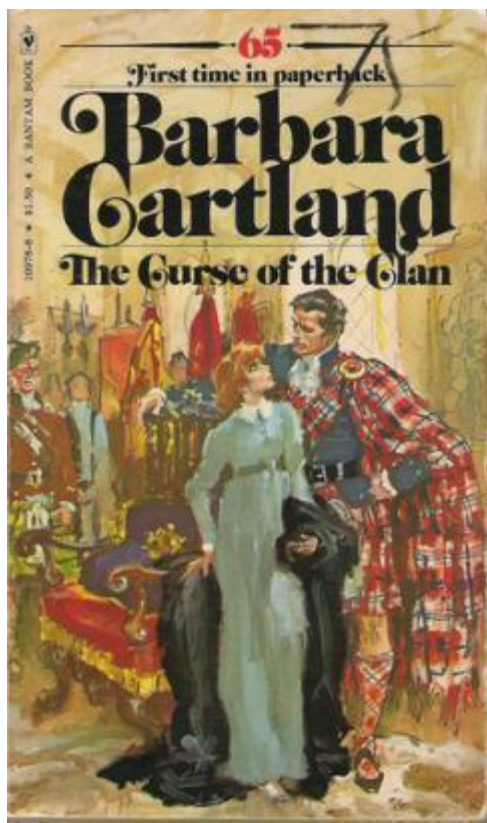


Moira, a órfã

O que uma pobre enjeitada
fazia no deslumbrante castelo do
duque de Arckcraig?



The Curse of the Clan
Barbara Cartland



O orfanato era lúgubre e triste. Moira, uma jovem de dezessete anos, também criada no asilo, fazia de tudo para ajudar os órfãos e minorar seus sofrimentos. Até que um dia, para espanto de todos, Moira foi obrigada a abandonar o orfanato e ir para a Escócia a mando do poderoso duque de Arckcraig.

Vestida com o uniforme dos órfãos enjeitados, Moira entrou no deslumbrante salão do castelo do duque e escutou, perplexa, dos lábios do nobre as fatídicas palavras que mudaram sua vida!

Também publicado na Coleção Rebeca com o título “A Maldição do Clã”

Título original: The Curse of the Clan

Copyright: © Barbara Cartland 1977

Tradução: Carmita Andrade

Copyright para a língua portuguesa: 1988

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda
e impressa da Artes Gráficas Guaru S.A.

NOTA DA AUTORA

A visita do rei George IV a Edimburgo, em 1822, organizada por sir Walter Scott, foi um sucesso completo.

Sir David Wilkie pintou o retrato do rei vestido com o traje típico escocês, com o qual ele apareceu na recepção do Palácio de Holyrood. Embora Sua Majestade, que sempre se esmerou no modo de vestir, se satisfizesse plenamente com sua aparência, as pessoas que o viram acharam-no um tanto ridículo com aquela calça cor-de-carne usada sob o saíote.

Minhas descrições das festividades realizadas na capital escocesa são reais, e foram tiradas de um livro publicado em Edimburgo no mesmo ano da visita.

CAPÍTULO I

1822

— É um prazer vê-lo de novo, Sr. Falkirk!

— Há muito tempo que eu não vinha aqui, Sra. Barrowfield! Deixe-me pensar um pouco... talvez seis anos...

— Sete, para ser exata! Mas, como sempre digo não me esqueço nunca das feições de um amigo; e sempre o considerei um amigo, Sr. Falkirk!

— O que me honra muito, Sra. Barrowfield.

O Sr. Falkirk, após saudar a avantajada e mal vestida senhora, limpou a garganta como preâmbulo de um assunto de negócios a que viera, e disse:

— A senhora deve estar ansiosa por saber a razão de minha visita!

— É verdade. Não me passou pela cabeça que fosse pelos meus lindos olhos. De qualquer maneira, vamos antes comemorar sua visita a esta casa.

Ela levantou-se da cadeira que rangia, atravessou a sala e abriu o bufê. Tirou de lá uma garrafa de vinho do Porto e dois copos.

A sala onde se encontravam era pobremente mobiliada e necessitava de pintura urgente. A mesa de centro onde a Sra. Barrowfield pôs a bandeja parecia tão insegura que o visitante a olhou com preocupação, temeroso de que se quebrasse com o peso dos copos e da garrafa.

Havia toda sorte de pequenos enfeites decorando o recinto, objetos baratos, o tipo de coisa que uma mulher de idade aprecia. A lareira acesa tornava o ambiente bastante acolhedor.

— Quer fazer o favor de servir o vinho, Sr. Falkirk? — pediu a Sra. Barrowfield, com certo ar de coqueteria.

O cavalheiro tomou a garrafa, serviu um copo cheio para a senhora e pouco mais de um quarto para si.

— O senhor não bebe muito, não? — observou a dona da casa.

— Na minha posição, preciso sempre conservar a mente clara.

— Isso entendo muito bem! Como está passando Sua Graça, o duque?

— É por ordem de Sua Graça que estou aqui.

— Ordem de Sua Graça? Tive esperança de que tivesse vindo em missão de caridade, para continuar com a obra da duquesa.

O Sr. Falkirk encarou-a surpreso, e ela explicou:

— A mãe do duque, a duquesa Anne, interessava-se muito por este orfanato, o senhor deve se lembrar disso. Mandava perus no Natal, e não passava um ano sem que pusesse algum dinheiro aqui para reparos e melhoramentos. Com a morte dela, tudo terminou.

— Devo lhe confessar que não me recordei mais das contribuições para este orfanato.

— Assim imaginei, mas supus que a nova duquesa continuasse com essa tradição. — A Sra. Barrowfield tomou mais um gole do vinho, antes de continuar:

— Afinal de contas, é quase uma obrigação da família. O orfanato foi criado quando a duquesa Harriet, avó do duque, descobriuⁱ que uma de suas empregadas, solteira, estava grávida. Em vez de jogá-la na rua da amargura, fundou o Orfanato dos Sem-Nome. Isso foi antes das guerras, quando havia bastante dinheiro e mãos generosas. Gastava-se em obras de caridade em vez de em armas.

— As coisas são bem mais difíceis agora, Sra. Barrowfield, como deve ter percebido.

— Não é necessário me contar. Eu economizo daqui, corto despesas dali, e vivemos quase na pobreza. O auxílio que o orfanato recebe é sempre o mesmo, e os preços subiram incrivelmente desde minha infância.

— Sem dúvida... — murmurou o escocês.

— Quando vim para cá como auxiliar da diretora tinha apenas quinze anos, e já tinha trabalhado algum tempo noutra casa. Achei que ia melhorar de vida! — A Sra. Barrowfield riu, com azedume. — Posso lhe garantir, senhor, que nunca tive intenção de passar o resto da minha existência aqui; e eis-me neste lugar, agora como diretora, e quase na miséria!

— Não pensei que a situação fosse tão Dramática! E por que os patronos do orfanato não escreveram para Sua Graça, o duque?

— Eles?! Morreram quase todos e os poucos que restaram não se incomodam conosco! O coronel McNab faleceu há três anos; o Sr. Cameron está muito doente e tem agora quase oitenta anos, e lorde Hirschington mora no campo e não o vejo desde que a mãe de Sua Graça, o duque, morreu.

— A única coisa que posso lhe prometer é que informarei Sua Graça sobre o caso, assim que voltar à Escócia.

— E eu lhe ficarei muito grata. Sabe quantas crianças tenho aqui no momento? Trinta e nove! Trinta e nove, e ninguém para cuidar delas além de mim! Isso não é justo, não é mesmo? Estou ficando velha e tudo é mais difícil agora!

Ela esvaziou o copo e apanhou a garrafa. Olhando para o rosto congestionado da Sra. Barrowfield, para os olhos inchados, a face rubra e o queixo duplo, o Sr. Falkirk concluiu que a velha dama se consolava constantemente com a bebida. E, se não houvesse vinho, com certeza haveria gim, mais barato, ainda que talvez mais prejudicial.

Mas ele não mostrou preocupação, pois concentrava-se no motivo de sua visita.

O Sr. Falkirk, escocês de meia-idade, ainda possuía feições atraentes. Com os cabelos grisalhos nas têmporas e sem um grama de gordura a mais, tinha um ar distinto e, como secretário do duque de Arkcraig, era muito apreciado e respeitado por todos.

— Vou expor seus problemas a Sua Graça, o duque — repetiu ele. — Mas vim aqui para lhe pedir...

— Diga a Sua Graça que a reputação de nosso orfanato está sofrendo, pois não conseguimos mais suprir o mercado de aprendizes com órfãos fortes e saudáveis — interrompeu- o a Sra. Barrowfield. — Ainda ontem um senhor, proprietário de várias alfaiatarias, esteve aqui para contratar rapazes sãos, e não aquele "lixo anêmico", na linguagem dele, que lhe forneci no ano anterior. Eu lhe perguntei: "Que houve com os meninos que o senhor tirou daqui no ano passado?" Ele me respondeu: "Estavam sempre doentes, nunca com disposição para trabalhar. Eu os pus na rua e não lhes dei carta de recomendação alguma!"

— Isso não pode acontecer Sra. Barrowfield, num orfanato que está sob a proteção da família de Sua Graça há mais de trinta anos.

— É exatamente o que lhe digo Sr. Falkirk. É uma vergonha para Sua Graça e, embora a Escócia seja longe daqui da Inglaterra, nós temos muito respeito por seus habitantes, nobres ou não.

— Obrigado, Sra. Barrowfield.

— Espero que o senhor convença a nova duquesa a nos visitar.

— A nova duquesa morreu.

— Morreu?! — indagou espantada a Sra. Barrowfield, com a boca escancarada, o que fez o Sr. Falkirk compará-la a um peru assustado.

— Sim, morreu há algumas semanas, na França.

— Não me diga! Mal posso acreditar! Casada há tão pouco tempo... não mais que um ano, penso!

— Dez meses exatamente, Sra. Barrowfield.

— Foi ao encontro do nosso Criador! E eu que nem cheguei a pôr meus olhos nela!

Silêncio. Em seguida, como se receasse que a Sra. Barrowfield lhe fizesse mais perguntas, o Sr. Falkirk foi dizendo logo:

— Sua Graça o duque se encontra agora no norte, em seu castelo, e pediu que eu levasse para lá uma de suas órfãs. Preciso obedecer às ordens dele.

— Uma de minhas órfãs? Acho que ele quer um rapaz... Para trabalhos de cozinha ou para a limpeza da casa. Um momento; deixe-me pensar... Não sei qual deles poderia servir bem Sua Graça.

— Não, não. Não foi essa a instrução que recebi — interrompeu-a o Sr. Falkirk.

— Ele quer uma moça maior de dezesseis anos.

— Maior de dezesseis anos? O senhor deve estar brincando comigo! Sabe tanto quanto eu que não conservamos aqui crianças com mais de doze anos. Às vezes encaminhamos as meninas para um emprego até antes disso, quando possível. Aliás, elas têm boas maneiras, tratam com respeito os mais velhos, coisa bastante rara hoje em dia. Todos gostam muito das meninas educadas aqui.

— Acredito. Porém, Sua Graça tem certeza de que a senhora poderá lhe fornecer a jovem de que ele necessita.

— Não posso imaginar que não haja moças na Escócia. Uma vez Sua Graça, a duquesa Harriet, pegou duas meninas aqui, mas para a casa de Londres. Ela ficou muito satisfeita com o trabalho delas; não obstante, para a Escócia nunca levou ninguém. — A Sra. Barrowfield sorriu e continuou: — Uma delas veio me visitar, anos mais tarde. Estava casada com um lacaio. Moça bonita; teve sorte em encontrar alguém que não levasse em conta a desditosa circunstância de seu nascimento.

— A senhora tem absoluta certeza de que não abriga aqui nenhuma jovem dessa idade? — insistiu o Sr. Falkirk.

— Absoluta! Os órfãos são todos de tenra idade. E é bem difícil cuidar deles, por sinal; alimentá-los e mantê-los limpos! Não sei o que faria sem Moira!

— Moira! É a moça que me recebeu quando cheguei?

— Ela mesma. Moira toma conta dos pequeninos. Mima-os em excesso. Estou sempre lhe dizendo; mas não é possível pôr uma cabeça velha, experiente, sobre ombros jovens. Era bastante diferente com a outra diretora; ela batia nas crianças para discipliná-las. Boas, más ou razoáveis, todas apanhavam, e acho que o método dela era melhor que o nosso. Sou boa demais, esse é meu fracô!

— Sua bondade para com essas criaturas infelizes é um ponto que conta em seu favor, Sra. Barrowfield. Porém, falávamos de Moira.

— Dizia... — a velha senhora prosseguiu, depois parou. — O senhor não vai sugerir... que pretende... — Ela colocou o copo vazio sobre a mesa, com violência. — Não, Sr. Falkirk, não permito isso! Não! Não vai tirar Moira de mim! É a única pessoa desta casa em quem posso confiar. Quem vai substituí-la? Uma meia dúzia de velhas, que não conseguem arranjar emprego em outro lugar? E que causam mais problemas que ajudam? De mais a mais, não tenho dinheiro para lhes pagar. O senhor pode levar qualquer criança, todas elas se quiser, menos Moira!

— Que idade tem ela?

— Um momento... Quase dezoito anos, acho. É, é isso mesmo! Chegou aqui em 1804, um ano depois das hostilidades reiniciadas por aquele demônio do Napoleão. Lembro-me bem porque foi num inverno muito rigoroso, a comida era escassa, e o carvão dobrara de preço!

— Então, Moira tem quase dezoito anos... Sinto muito, Sra. Barrowfield mas, se não há outra moça, preciso obedecer às ordens de Sua Graça e levar Moira para a Escócia.

— Só sobre meu cadáver! Não vou consentir! Não posso ficar com trinta e nove crianças berrando nos meus ouvidos, muitas delas incapazes de se cuidarem sozinhas.

A Sra. Barrowfield ficou tão vermelha, que o Sr. Falkirk teve medo de que fosse ser acometida de um derrame cerebral.

— Se Moira for embora, eu também vou! — acrescentou a velha senhora. — Não tenha dúvida sobre isso!

E, como se não pudesse mais se manter de pé, sentou-se numa poltrona e abanou-se com um pedaço de papel que estava sobre a mesa.

— Desculpe, Sra. Barrowfield, por aborrecê-la, mas sabe que devo obedecer às ordens de Sua Graça — observou o secretário.

— Não é justo! — Ela quase chorava. — Não é justo! Ninguém se importa comigo! Sua Graça pode encontrar muitas moças na Escócia, sem que seja necessário me privar da única que me presta serviço neste orfanato, dedicado à memória da avó dele.

A Sra. Barrowfield soluçava. Então, o Sr. Falkirk serviu-lhe mais vinho. Ela tomou metade do copo num só gole, e recostou-se na poltrona, procurando controlar-se.

— Mas eu lhe prometo uma coisa — declarou o secretário. — Vou deixar dinheiro suficiente para a senhora contratar pessoal competente. E, logo que chegar à Escócia, providenciarei para que Sua Graça determine que uma pensão razoável seja enviada para cá, todos os meses.

Essas palavras acalmaram um pouco a velha senhora, e o secretário prosseguiu:

— Fale-me sobre Moira. Ela tem sobrenome?

— Sobrenome! O senhor se esquece de que este orfanato é dos sem-nome? Claro que ela não tem outro nome, e o mesmo acontece com o resto dessas desgraçadas criaturas que chegam aqui dia após dia, semana após semana. "Mais um bastardo para a senhora", o Dr. Harland me disse ainda na semana passada, e eu lhe respondi: "Por que o senhor não fica com ele?" E o doutor me respondeu: "Não tenho espaço em minha casa nem para um rato, quem dirá para uma criança! Vamos, vamos, Sra. Barrowfield! A senhora é uma mulher bondosa, e não gostaria de ver esses desditosos afogados num rio!" Mas para mim, Sr. Falkirk, pouco se me dá onde essas crianças terminem suas vidas. Só não quero mais algumas para cuidar.

— E que fez o doutor? Levou a criança com ele?

— Qual nada! Deixou-a aqui. Moira convenceu-o de que o bebê poderia dormir na cama com outra criança, e assim os dois ficaram espremidos no mesmo colchão. E eu disse para ela depois: "Você é uma boba; não vê que vai aumentar seu trabalho?"

— E ela não se incomodou?

— Eu é que devo me incomodar. Tenho outra boca a alimentar, e estou sem dinheiro para a comida que essas crianças devoram! Sempre repito aos mais velhos:

"Vale ouro o que vocês comem", mas isso não impede que continuamente reclamem e digam que estão famintos.

O Sr. Falkirk tirou do bolso algumas notas e as pôs sobre a mesa.

— Aqui estão vinte libras — disse. — Assim que chegar à Escócia, farei melhores arranjos para o futuro.

Ele viu uma fagulha de avidez nos olhos da mulher, e se perguntou quanto desse dinheiro seria utilizado para a comida dos órfãos, e quanto em bebida.

O Sr. Falkirk pediu-lhe:

— Antes de chamar Moira, quer me dizer o que sabe sobre ela?

— Vai mesmo levá-la?

— Desculpe, Sra. Barrowfield, porém nada mais posso fazer, a menos que a senhora tenha outra moça da mesma idade.

— Bem, isso não tenho... Que deseja conhecer sobre Moira?

— O dia exato em que chegou aqui. A senhora tem arquivos, suponho.

— Moira é diferente das outras crianças, pois nasceu nesta casa.

— Como foi isso?

— Era o ano de 1804. Eu estava sentada neste mesmo lugar, quando ouvi alguém bater à porta. Pulei da cadeira, tinha menos idade naquela época e movia-me com agilidade, e fui atender ao chamado. Havia uma multidão lá fora, e dois homens carregavam uma mulher que acreditei morta ou desacordada.

— O que houve?

— Um acidente. Uma carruagem atropelou a mulher e o cocheiro partiu sem oferecer socorro. Esses cocheiros são assim mesmo: arrogantes e sem um pinga de piedade; não se importam com quem sofre!

— Continue com a história de Moira, Sra. Barrowfield.

— Eu mandei chamar o doutor que morava três quadras adiante, o Dr. Webber, que sempre assistia às crianças do orfanato. Homem antipático, eu não gostava nada dele!

— E a mulher?

— Pensei que estivesse morta, mas ela começou a gemer; então percebi que entrava em trabalho de parto.

— A senhora não tinha notado antes que ela esperava um filho?

— Na verdade, não. Não sou muito observadora. Além disso, a mulher usava uma roupa folgada que disfarçava bem seu corpo volumoso.

— E que aconteceu?

— Levou horas para o doutor chegar. Não podiam encontrá-lo, parece, não me lembro bem. Eu fiz o que pude, e o bebê quase nasceu em minhas mãos. O médico entrou nesta casa minutos antes de a criança, uma menina, vir ao mundo.

A Sra. Barrowfield bebeu mais um gole de vinho e continuou:

— Nunca havia assistido a um parto, e nunca tive filhos, pois não me casei. O doutor pôs a criança em meus braços e disse: "Tome conta dela, a mãe está morta".

— Ele não conseguiu salvar a mãe?

— Não. E nem sei se tentou. Mas foi só quando preparei a mulher para ser enterrada que vi como era jovem e diferente das outras mulheres que conheci.

— Diferente de que maneira, Sra. Barrowfield?

— Parecia uma lady, uma mulher bem-nascida. Linda, de cabelos ruivos e pele muito clara. Suas roupas eram caras, quanto a isso não havia dúvida.

— Ainda tem algumas?

— Nada se pode guardar neste orfanato! As crianças roubam tudo que encontram, durante o inverno, para se aquecer. E a roupa de baixo da mulher foi

com certeza transformada em ataduras. Há sempre um desses pequenos vermes sangrando, em alguma parte do corpo.

— E não se encontrou nada que distinguisse aquela criança das demais, algo que desse uma pista sobre a identidade da mãe?

— Pelo que sei, o médico pesquisou tudo. Na certa tentando obter pagamento por seu trabalho. O senhor sabe como são os médicos, não? Porém nada foi descoberto, e ninguém jamais se interessou pela menina.

— Por que lhe deu o nome de Moira?

— É o que ia lhe contar. A mulher tinha no pescoço uma corrente com um medalhão, que guardo até hoje. Inscrito no verso do medalhão havia o nome "Moira". — E a Sra. Barrowfield fez uma pausa para enfatizar o que ia dizer: — Mas não possuía aliança! Pareceu ter sido providencial o fato de ela vir dar à luz no lugar certo, o das crianças sem nome.

— Posso ver esse medalhão?

Se o Sr. Falkirk estava irritado com o modo como a Sra. Barrowfield falava, não o demonstrou. Tinha uma expressão enigmática no rosto quando ela se levantou, com passos inseguros, a fim de pegar a garrafa de vinho.

Depois, a velha abriu uma das gavetas do bufê onde se achava uma infinidade de pequenas coisas na mais completa desordem: contas a pagar, fitas amassadas, pentes, retalhos de fazenda... enfim, uma enorme quantidade de objetos sem valor algum. Ela enfiou a mão bem no fundo da gaveta e de lá tirou um pequeno estojo.

— É onde guardo meus tesouros... — informou ela, rindo ironicamente. — Como deve imaginar, não possuo muitos, mas, se deixar isto à mostra, os diabinhos põem logo a mão em tudo.

Sentou-se de novo e abriu o estojo. Havia um broche com fecho quebrado; pulseiras baratas, do tipo que se pode comprar por quase nada em qualquer loja de quinquilharias e um buquê de flores secas, que o secretário supôs ser uma lembrança da mocidade da Sra. Barrowfield, embora fosse difícil deduzir que ela tivesse tido algum romance, ou até mocidade.

— Oh, aqui está — exclamou a velha dama, apresentando ao Sr. Falkirk um medalhão preso a uma corrente. — É o que estava no pescoço da pobre mulher.

Era de ouro, mas não de primeira qualidade, e não podia ter custado muito caro. Do lado de fora lia-se o nome "Moira" e, dentro do medalhão, havia uma mecha de cabelos castanhos.

— Honesta, isso é que eu sou... Honesta! — declarou a Sra. Barrowfield. — Qualquer outra pessoa teria vendido isto; contudo, julguei que algum dia pudesse ser de utilidade, como está acontecendo agora.

— De fato, essa jóia me interessa e vou levá-la comigo.

— Não posso crer que Sua Graça queira tal bugiganga. Mas, diga-me por que motivo deseja ele que essa menina seja conduzida para a Escócia? O senhor ainda não me comunicou.

— Para falar a verdade, não sei. Apenas obedeço ordens de Sua Graça.

— Estranho...

O Sr. Falkirk concordava com ela, porém não quis admitir isto abertamente. Só indagou:

— Agora, pode chamar Moira? Quero conhecê-la melhor.

— Quando vai levá-la! — a Sra. Barrowfield perguntou, pegando o dinheiro que o secretário pusera sobre a mesa, o que não deixava de ser para ela polpuda compensação pela ausência definitiva de Moira.

— Parto esta tarde. Ao iniciar minha jornada de volta à Escócia, passarei por aqui.

— Moira vai viajar junto com o senhor, na mesma carruagem?

— Não há outro meio de ela seguir para o norte e, se Moira não tiver muita bagagem, não ficaremos apertados.

— Bagagem? Não possui quase nada!

— Posso vê-la então?

O Sr. Falkirk ergueu-se, porém a Sra. Barrowfield continuou sentada e disse:

— Minhas pernas estão bambas devido às más notícias que o senhor me trouxe. Quer, por favor, ir até a porta e gritar o nome dela? Moira vai ouvi-lo, com toda certeza.

O Sr. Falkirk sabia que a fraqueza da velha devia-se a outro motivo, e não à emoção pela perda de Moira. Não obstante, sem protestar, abriu uma porta que dava para um corredor. De lá ele podia ouvir vozes de crianças e, vindo do andar superior, o choro dos bebês. Teve a impressão de que encontraria Moira junto dos pequeninos; por isso subiu as escadas nuas que rangiam em cada degrau, segurando no corrimão gasto pelo uso.

O orfanato, quando novo, fora um modelo de edifício. A obra havia sido executada sob as ordens da duquesa Harriet, há trinta anos. Durante os últimos anos, o prédio estivera completamente abandonado. Para substituir os vidros das janelas pedaços de madeira tinham sido colocados; no assoalho havia buracos bastante grandes que constituíam perigo às pessoas menos avisadas que por ali passassem; a maioria das portas não tinha trincos.

Ele empurrou uma delas, a da sala de onde provinha o barulho. Num longo dormitório, não muito limpo, crianças se amontoavam.

As camas se enfileiravam ao longo das duas paredes maiores, e as crianças, umas deitadas e outras se arrastando pelo chão, choravam sem parar.

Numa extremidade do quarto, carregando um bebê, estava Moira. Vestia uma roupa cinzenta de algodão, com uma gola branca. Na cabeça, um gorro também cinzento cobria-lhe os cabelos por completo.

O Sr. Falkirk reconheceu logo o uniforme escolhido para os órfãos, pela duquesa Harriet. Parecia querer mostrar a todo o mundo que a pessoa que o vestia era objeto da caridade pública.

Ele notou também que todas as crianças tinham a cabeça raspada, outro requisito dos que possuíam o "privilegio" de ser cuidados pelo Orfanato dos Sem-Nome.

Quando ele se aproximou de Moira, a jovem levantou-se e, ainda com o bebê no colo, saudou-o cortesmente.

O secretário examinou-a com o olhar. Muito magra, evidenciando a má alimentação de que era vítima, tinha os ossos salientes. Os cílios espessos, dourados na raiz, porém escuros nas pontas, emolduravam-lhe os olhos enormes de um azul intenso. .

— Quero falar com você, Moira — disse ele.

Moira encarou-o, surpreendida. Depois, com voz suave e musical, ordenou às crianças maiores:

— Fiquem quietinhos, queridos. Temos uma visita que deseja falar comigo. Se vocês não fizerem barulho, eu lhes contarei uma história bonita mais tarde.

Pareceu ser essa uma recompensa bem acolhida, pois todos pararam de choramingar imediatamente. As crianças, cujas idades variavam entre três e cinco anos, sentaram-se na cama e puseram-se a observar o visitante com os olhos arregalados, aguardando talvez com impaciência sua saída.

O bebê que estava nos braços de Moira recomeçou a chorar. Ela o fez colocar o pequenino polegar na boca, e ele calou-se de pronto.

Então, fitando o Sr. Falkirk, perguntou:

— O senhor quer falar comigo?

— Vou levá-la daqui, Moira.

Ela apavorou-se, exclamando:

— Não, sir! Não posso abandonar estas crianças! A Sra. Barrowfield já sabe de suas intenções?

— Sim, já lhe informei.

— E ela concordou?

— Não teve outra alternativa. O duque de Arkcraig mandou que você me acompanhasse à Escócia.

— À... Escócia?! Pensei que o senhor tivesse... achado um emprego para mim em Londres!

— Não sei bem o que você vai fazer na Escócia. Tudo que sei é que o duque me pediu para levá-la, e é cumprindo as ordens dele que vou conduzi-la para lá esta tarde, quando sair de Londres. Já dei suficiente dinheiro à Sra. Barrowfield para contratar alguém que substitua você.

Moira lançou um olhar de desespero para o dormitório, como se desejasse carregar as crianças todas consigo. E o Sr. Falkirk, observando-as enquanto aguardavam obedientemente pela recompensa prometida, concluiu ser difícil, se não impossível, encontrar uma pessoa que fosse para elas o que Moira significava.

Não havia dúvida de que a Sra. Barrowfield contribuía muito pouco ou nada para o conforto e o bem-estar dos órfãos.

O Sr. Falkirk, apesar de ser homem solteiro e com pouco contato com crianças, precisaria ser bem pouco observador para não ver que o único afeto que aqueles pobrezinhos recebiam vinha de Moira.

Parecendo adivinhar o pensamento do secretário, ela arriscou:

— Como posso deixá-las, sir! Haverá com certeza outra menina para o senhor levar à Escócia!

— A Sra. Barrowfield disse a mesma coisa, mas não conseguiu encontrar ninguém de sua idade.

— Por que Sua Graça quer a mim? Temos aqui Belgrave, por exemplo, que vai fazer onze anos e é bem desenvolvida para a idade dela. Chama-se Belgrave porque foi abandonada na praça do mesmo nome. Ela não serviria?

— Receio que não.

— Tem certeza, sir? Eu lhe ensinei a esfregar o chão e, embora ainda não costure bem, está aprendendo rápido.

— Sinto muito, mas ela é jovem demais.

— Que pena o senhor não ter vindo no mês passado, pois tínhamos May. Era um pouco mais alta que eu, apesar de ter só doze anos. Menina trabalhadora... e muito alegre! Nunca se queixava, mesmo estando com fome.

— Porém, May não se encontra mais aqui agora e, além disso, é jovem demais. E acho, Moira, que você vai gostar da Escócia.

— Quando deseja que eu parta, sir? — indagou ela, resignada.

— Esta tarde. Passarei por aqui, mais ou menos às três horas.

— Oh, sir! — Havia um quê de emocional nessa exclamação, mais tocante do que mil palavras. Depois, muito baixo, da perguntou: — Não posso recusar... Verdade? -

— Não, Moira. Este orfanato pertence a Sua Graça, o duque de Arkcraig. Se ele deseja um dos órfãos, qualquer que seja, não há possibilidade de ninguém, nem mesmo a Sra. Barrowfield, desobedecê-lo.

Moira deu um suspiro vindo do fundo de seu coração, e replicou:

— Estarei pronta na hora certa, sir.

O Sr. Falkirk admirou a coragem e, quem sabe, o orgulho que a impedia de continuar protestando.

Ele deu-lhe as costas e saiu do dormitório, não sem antes ouvir as crianças gritando:

— A história! A história! Você nos prometeu uma história!

Ele desceu as escadas cuidadosamente, temendo que a má condição da madeira não suportasse seu peso. Mas chegou ao hall da entrada são e salvo. Pegou o chapéu e o sobretudo, e se encaminhou para a porta. Não queria mais discutir com a Sra. Barrowfield.

Já na rua, olhou para trás a fim de ver o orfanato. Sem dúvida o prédio necessitava de reparos; os batentes das janelas precisavam de pintura, a porta da frente era uma vergonha com aquele trinco negro por falta de polimento.

"A duquesa Anne teria ficado horrorizada!", ele disse a si mesmo, prometendo-se dar um jeito em tudo, assim que obtivesse a permissão do duque.

Moira levou meia hora contando histórias, três, as quais as crianças ouviram atentamente.

Ao terminar, ela disse:

— Chega! Arrumem tudo bem direitinho agora!

— Mais uma! Mais uma! Moira, conte mais uma!

Uma dúzia de vozes repetia a mesma coisa.

Porém, Moira sacudiu a cabeça num gesto negativo, e declarou resoluta:

— Preciso preparar alguma comida para vocês, senão todo o mundo vai morrer de fome!

— Estou com fome agora! — uma das meninas queixou-se.

— Eu também! Eu também! — todas as outras crianças repetiram, em coro.

Moira correu para a cozinha. No andar térreo, as crianças mais velhas faziam um barulho ensurdecedor. Dois meninos, dos maiores, brigavam. Isso acontecia freqüentemente, porém Moira não tinha a possibilidade de separá-los. De qualquer maneira, naquela manhã não haveria tempo para tal, nem que quisesse tentar.

Ela bateu à porta da sala onde se encontrava a Sra. Barrowfield e, não obtendo resposta, entrou.

A velha senhora dormia profundamente. A sala estava abafada e quente, pois ela insistia em ter a lareira constantemente acesa, mesmo no verão. Era um símbolo de conforto, e a Sra. Barrowfield não admitia dispensá-lo.

Bem mansamente para não despertá-la, Moira abriu uma fresta da janela. Contudo, quando viu a garrafa de vinho quase vazia, percebeu que nada a acordaria.

A Sra. Barrowfield tinha um aspecto desagradável. Muito gorda, com a face vermelha e a boca aberta, roncava ruidosamente. Moira pegou a garrafa e a pôs de volta no bufê, recolhendo depois os copos.

Ao fazê-lo, viu o estojo das jóias sobre a mesa e deduziu que o cavalheiro que ia levá-la para a Escócia pegara o medalhão que havia pertencido à sua mãe. Era a única coisa que ela possuía, a única coisa que a fazia diferente dos outros trinta e nove órfãos que não tinham nada que os identificasse além da natural característica da cor dos cabelos, olhos e pele.

"Espero que ele não o perca", Moira pensou com ansiedade.

Em seguida, colocou o estojo na gaveta e, com os dois copos na mão, saiu da sala fechando a porta com cuidado.

Na cozinha, uma das velhas mulheres que vinham diariamente para ajudar, preparava uma sopa. Não possuía nenhum dente na boca e perdera uma vista, mas se considerava cozinheira competente e a Sra. Barrowfield a contratara.

A sopa que fervia num caldeirão não parecia apetitosa, porém era melhor que nada. Naquele dia as crianças teriam pão, porque Moira insistira com a Sra. Barrowfield para que pagasse as contas atrasadas ao padeiro.

Apenas ela sabia sobre a quantidade de dinheiro destinada aos órfãos, que era desviada para a bebida da diretora. Não se importava muito por si própria mas, quando as crianças ficavam doentes por falta de comida ou não podiam dormir de fome, brigava com a Sra. Barrowfield exigindo um alimento adequado. E a diretora cedia, indolente demais até para se opor, e dava um pouco do precioso dinheiro que reservava para seu vício.

Moira cortou o pão em fatias iguais. Ela sempre prestava; atenção para que os meninos maiores não roubassem o quinhão dos pequeninos, ou que não tentassem conquistar as meninas na esperança de que elas lhes oferecessem sua parte.

Isso tudo Moira procurava evitar e, não fosse por ela, o orfanato já teria caído nas mãos dos mais fortes.

Porém, nunca havia usado de violência, como muitas vezes a diretora fazia. Ela os mantinha disciplinados com a única força de sua personalidade.

Assim que terminou de cortar o pão Moira viu, com o canto dos olhos, a cozinheira esconder qualquer coisa embaixo de seu velho casaco. Correu para verificar de que se tratava, e constatou que a velha roubava um grande pedaço de Carne; carne barata, mas a que podiam comprar. A mulher deu um grito furioso quando foi obrigada a devolver o que roubara, porém Moira ignorou-a. Pôs a carne sobre a mesa, cortando-a em pequenos pedaços para juntá-los à sopa.

— Essa carne é minha! — a velha gritava,.

— Não é verdade, Mary, e você sabe muito bem que está mentindo! As crianças não podem ficar com fome, elas precisam de comida!

— Elas precisam é de um bom emprego, isso é que é! Mas, quem as quer?

Essa era uma pergunta que Moira muitas vezes fizera a si própria.

— Não seja gulosa, Mary — observou Moira. — Seria uma desgraça se as crianças morressem de fome porque você lhes roubou a comida!

— Mas eu estou sempre com fome, todas as noites quando chego em casa! — Mary queixou-se. — Meus pobres gatos nunca têm o que comer.

— Seus gatos que cacem camundongos. As crianças aqui nem ao menos podem apanhar frutas nas árvores. Oh, Mary, como eu gostaria que o orfanato fosse no campo. Seria muito mais fácil viver lá que em Londres.

— Londres é uma cidade boa para viver, quando se tem dinheiro — revidou Mary, com azedume.

— Qualquer lugar é bom nessas circunstâncias.

Moira acabou de picar a carne e colocou-a no caldeirão fumegante, e logo um aroma diferente e delicioso encheu o ar.

Ela acrescentou sal e cebolas e pediu a Mary:

— Mexa um pouco esta sopa, enquanto vou chamar as crianças. Você já lavou os pratos?

A empregada não respondeu, e Moira concluiu que ela não fizera nada, e nem tencionava fazer.

"Sempre a mesma coisa! Não se pode confiar em Mary, e a outra mulher que vem todas as tardes para limpar é ainda pior."

Por estar o orfanato superlotado, a sala de refeições fora transformada em dormitório, com algumas camas e colchões pelo chão. As crianças tinham que

comer em pé, no hall, ou sentadas nos degraus da escada. Isso dificultava a Moira ver se todos recebiam porções iguais de comida.

Ela tocou a sineta e uma onda de gente invadiu a cozinha, vinda de todas as direções. Somente os bebês ficaram no quarto, e Moira verificou se a vasilha de leite estava em lugar seguro, do contrário os maiores se serviriam de leite também, prejudicando os pequeninos.

Os cinco minutos que se seguiam davam sempre a impressão de que um comandante de navio tentava salvar seu barco de um temporal.

— Não, só um pedaço de pão para cada um. Fred ponha essa fatia de volta, você já pegou a sua parte! Cuidado, Hellen, não derrame a sopa. Não se empurrem, há bastante para todos!

Sempre as mesmas recomendações, cada dia, cada refeição!

Não era porque as crianças não amassem Moira que tentavam roubar comida; mas simplesmente por um instinto de conservação. Seria comer, ou morrer...

Após servir a última concha de sopa, Moira constatou que não sobrara nada para si. Um menino bem pequeno apanhara o último pedaço de pão, sobre a mesa da cozinha.

"A culpa é minha, devia ter lembrado de pegar minha fatia de pão, antes de chamar as crianças..."

Mas isso acontecera centenas de vezes, e Moira aceitava tudo com resignação. Ela apenas temia que, tornando-se fraca, pudesse derrubar os bebês.

Havia ainda uma chance de conseguir uma xícara de chá. Era um luxo que a Sra. Barrowfield reservava só para si: tomar chá durante as refeições. Estando de bom humor, permitia que Moira ficasse com o restante do fundo do bule.

Mary preparara duas grandes costeletas de porco para a diretora, e as arrumara num prato com algumas fatias de cebola frita.

— Aqui está a comida da patroa — disse a cozinheira, colocando o prato feito, o bule de chá e a xícara na bandeja.

— Tudo bem, Mary, mas você se esqueceu das batatas.

Havia batatas na sopa, muitas delas começando a estragar, pois no orfanato só se comprava o refugo; mas três delas, grandes, macias e perfeitas foram postas no prato junto das costelas. Moira ficou com água na boca.

"Talvez o cavalheiro que vai me acompanhar à Escócia me convide para jantar...", ela pensou, enquanto levava a bandeja para a saleta onde se encontrava a Sra. Barrowfield.

CAPÍTULO II

Houve uma verdadeira cena emocional, que deixou o Sr. Falkirk comovido quando foi buscar Moira no orfanato.

As crianças pequenas penduravam-se ao pescoço dela, choramingando, e as maiores gritaram "adeus" com bastante carinho até a carruagem desaparecer na estrada.

A Sra. Barrowfield parecia muito emocionada também; mas o Sr. Falkirk desconfiava de que a velha dama sofria mais por perder uma eficiente auxiliar que por razões sentimentais.

Fora difícil para Moira separar-se de todos e, quando finalmente entrou no carro, lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Levou algum tempo para ela ganhar o controle de suas emoções. Após viajarem por alguns minutos, debruçando-se na janela da carruagem, observou:

— Como tudo é lindo! Sabia que o campo era bonito, mas nunca pensei que fosse assim tão maravilhoso! — O Sr. Falkirk ia responder, quando ela acrescentou: — Olhe lá aquele dourado! Parece ouro mesmo!

— É o milho — declarou laconicamente o Sr. Falkirk. Depois, ele disse: — Você nunca esteve no campo antes, Moira?

Não. A Sra. Barrowfield havia me dado permissão de levar as crianças mais velhas ao Hyde Park; porém ultimamente li avia tantos bebês para eu tomar conta, que não podia me ausentar por muito tempo. E acabaram-se os passeios.

— Não obstante, as crianças precisam sair de casa de vez em quando.

— Elas brincam num terreno baldio, atrás do orfanato. É bem pequeno, e muito lamacento durante o inverno, mas ao menos elas tomam um pouco de ar fresco.

— Pobres órfãos!

Moira olhou novamente pela janela e murmurou:

— Se elas pudessem ver isto!

O Sr. Falkirk percebeu logo que os pensamentos dela estavam ainda presos às crianças que acabara de deixar.

Depois, com se falasse consigo mesma, ela prosseguiu com ar melancólico:

— Que vão fazer as crianças sem mim? Com certeza os menores ficarão famintos.

— É sobre isso que pretendia conversar com você, Moira. Notei que os órfãos não têm o suficiente para comer, e que o orfanato está em estado deplorável... coisa que não poderia ter acontecido!

O Sr. Falkirk viu que Moira o encarava ansiosamente, com os olhos ainda úmidos de lágrimas. Então falou depressa, para não a fazer sofrer mais:

— Arquitetei um plano que vai agradar você.

— E qual é?

— A governanta de Arkcraig House, em Londres, é uma senhora de idade, mas ainda muito capaz. Ela se lembra de quando o orfanato foi fundado, e também serviu a duquesa Anne; portanto sabe do interesse pessoal da nobre senhora pelos órfãos.

— Foi só depois que Sua Graça morreu que as coisas ficaram naquele estado.

— É o que pensei. Vou pedir à Sra. Kingston, esse é o nome dela, que arranje uma cozinheira competente a fim de que o alimento das crianças seja mais adequado.

A alegria transformou a face de Moira.

— A Sra. Kingston contratará algumas empregadas para cuidar da limpeza da casa — continuou ele. — E elas poderão também se ocupar das crianças. Não posso entender o que aconteceu com as professoras. Havia várias no tempo da duquesa Anne.

— Duas se aposentaram e nunca foram substituídas, e a última delas saiu há seis meses, por não conseguir controlar a disciplina dos mais velhos. — Moira fez uma pausa e depois acrescentou: — Não que eles fossem assim tão maus, mas ela não era boa professora. Eu passei a ensinar os menores, quando tinha tempo. Porém, com tantos bebês para cuidar, as coisas ficaram cada vez mais difíceis.

— Então, você começou a lhes contar histórias — observou o Sr. Falkirk, sorrindo.

— Fazia das histórias uma recompensa ao bom comportamento. E funcionava, sabe?

— Sem dúvida. Vou falar com Sua Graça para que providencie bons professores, como houve no passado.

— Será maravilhoso! — exclamou Moira. — Oh, como gostaria de estar lá! Há tanto que ainda preciso aprender!

O Sr. Falkirk fitou-a sorrindo e declarou:

— Você teve muitas aulas quando era mais jovem?

— Não o suficiente. O pastor da nossa igreja foi bom para mim, me ensinou muito, mas ele morreu no ano passado - informou Moira, com uma nota de tristeza na voz, pois a morte do ministro ainda a fazia sofrer.

— A que igreja pertencia ele, Moira?

— À presbiteriana, de Chelsea. Acho que é a única em Londres.

— E ele dirigia o culto do orfanato?

— Sim, todos os domingos. E ia também duas ou três vezes durante a semana para nos dar aulas sobre as Escrituras Sagradas. — Ela suspirou. — As aulas eram tão interessantes e eu as esperava com tanta ansiedade! Ele também me emprestava, livros...

— Você pode ler fluentemente?

Ah, sim! Adoro ler. Porém, depois que o ministro faleceu, o único livro que me restou foi a Bíblia, que ele mesmo me deu. Acho que até sei tudo de cor.

O Sr. Falkirk já havia notado que a linguagem de Moira era excelente. A menina tinha um vocabulário bem maior e melhor do que ele esperaria de uma criança crescida e educada num orfanato.

"Ela fala ótimo inglês!", ele disse a si mesmo.

— Sua Graça possui uma enorme biblioteca no castelo, Moira...

Será que ele me emprestaria livros? Será que Sua Graça me deixaria tocar nos livros dele?

Se você for cuidadosa, não vejo por que não! E, caso ele não os empreste, eu tenho uma coleção notável que está às suas ordens, Moira.

— Verdade, sir? Muito obrigada, então!

O Sr. Falkirk se divertia com a maneira de Moira falar, com o entusiasmo e a excitação dela. Ele acrescentou:

— Por sinal, tenho alguns livros comigo agora. Quando pararmos na hospedaria, vou abrir as malas e você poderá escolher o que lhe interessar, para ler

durante a viagem. Não sei se meus livros agradarão você. Talvez sejam sérios demais.

— Gosto de tudo que leio. Nunca tive dinheiro nem para comprar jornais. A Sra. Barrowfield achava esse gasto desnecessário.

O Sr. Falkirk franziu a testa. Ele decidira já insistir com o duque para aposentar a Sra. Barrowfield e substituí-la por uma senhora sensata, mais maternal, como diretora do orfanato. Alguém que pudesse preparar bem as crianças para o mundo onde eram lançadas, na tenra idade de doze anos.

Contudo, o que mais o chocara fora a falta de comida e de roupas decentes para os órfãos.

Porém, fitando Moira naquele momento ele constatou, com certo alívio, que o vestido cinza de gola branca que ela usava estava não apenas limpo, como também em bom estado. Era sem dúvida feio e severo, especialmente o gorro muito justo na cabeça, com certeza escolhido pela própria duquesa Harriet, a fundadora do Orfanato dos Sem-Nome, escocesa austera e sem sombra alguma de vaidade.

O Sr. Falkirk achava que Moira poderia tornar-se uma mulher atraente se ganhasse um pouco de peso, sem aquela magreza exagerada que mostrava todos os ossos.

— Vou fazer um negócio com você, Moira! — declarou ele.

— Um negócio?!

— É. Empréstimo meus livros, na condição de você comer tudo que for posto na sua frente durante nossa viagem à Escócia.

Moira sorriu e replicou:

— Garanto que não me ouvirá dizer "não" a quem me oferecer comida, sir.

Mas o Sr. Falkirk não teve muita certeza disso.

Quando pararam na primeira hospedaria, em Baldock, para passar a noite, Moira achou seu quarto o máximo em conforto e luxo.

Ela lavou as mãos e o rosto, trocou de roupa pondo outro uniforme cinzento exatamente igual ao anterior, e desceu para encontrar-se com o Sr. Falkirk.

Imaginava que ele também se trocaria, contudo não estava preparada para aquela diferença entre um traje de viagem o um de noite. Arregalou os olhos de espanto, ante a elegância do paletó bem talhado e da camisa engomada e alva do Sr. Falkirk.

Porém, o espanto causado pela vestimenta dele foi logo obscurecido diante da quantidade de comida, trazida à mesa pelo próprio dono do local e mais dois garçons uniformizados.

A refeição se iniciava com uma sopa substancial, seguida de uma perna de carneiro e de dois gordos pombos assados no espeto.

No aparador ao lado havia frios, salmão, torta de ostra, lombo de porco, frangos e presunto.

— Você deve estar com fome, Moira, como eu também — disse o Sr. Falkirk, assim que se sentaram à mesa.

Ele percebeu que a jovem esperara para ver que colher ele escolhia para a sopa, antes de começar a tomá-la.

Moira comia depressa, e se controlava para não se apressar ainda mais. Parecia faminta.

Logo que acabaram com a sopa, o proprietário entrou na sala com um maravilhoso peixe. Desculpou-se por não o ter ira/ido antes, pois a esposa apenas acabara de assá-lo.

— O senhor vai gostar, sir, e a senhorita também.

Moira serviu-se de um pedaço bem pequeno, e lançou um olhar significativo ao Sr. Falkirk temendo haver exagerado em sua posição. Ele não disse nada, mas, quando trinchou a perna de carneiro, serviu-lhe uma fatia generosa.

Quando terminou de comer, viu que Moira deixara quase indo no prato.

— Você não gosta de carneiro? — inquiriu ele.

— Gosto muito. Pareço uma ingrata, sir... Mas não consigo comer mais. Se ao menos pudéssemos mandar um pouco desta carne ao orfanato!

Não estou preocupado com o orfanato neste instante, Moira, mas com você! Prometeu que comeria tudo que estivesse na sua frente.

— Eu sei, sir, mas é impossível... Realmente impossível. Não posso comer nem mais uma garfada.

— O que você almoçou hoje? — Ela não respondeu, e ele insistiu: — Quero saber, Moira!

— Um pedaço... De pão e um pouco de café. Não havia comida bastante... Para todos.

— Isso vai ser remediado no futuro, eu prometo. Por agora, coma e seja sensata. Não vai ajudar as crianças se ficar com fome. Faça um esforço para se fortalecer, pois Sua Graça não desejaria ver você assim tão magra.

— Vou tentar... Na verdade, vou tentar.

Para agradar o Sr. Falkirk ela comeu algumas colheradas de geléia, uma das especialidades da casa.

O Sr. Falkirk fez justiça ao cardápio, e comeu muito bem de tudo. Ele explicou a Moira que aquela comida era bem superior à que encontrariam nas outras hospedarias onde iriam pernoitar pelo caminho, até chegar à Escócia.

Ele bebeu vinho também, porém não o ofereceu a Moira.

Foram dormir e levantaram-se cedo na manhã seguinte, para prosseguir viagem.

Moira não fez perguntas de início, para não incomodar o Sr. Falkirk, mas ele descobriu logo que a jovem estava ardendo de curiosidade para saber sobre dúzias de assuntos. Por isso, começou a conversar. Foi fascinante para ele ver o campo através dos olhos de uma jovem de quase dezoito anos, que vivera praticamente encarcerada entre as quatro paredes de um orfanato, tendo tido pouco contato com o mundo exterior.

No decorrer da viagem, o secretário ficava cada vez mais surpreendido não somente com a inteligência de Moira como também pelo fato de ela ter adquirido, pela leitura, um conhecimento além da expectativa. Divertia-o observar as reações dela aos novos problemas, e ver o que pensava dos ricos e dos pobres.

Durante a conversa, ela comentou:

— Parece-me estranho que haja tantos ricos vivendo em Londres, e que não se importem com os muitos, muitos pobres lá existentes.

— Você se refere aos pobres que encontra pelas ruas?

— Sim, sir, os varredores de ruas, as mulheres pobres como Mary que, apesar de bastante idosas, têm que trabalhar para não morrer de fome. Alguém devia cuidar de pessoas assim, não acha?

— Muitas vezes eu também pensei nisso — admitiu o Sr. Falkirk.

— E as crianças pobres, que sofrem tanto? Quem lhes dá assistência? O doutor do orfanato dizia sempre que, se nós não recebêssemos uma criança, ela seria jogada no rio pois ninguém a queria!

Todos esses comentários deram ao Sr. Falkirk a certeza de que Moira era uma menina sensível, algo raramente encontrado em pessoas daquela formação.

— Se eu fosse rica... Algumas vezes sonho que tenho milhões e milhões de libras... Fundaria escolas gratuitas para todas essas crianças! — acrescentou ela.

— E acha que isso as faria feliz?

— Com boa instrução teriam oportunidade de melhores empregos. Os homens que vão ao orfanato à procura de aprendizes, sempre insistem em saber se os meninos podem ler e escrever bem. Para as meninas, esse requisito parece não ser tão importante...

Então, você pensa que todas as crianças devem aprender a ler?

Sem dúvida! Não há nada mais maravilhoso que ler.

O Sr. Falkirk sorriu e observou:

— Haverá outras coisas que lhe interessarão muito... coisas que você pode apreciar, além de apenas ler sobre elas.

Houve um curto espaço de tempo, em que ambos se conservaram calados. Depois, Moira indagou:

— O que Sua Graça quer de mim? O senhor acha que há crianças lá, para eu tomar conta?

— Não tenho idéia sobre o que ele pretende, e estou sendo franco; Moira. Sua Graça me pediu que levasse uma menina do orfanato para a Escócia, e eu apenas obedeço ordens.

— A Sra. Barrowfield me disse que o senhor era secretário do duque.

— E sou. Servi o pai dele até sua morte, e agora sou secretário do filho, o quinto duque de Arkcraig.

— E há uma duquesa também?

— Havia, mas ela faleceu recentemente.

— E não deixou filhos? Pensei que talvez essa fosse a razão de minha ida à Escócia: cuidar de crianças, o que aliás gosto muito de fazer.

— Sinto, Moira, mas não há crianças no Castelo de Arkcraig, embora haja muitas no território do duque.

— Talvez então ele me deseje para trabalhar na lavanderia. Sou boa na lavagem de roupa... Quando há sabão, é claro! Preferiria não me ocupar da cozinha, porém desconfio que não tenho escolha. Devo obedecer às ordens de Sua Graça!

— É o que todos nós fazemos... — o Sr. Falkirk falava de modo a animar Moira, mas estava irritado com a situação.

As perguntas da jovem acerca da razão de sua ida à Escócia só serviam para aumentar sua irritação contra o duque, por não ter confiado nele. E, em consideração a toda a tragédia que tivera lugar na França, culminando com a morte da duquesa, o secretário não pressionara seu patrão para ser mais explícito.

Quando o duque dera instruções ao Sr. Falkirk para levar uma menina do orfanato à Escócia, uma carruagem já esperava por Sua Graça na porta do castelo.

Havia quatro cavalheiros para escoltá-lo e, atrás, seguia um landô com a bagagem, o valete e outro empregado a quem o Sr. Falkirk dera ordens na última hora, para pagar as contas nas diversas estalagens onde Sua Graça se hospedasse.

Tudo fora feito tão às pressas, que o secretário não tivera tempo de fazer perguntas ao duque, e dúzias de questões ficaram sem respostas. E, já bem avançado na viagem de ida ao orfanato, ele começou a ter dúvidas sobre se interpretara bem as ordens do patrão.

O Sr. Falkirk não negava também que ele usara de tato em não indagar detalhes ao duque, de mau humor no momento da partida após uma noite de insônia, o que se podia constatar pelas suas olheiras profundas e testas franzida. O secretário gostaria de ter expressado compreensão e afeto a Sua Graça, mas julgara mais prudente não interferir em assuntos íntimos do duque.

E agora, já de volta em companhia de Moira, ficava mais difícil não se preocupar com a sorte dela, à medida que se aproximavam do castelo. O que a esperaria?

Havia ainda, contudo, muito chão a percorrer.

Naquela época do ano as estradas estavam secas e não existia o perigo de a carruagem ficar atolada na lama, nem de eles ficarem perdidos na densa neblina, como acontecera em outras ocasiões nessa mesma rota.

O dia apresentava-se lindo e ensolarado, não quente demais, embora estivessem no mês de junho. Uma brisa suave penetrava pela janela da carruagem.

No início da viagem, o Sr. Falkirk ficara ligeiramente agastado pelo fato de o duque ter levado consigo os cavalheiros, e deixado o carro dele, onde Moira viajaria depois, sem proteção alguma contra os assaltantes de estradas. Porém, foi um alívio notar que a única poeira levantada do solo era provocada pelas rodas da própria carruagem em que viajavam.

Apesar da excitação de Moira com suas perguntas constantes, após haver perdido a timidez, o Sr. Falkirk conseguiu dormir um pouco durante a viagem. Ele sabia que, assim que fechasse os olhos, Moira abriria um dos livros emprestados e, encolhendo-se no canto da carruagem, lia o tempo todo.

Já na hospedaria onde passaram a segunda noite, ele estava tão interessado nos comentários de Moira sobre os assuntos do livro, principalmente a Rebelião de 45, que ficou acordado boa parte da noite conversando com ela. Não somente falaram sobre o conteúdo do livro, como também ele lhe contou suas próprias idéias acerca dos assuntos discutidos e de outros temas.

Foi só quando se viu sozinho em seu quarto da estalagem, que ele caiu em si lembrando-se de que conversara, discutira, argüira com uma menina de menos de dezoito anos, como se ela fosse uma pessoa de sua idade!

"O melhor seria que Moira se concentrasse no trabalho que a espera no castelo, em vez de encher a cabeça com assuntos que jamais farão parte de sua vida de horizontes limitados. A menina é excepcional, não há dúvida, e é realmente uma pena..."

E ele concluiu logo que, demonstrar um afeto especial ela no meio da criadagem, poria Moira em situação difícil. Ela já não teria uma posição agradável pelo simples fato de ser uma enjeitada. Embora os ingleses já estivessem mais condescendentes quanto a essa condição de filho ilegítimo, os escoceses eram ainda extremamente puritanos e intransigentes. Por ela não ter pai, seria tachada de indesejável e, sendo inglesa, as coisas eram bem piores!

"O melhor que posso fazer é encaminhá-la já de volta!", ponderou o Sr. Falkirk, tentando encontrar alguma desculpa que justificasse sua decisão.

Começou a se culpar por ter obedecido às ordens do duque tão ao pé da letra. Teria sido muito fácil, em vez de levar Moira à Escócia, informar Sua Graça que não havia órfã na idade requerida, e que ele nada pudera fazer.

Seria uma pequena mentira, ou nem isso, pois na realidade Moira não era uma órfã como as demais.

Talvez Sua Graça houvesse esquecido que, a partir da idade de doze anos, os órfãos eram todos encaminhados para ser aprendizes fora do orfanato.

"Fui tolo por não ter pensado nisso antes!", o Sr. Falkirk repetia a si mesmo dezenas de vezes, nos dias que se sucederam. Porém, não havia mais nada a fazer.

Os dois prosseguiram a viagem e já estavam no norte da Inglaterra, bem próximos à fronteira da Escócia. Ele achava Moira cada vez mais interessante, e cada vez mais temia pelo destino que a aguardava no Castelo de Arkcraig. Ela era

especial, pensava o secretário, e em mil órfãs não seria possível encontrar outra igual.

A certo momento, inesperadamente, Moira perguntou:

— Posso lhe pedir um favor, sir?

— Mas claro! De que se trata?

— Sou muito... Ignorante em matéria de etiqueta social. E, como não desejo cometer falhas, ficaria grata ao senhor se me instruisse... E me corrigisse quando necessário. Isso talvez o incomode, mas sempre quis me comportar como uma lady e nunca pude encontrar um livro sobre esse assunto.

— Acredito que haja esse tipo de livro, Moira. Porém, acho que você possui um instinto natural para tudo o que é certo, qualidade mais importante que qualquer coisa que se possa ler em manuais.

— O senhor é muito bondoso, sir, mas sei bem que cometo dúzias de erros. Venho tentando imitar seu modo de comer, aliás bem diferente do da Sra. Barrowfield.

— Acredito. Vou lhe ensinar a maneira correta, Moira.

Contudo, ele refletia sobre o que adiantaria Moira saber segurar com propriedade os talheres, ou erguer uma xícara aos lábios elegantemente, ou sentar-se com graça. Ela passaria o resto da vida entre os empregados, que se portavam de maneira exatamente oposta à considerada certa por seus pa- 11 (>cs. O Sr. Falkirk apenas esperava que os criados não caçassem dela por ser diferente.

"Mas, Moira é diferente mesmo!", ponderou ele de novo, desejando mais uma vez havê-la deixado onde estava, mesmo perguntando-se quanto tempo agüentaria aquela vida.

Agora, apesar da viagem cansativa que já durava uma semana, Moira tinha uma aparência muito melhor. A tensão desaparecera de seu rosto, os ossos pareciam menos salientes; ela estava menos magra e confessara ao Sr. Falkirk que mal podia abotoar o cinto do vestido.

Espero que, quando chegarmos à Escócia, você faça um vestido novo — sugeriu ele.

O senhor acha que posso usar... Roupas diferentes desta? Acha que posso ter vestidos como os das outras mulheres?

É mais uma pergunta que só o duque poderá responder, Moira.

Ele é quem decide tudo, não?

Sim, é. E embora os aristocratas ingleses tenham muito poder e influência, o duque de Arkcraig pertence a uma categoria especial, muito mais poderosa, própria só dele.

O que o senhor quer dizer com isso?

— Que, além de ser um membro da nobreza, é o chefe de meu clã.

Li sobre os clãs da Escócia, em um de seus livros.

E vai encontrar neles muitas referências aos McCraig. Eles são parte da história da Escócia, e lutaram em todas as grandes batalhas em que a Escócia foi envolvida.

— Stirling Bridge, por exemplo.

Claro, Moira! E na batalha de 1298 também. Sabe qual foi, não?

Ela pensou por segundos e respondeu:

Sim, claro. Li sobre essa batalha ontem à noite. Tinha o mesmo nome do senhor: Batalha de Falkirk.

— Certo! Certíssimo!

— Pensei muito sobre Wallace. Que homem notável! No entanto, foi enforcado, arrastado pelas ruas e esquartejado.

— O rei Edward nunca pôde perdoá-lo por ele ter devastado Northumberland, e vencido a Batalha de Stirling Bridge — explicou-lhe o Sr. Falkirk.

— Seus livros falam muito sobre as batalhas, de como foram gloriosas, cheias de atos de bravura, mas eu fico pensando é nos homens feridos e abandonados nos campos de luta, sem ninguém para cuidar deles.

— É verdade! E, os que não eram liquidados em combates, morriam pouco mais tarde em consequência de ferimentos recebidos. Foram tempos difíceis, mas hoje em dia os clãs cessaram as hostilidades. Apenas cultivam suas terras e cuidam do gado, em paz.

— Os escoceses se submetem ainda ao chefe do clã?

— Eles acreditam no chefe, confiam nele. Sem o chefe o clã é como um navio sem leme, ou um rebanho sem pastor.

O Sr. Falkirk falava quase com raiva, pois tinha em mente o modo como alguns chefes de clãs viviam, procurando o divertimento fora da Escócia, abandonando por completo suas terras em busca da fascinação da corte de Londres. Conseqüentemente, os clãs se dispersavam, e muitos indivíduos eram explorados por pequenos proprietários que pagavam quantias irrisórias a seus empregados. Outros escoceses eram obrigados a emigrar para países de além-mar, porque os grandes senhores queriam transformar suas vastas propriedades em pastos para carneiros, expulsando famílias inteiras que haviam morado na região por séculos.

Perdido em seus pensamentos ele se esquecera de Moira que, de repente, perguntou:

— Quer me falar, sir, sobre o atual duque? Ele é jovem?

— Sua Graça acabou de fazer trinta anos. Ele é muito atraente, e tem o aspecto de um verdadeiro chefe de clã. Você vai ver. — Ele fez uma pausa e depois continuou, com certo receio: — Sua Graça tem tido alguns problemas ultimamente, e só espero que ele tenha mais sorte no futuro do que no passado.

Moira possuía interesse no assunto mas, discreta como era, vendo que o Sr. Falkirk não esclarecia mais nada, resolveu não perguntar.

Quando faltava um dia para chegarem ao Castelo de Arkcraig, a lembrança do duque começou a perturbá-la, a ponto fazê-la nervosa.

O Sr. Falkirk informara, no dia anterior:

— Estamos agora em terras dos McCraig.

Moira vira algumas vezes, em Londres, mulheres com cestas na cabeça vendendo maços de urzes provenientes da Escócia. As flores eram na maioria brancas, raramente roxas. Contudo, em seu habitat elas pareciam muito diferentes, todas de um roxo e um lilás brilhantes.

De manhã as montanhas se apresentavam cobertas de neve e, em pleno dia, iluminadas pelo sol; davam a toda a região o aspecto de um país das fadas. E os lagos muito azuis acrescentavam mais encanto à paisagem.

Moira jamais supusera que pudesse haver tanto fascínio naquela mistura de luz e sombra, com cores que pareciam irreais. O céu mudava rapidamente do azul ao cinza, do sol resplandecente à chuva, como uma mulher temperamental.

— É tudo de maneira que você imaginou que fosse, Moira?

— Não. Jamais sonhei que existisse tanta beleza sobre a terra. A escócia é linda, tão linda que tenho a impressão de estar sonhando!

Vendo o entusiasmo de Moira, o Sr. Falkirk entendeu por que ela parara de ler. Ficava admirando a paisagem pela janela o tempo todo, e a brisa trazia até eles o aroma das urzes.

As vezes Moira parecia enfeitiçada, com os olhos cheios de mistério, como as cascatas prateadas e os córregos de cristal que serpenteavam ao longo da estrada.

Ela se entristecia de vez em quando, pensando em seu futuro, e o Sr. Falkirk estava igualmente apreensivo quanto a isso.

Durante toda a viagem ele se empenhara em transformar Moira, da menina de orfanato, numa mulher sofisticada. E não foram apenas as instruções que ele lhe dera, as coisas que explicara e as respostas às suas questões que fizeram dela uma criatura confiante em si. O fato de viajarem juntos concorreu muito para tal.

"Talvez eu devesse tê-la feito seguir em outro carro, como uma empregada...", o Sr. Falkirk se questionava. "Terei eu errado?"

Im vez disso, sem realmente refletir muito sobre as conveniências, ele a levava na mesma carruagem, como se ela fosse uma jovem bem-nascida de suas relações.

Nas hospedarias, Moira dormia nos melhores quartos, comera com ele em salas reservadas e fora servida por camareiras e criados.

Sendo sensível, prudente, e tendo um instinto que a fazia distinguir o certo do errado, ela se portara durante toda a viagem como uma lady. A única coisa que a traía eram suas roupas.

— Foi tudo um erro, lamento muito, mas foi tudo um erro — ele dissera em voz alta em seu quarto na estalagem, apesar de reconhecer que, se tivesse de voltar atrás, faria o mesmo.

Homem solteiro, sem filhos, ele achara fascinante observar um botão se abrir e se transformar em flor; e flor de surpreendente beleza!

Havia algo na mente de Moira que o impressionava, e ele a considerava o tipo de aluna que qualquer professor desejaria ter.

Mentalmente alerta, receptiva, Moira assimilava não apenas o que ele lhe dizia, mas até o que ele pensava.

"Só Deus sabe o que acontecerá a ela!", o Sr. Falkirk ponderava e, se fosse obedecer sua inclinação, iria mandá-la de volta a Londres naquele instante, antes de chegarem ao castelo.

Desconhecendo o que ele pensava, Moira tinha os olhos fixos nos picos das montanhas e nas cachoeiras prateadas cujas águas desencadeavam-se pela rocha cinzenta e nua, até cair no lago azul bem abaixo.

— Tudo fica cada vez mais bonito! — disse ela. — Há qualquer coisa na Escócia que me faz sentir, embora pareça ridículo, como se eu pertencesse a este lugar... Como se isto fosse uma parte de mim mesma, uma parte integrante de meu coração!

Duas carruagens se aproximavam do Castelo de Arkcraig, conduzindo seis homens que usavam o saiote xadrez verde e amarelo dos Kildonnon.

O chefe do clã, homem atraente e de costeletas eriçadas semelhantes às sobranceiras, e de bigode grisalho, sentia-se bem à vontade numa daquelas roupas.

Mas o irmão e dois filhos do chefe, que também usavam o mesmo tipo de saiote, discutiam entre si sobre a razão daquele convite inesperado ao Castelo de Arkcraig.

— Por que o senhor acha, pai, que o duque exigiu nossa presença no castelo de maneira tão arrogante?

0 Foi uma ordem, mais que um convite! — interpôs o outro filho.

— É verdade — concordou Alister Kildonnon, o tio. — O duque apenas disse: "Venham ao castelo às quatro horas, no dia dez de julho sem falta!", e não perguntou: "Querem vir?"

— Garanto que ele deseja nos falar acerca de sua visita a França — declarou o chefe Kildonnon.

O título dos Kildonnon era um dos mais antigos da Escócia e, embora eles constituíssem um pequeno clã, tinham uma longa história da qual se orgulhavam muito.

— Você sabia que o duque tinha estado na França? — indagou Alister.

— Sim, sabia — respondeu o chefe.

— E não desconfia que tenha havido alguma razão especial para essa viagem?

Silêncio. Após curto espaço de tempo, Kildonnon disse:

— Que quer você dizer com isso?

Silêncio novamente, fazendo-se exceção ao ruído das rodas da carruagem e das patas dos cavalos.

Então, Alister Kildonnon replicou:

— Ouvi boatos... Não sei se você ouviu também que Margaret tinha ido à França, há mais ou menos um mês.

Margaret foi à França?! — repetiu Kildonnon. — Quem falou isso? E por que não me contaram nada?

— Não sei se é verdade — respondeu Alister. — Tudo que sei é que ela saiu do castelo e foi para o sul.

Os dois filhos e Kildonnon se entreolharam. Era óbvio que tinham algo a dizer, mas preferiram permanecer calados e imóveis.

Eles eram rapazes bonitos, um de dezenove anos e outro de vinte e três anos. Usavam seus gorros um pouco de lado e, quando caminhavam, tinham aquela afetação característica dos jovens do clã dos Kildonnon.

— Bem, vamos saber se Margaret está na França quando chegarmos ao castelo — observou Alister Kildonnon, no instante em que os cavalos subiam a última rampa de acesso ao castelo.

O Castelo de Arkcraig estava situado no alto de uma colina, numa posição estratégica escolhida há séculos atrás, quando os McCraig tinham necessidade de fortificar seus baluartes contra os ataques inimigos.

E, os mais agressivos dentre eles, eram os Kildonnon.

A guerra permanente entre esses dois clãs deixara como resultado uma infinidade de sepulturas no cemitério da capela local, no vale logo abaixo.

Bem acima do castelo com suas fortificações, torres, ameias e a muralha externa que outrora fora uma fortaleza inexpugnável, elevavam-se montanhas altíssimas que durante o inverno ficavam constantemente cobertas de neve.

Mas, naquela época do ano, as urzes na plenitude de sua florada faziam um cintilante fundo, que contrastava com a pedra cinzenta do edifício ancestral.

As carruagens pararam em frente ao enorme portal decorado com taxas de latão e dobradiças de ferro batido, antiqüíssimas.

Assim que os cavalos pararam, a porta se abriu e vários empregados, todos eles com roupas no tecido xadrez nas cores dos McCraig, e com bolsas de pele à cintura, esperavam pelos visitantes para acompanhá-los ao interior da mansão.

A segunda carruagem transportava os dois filhos gêmeos de Alister Kildonnon.

Os seis homens foram então conduzidos, com certa cerimônia, às escadarias que levavam ao andar superior, por um mordomo que tinha uma bolsa ainda mais trabalhada que a dos outros serviçais.

No segundo andar ficavam as salas de recepção, como era costume da Escócia, sendo a maior importante delas o salão ducal, onde os Kildonnon iam ser recebidos pelo duque.

— Por aqui, senhores — disse o mordomo.

Tratava-se de um salão magnífico, com colossais janelas dando para o jardim. Mais adiante via-se o lago cor de prata, circundando de campos ondulantes onde abundavam veados e aves galináceas.

Não havia ninguém no salão ducal.

Kildonnon caminhou até a janela para apreciar a vista; olhou com inveja para o lago que ele sabia estar cheio de salmões, e para os campos muito melhores que os seus, pois na certa abrigavam maior quantidade de animais.

Ele tinha ido ao castelo, contudo, não para admirar e nem Invejar as propriedades do duque de Arkcraig. E se questionava, como os outros haviam feito durante a viagem, sobre a razão daquela ordem do duque para que comparecessem a sua residência. Teriam os boatos sobre a duquesa algum fundamento sério?

A porta do salão se abriu e o duque de Arkcraig entrou.

Só um ligeiro olhar na direção dele foi suficiente para Kildonnon perceber que aquele encontro não era de bons amigos.

O duque de Arkcraig era mais alto que qualquer um dos Kildonnon, e naquele dia tinha uma atitude que indicava não estar de bom humor.

No ano anterior, quando o duque passara a ser seu genro, Kildonnon aprendera a apreciá-lo e até a gostar dele. Os encontros entre ambos não tinham mais formalidade alguma. O duque costumava estender-lhe a mão num cumprimento amistoso, e eles discutiam sobre interesses comuns aos dois clãs. Porém naquele dia o duque, avançando alguns passos, ficou encarando o velho Kildonnon como se jamais o tivesse visto antes.

Carrancudo, com evidente expressão de ódio no olhar, deu ao grupo dos seis homens ali reunidos a impressão de que eles eram considerados prisioneiros do castelo a partir daquele Instante!

Ele usava todas as condecorações de chefe de clã, uma bolsa branca bordada em prata pendurada na frente do saiote vermelho, azul e branco, e um xale preso ao ombro com um avantajado broche de quartzo. Tinha uma gola de renda em volta do pescoço e uma faca, o *skean-dhu*, estava enfiada na meia xadrez.

O silêncio com que o duque os recebeu prenunciava tempestade, e parecia tão agourento como as nuvens escuras que às vezes cobriam os pantanais da Escócia.

Então, com esforço, considerando que como mais velho deveria dispersar aquela atmosfera de tensão, Kildonnon cumprimentou-o:

— Boa tarde, Arkcraig! Você nos convidou para virmos a aqui, e aqui estamos!

— Boa tarde! — A voz do duque era fria e distante. — Sentem-se, por favor.

Ele indicou aos homens cadeiras num extremo da sala, na frente das quais havia uma poltrona de espaldar alto, toda entalhada, que Kildonnon sabia ser usada só em ocasiões formais, pelo chefe do clã.

Os seis homens trocaram olhares preocupados entre si.

Para não mostrar o temor que crescia dentro dele, Kildonnon sentou-se e cruzou as pernas displicentemente. Os outros fizeram o mesmo, e somente depois que todos estavam acomodados, o duque andou devagar, com um ar de autoridade inerente à sua posição de chefe de clã, e aproximou-se da poltrona que se assemelhava mais a um trono.

Porém, não se sentou. Fitando o velho Kildonnon bem nos olhos, ele disse vagarosamente, pronunciando palavra por palavra com bastante clareza:

— Fui à sua casa convidá-lo pessoalmente, Kildonnon, para que tomasse conhecimento da verdade a respeito de sua filha Margaret, minha esposa e duquesa de Arkcraig... Que agora está morta!

CAPÍTULO III

"Morta!"

Essa palavra explodiu pelo salão ducal, como uma bomba.

Enquanto todos encaravam o duque com incredulidade, Kildonnon disse vagarosamente:

— Por que não me falaram nada!

— Estou lhe dizendo agora!

— E onde está o corpo de Margaret?

Foi enterrado na França, ao lado de seu amante. Estou pronto para lhe relatar o que houve, e essa é exatamente a razão pela qual lhe pedi que viesse aqui.

Kildonnon encarou-o, com a testa franzida. Os outros estavam rígidos em suas cadeiras, e apenas o duque parecia de posse do controle emocional.

Mas havia em sua expressão algo tão tenebroso, tão severa, que dava a impressão de ter se transformado da noite para o dia num velho.

Ele se dirigiu a Kildonnon:

— Quando nós dois concordamos que nossos clãs vivessem em paz, e que não houvesse mais guerras entre nós, você sugeriu algumas coisas que eu poderia fazer a fim de concorrer para essa condição de boa vizinhança. E a primeira sugestão foi que eu doasse dez mil libras para ajudar os pobres de seu clã, principalmente os que sofreram nas mãos dos membros de meu clã.

— É verdade. Pois foram os McCraig que destruíram nossas colheitas, dispersaram nossos rebanhos e roubaram nossos carneiros.

Kildonnon falava agressivamente, mas o duque ignorou por completo a interrupção. Com os olhos fixos nele, prosseguiu, como se ninguém houvesse falado:

Sua segunda sugestão foi que eu casasse com Margaret, para garantir que nossos clãs permanecessem unidos. Vocês insistiu que, se sua filha se tornasse a duquesa de Arkcraig, muito se poderia fazer pelas mulheres do clã dos Kildonnon. Margaret as faria entender que os dias de guerra estavam findos, e que os filhos delas seriam educados acreditando numa paz duradoura.

Kildonnon não respondeu, e o duque prosseguiu:

— Não foi o que você sugeriu e com o que eu concordei?

— Foi — respondeu Kildonnon, brevemente.

— Por acreditar que aquilo que você sugeria era de grande vantagem, não apenas para seu clã mas para o meu também, dei-lhe o dinheiro e casei-me com sua filha.

Por segundos o duque fitou os outros membros do clã e, havia um ar de tanto desprezo na face dele, que todos se retesaram como se o duque tivesse cuspidos em suas faces.

— Eu não sabia que Margaret não se achava de acordo com essas idéias — continuou o duque. — E que não tinha a intenção de aderir ao quadro róseo de paz e prosperidade que prevíamos para o futuro. Ela mentiu, como os Kildonnon mentiram por séculos.

— Eu considero isso um insulto! — exclamou Alister Kildonnon.

— E é um insulto mesmo! Margaret Kildonnon, na noite de nosso casamento, informou que me odiava e a cada membro de meu clã! E o pior: que só seria minha esposa de nome!

Mais uma vez houve um silêncio absoluto, pungente, até Kildonnon se pronunciar, desta vez num tom mais cordato:

— Você precisa acreditar, Arkcraig, que eu não tinha idéia quanto aos sentimentos de Margaret em relação à sua pessoa.

— Admiti que o tempo amenizaria qualquer revolta dela... — interveio o duque. — Mas o que eu não sabia, e sem dúvida, era conhecimento de alguns membros de sua família, é que Margaret possuía um amante, e que continuava seu relacionamento com ele após nosso casamento.

Kildonnon parecia embaraçado, e seus dois filhos lançavam olhares significativos um ao outro.

O duque prosseguiu:

— Sempre soube que o marido era o último a saber... — A voz do duque, embora ele se referisse a algo humilhante, soou absolutamente controlada e natural.

— Eu lhe asseguro, sob juramento, que desconhecia tudo Isso! — declarou Kildonnon.

— Então, foi enganado tanto quanto eu! Não apenas por mi filha, mas por seus filhos, sobrinhos, e com certeza por seu irmão!

Devagar, Kildonnon virou a cabeça para fitar seus parentes mas eles baixaram os olhos.

O duque riu com sarcasmo e indagou:

— Você, por acaso, acha que eles não sabiam que o primo Neil se encontrava com minha esposa clandestinamente sempre que possível? Havia sem dúvida membros de meu clã que poderiam ter posto a par de aonde a duquesa ia quando teimava em cavalgar sozinha, de quem a esperava nas charnecas ou nas matas, de como suas cartas eram trazidas às ocultas para o castelo e de como eram enviadas para fora... Igualmente em segredo! Mas não o fizeram!

Cada palavra do duque parecia uma chicotada. Agora, não havia mais desprezo em seu tom de voz, mas também ira, um ódio incontrollável que se evidenciava até no brilho faiscante de seus olhos escuros.

Não sei por quanto tempo esse vergonhoso subterfúgio teria continuado, se sua filha não se tivesse convencido de que eu iria me inteirar de sua perfídia por ela estar grávida!

Kildonnon ficou profundamente chocado. Ele apertou as mãos contra os braços da cadeira, e seu irmão ficou branco 11 >1110 cera.

— Grávida! — exclamou Kildonnon. — Como você veio a saber disso?

— Sua filha se achou na obrigação de me deixar uma carta relatando as circunstâncias que a obrigavam a seguir para aliança, com seu amante e primo Neil Kildonnon.

Mais uma vez os dois irmãos de Margaret se entreolharam, e era óbvio que sabiam para onde a irmã havia viajado.

O duque, contudo, nem olhou para os rapazes, continuando a falar com Kildonnon:

Logo que soube para onde tinha ido a mulher que usava meu nome, e que estava grávida do filho de outro homem, eu a segui.

Você foi à França?! — À pergunta de Kildonnon foi tal qual um grunhido.

— Fui. Como viajei por mar e eles por terra, cheguei em Calais bem antes.

— E o que aconteceu? — inquireu Alister, já impaciente

— Desafiei Neil Kildonnon para um duelo, e matei-o!

— Matou-o! — exclamou Kildonnon, dando às suas palavras um tom de acusação.

— Sim, num duelo perfeitamente honroso, em que fomos assistidos por padrinhos. O juiz também era de reputação irrefutável.

Foi a vez de Rory, o filho mais velho de Kildonnon indagar

— E Neil não feriu você?

— Neil nunca foi bom atirador.

— E você o matou! — Esse comentário de Alister soou também acusatório.

— Na verdade, ele morreu com toda assistência médica — declarou o duque, friamente. — Foi feito o possível para salvar-lhe a vida.

— Não obstante, morreu! — gritou Kildonnon. — E Margaret?

— Quando ela soube que Neil morrera, cravou no peito o punhal de seu amante!

— Você podia ter evitado isso! Sem dúvida, podia ter evitado! — berrou Rory, pondo-se de pé.

O duque fitou-o da cabeça aos pés, e disse:

— Providenciei para que minha mulher fosse levada a um convento e posta aos cuidados das freiras. Por estar com muita dor, o médico receitou-lhe láudano. A freira que cuidava dela deu-lhe a dose prescrita e, infelizmente, deixou o frasco no quarto.

O duque desviou o olhar de Rory, que ainda o fitava agressivamente, e dirigiu-se a Kildonnon:

— Com esforço sobre-humano, parece, Margaret levantou-se da cama, pegou o vidro e bebeu todo o conteúdo do mesmo. Entrou em coma, da qual nunca mais saiu.

Rory observou:

— E foi muito conveniente para você, suponho. Assim livrou-se de ambos: de Neil e de minha irmã! — Dito isso, deu um passo na direção do duque, com a cabeça erguida e os punhos cerrados.

— Sente-se! — ordenou-lhe o duque. — E ouça o que tenho a lhe dizer.

De início, pareceu que ele iria desafiar o duque, mas Kildonnon tomou a palavra:

— Sente-se, Rory! Margaret está morta, e não há nada que possamos fazer por ela.

— E Neil também está morto! — retorquiu Rory, mas obedeceu ao pai.

O duque olhou para os homens todos ali sentados, e disse:

— Há duas coisas que vocês podem fazer: cuidar para que a história da morte de minha mulher fique entre as quatro paredes desta sala, ou espalhar a notícia por toda a parte. No segundo caso, nossos clãs reiniciarão suas lutas!

Ele olhou para Rory Kildonnon e para os outros enquanto falava e percebeu, pela expressão das faces, que todos teriam Imensa satisfação em ir à luta.

Mas Kildonnon se manifestou, com voz autoritária:

— O que você acaba de nos contar, Arkcraig, será mantido em segredo! Não quero que a memória de minha filha se- m difamada, e nem desejo perpetuar uma guerra que já trouxe muita miséria e morte ao nosso clã.

— É uma resolução sensata — replicou o duque. — Porém, em vista da maneira como fui tratado, e por causa da humilhação que sofri, quero impor uma condição a vocês.

Os seis homens olharam-no, apreensivos. Havia um quê no modo como o duque falara que os fez prever tempestade.

Kildonnon inquiriu:

— Qual é sua condição?

— E muito simples. Aceitei uma esposa de sua escolha. Agora vocês aceitarão uma da minha.

— Uma esposa?! — Alister exclamou incrédulo.

Como resposta, o duque apanhou a sineta de prata e tocou-a. Quase instantaneamente, a porta se abriu.

A estrada que subia pela encosta das colinas atravessava campos extensos, cobertos de urzes coloridas.

De vez em quando, quando os cavalos as perturbavam, bandos de aves levantavam vôo, descrevendo circunvoluções pelo vale com uma graça indescritível.

Durante todo o trajeto, desde que deixaram a última estalagem, Moira parecia enfeitiçada pela beleza da paisagem dos lugares por onde passavam.

Havia florestas de pinheiros de um verde escuro, quase negro; montanhas nuas com cascatas prateadas que brilhavam à luz do sol e despejavam suas águas nas profundezas de grotas rochosas. Os lagos eram ainda mais bonitos do que os que ela vira antes, e o sol os tornava dourados.

Moira tinha a impressão de estar atravessando um país de fadas.

— Pode algum lugar ser mais lindo que este? — ela perguntou, e o Sr. Falkirk, sentado ao lado, riu.

— Você disse a mesma coisa ontem, Moira.

— E vou repeti-la amanhã. Que bom se nossa viagem não acabasse nunca!

Sabia que Moira estava preocupada com a chegada ao castelo, e dava-lhe razão. Ele também se entristecia um pouco ao pensar que a viagem chegaria a um termo, e que não poderia continuar ensinando aquela menina tão inteligente.

— Em pouco tempo chegaremos ao castelo — ele declarou, quando os cavalos começaram a subir a última rampa.

Moira fitou-o e admitiu, em voz muito baixa:

— Estou... com medo.

— Não vai ser tão horrível como pensa, Moira.

— Mas pode ser até pior. — Ela suspirou. — O senhor estará lá... O tempo todo?

— Sim. Mas você precisa entender Moira, que sou o secretário de Sua Graça e, como tal, eu poderia causar comentários desagradáveis se desse a você mais atenção do que daria a outros serviais.

— Eu entendo. Contudo, promete que me emprestará livros, e que eu poderei conversar com o senhor se as coisas se tornarem muito difíceis?

— Prometo que as coisas não vão ficar difíceis, Moira.

Ele já havia pensado sobre a situação da jovem durante a última noite, e decidira chamar a atenção do duque pela inteligência e pelas qualidades excepcionais dela. E, a menos que Sua Graça já tivesse resolvido o que fazer com Moira, ele o aconselharia a pô-la sob a supervisão da governanta, mulher bondosa que trabalhava no castelo há mais de trinta anos.

— Há uma coisa que não posso esquecer de lhe entregar, Moira, e acho que vai lhe dar muita coragem.

Tirou do bolso do colete o medalhão que pertencera à mãe dela. Moira deu um grito de alegria; o Sr. Falkirk acabava de lhe ofertar um objeto que de fato lhe trazia grande felicidade.

— Você pensa muito em sua mãe? — ele perguntou.

— Sempre! Até invento histórias sobre ela e também sobre meu pai!

O secretário notou uma ligeira nota de tristeza quando ela pronunciou a última palavra, como se quisesse enfatizar o fato de que, quem quer que ele fosse, não se dignara e casar com sua mãe.

— É bom você pensar neles, Moira. Imagino que, se não tivesse essa facilidade em sonhar, sua vida teria sido insuportável.

— Eu lia muito, e foi minha salvação. Lendo, eu fugia dos problemas do orfanato, eu me esquecia da Sra. Barrowfield, da falta de dinheiro e da imagem das crianças famintas.

— Elas não ficarão mais famintas. Isso eu prometo, Moira!

— Acredito em tudo o que o senhor me diz. E acho que, uma vez bem alimentadas, vai ser mais fácil lidar com elas.

— Sem dúvida. Agora, tente pensar um pouco em si mesma. Você está começando uma nova vida, que desejo seja de muita alegria!

E essa vida nova é assustadora... de qualquer maneira.

Moira sorriu, e pareceu ao Sr. Falkirk que o sol brilhava nos olhos dela.

— Vou lhe dizer o que farei — prosseguiu Moira. — Usarei sempre o medalhão de minha mãe e, com ele em contato com a pele, criarei coragem. A mesma coragem dos escoceses nas batalhas contra a Inglaterra!

— Você tem lido sobre essas batalhas, Moira?

— Ontem à noite li sobre Culloden, Oh, que pena eles não lerem vencido! Houve tamanha confusão... As tropas escocesas estavam famintas, ensopadas, e os ingleses com a vantagem de possuírem canhões...

Moira voltou a olhar pela janela da carruagem. Mas ela não via mais a beleza dos campos; em vez disso, enxergava os clãs humilhados e vencidos, os soldados feridos e morrendo sem assistência alguma e os odiosos ingleses triunfantes, deliberadamente matando os que ainda restavam com vida.

— As lutas terminaram — observou o Sr. Falkirk. — Agora temos que batalhar pela prosperidade da Escócia. Muitos escoceses são pobres e, quando têm alguma habilidade, afora a da sobrevivência, não sabem como usá-la.

— Gostaria de poder ajudá-los! — declarou Moira, impulsivamente. Depois, sorriu e acrescentou: — Como sou convencida! E não passo de uma inglesa!

— Disso você não tem certeza, com um nome tão escocês!

— Moira é nome escocês? Muitas vezes me perguntei isso...

— Claro que é escocês! Pensei que o pastor lhe tivesse dito.

— Geralmente só falávamos sobre assuntos da Bíblia, ou sobre livros que ele me emprestava. Nunca me ocorreu lhe perguntar coisas sobre mim mesma. Mas o senhor está me dizendo algo maravilhoso! Agora que sei que tenho um nome escocês, vou sonhar que pertenço a esta terra encantadora! E, como os escoceses, serei valente!

O Sr. Falkirk se comoveu com o modo de ela falar e quis comentar sobre aquilo; porém a carruagem parou de repente.

— O que houve? — indagou ele, pondo a cabeça para fora da janela.

Para grande surpresa sua, viu um laçao a cavalo, usando a libré do duque.

O empregado apeou, acercou-se do secretário e cumprimentou-o:

— Boa tarde, Sr. Falkirk.

— Boa tarde, Andrew.

— Tenho um recado de Sua Graça.

— Que é?

— Sua Graça pediu para o senhor chegar no castelo faltando dez minutos para as cinco horas exatamente. O senhor deverá aguardar no hall perto do salão ducal, juntamente com a moça, até que ele toque a sineta.

— E não vou falar com Sua Graça antes disso?

— Não, sir, mas quando Sua Graça tocar a sineta, o senhor e a moça entrarão na sala.

— É tudo?

— Sim, sir.

O empregado falava como um papagaio que decorara todo o recado, palavra por palavra.

— Muito obrigado, Andrew.

O laçao saudou-o, montou em seu cavalo e rumou para o castelo.

O Sr. Falkirk tirou o relógio do bolso e disse ao cocheiro:

Se formos direto ao castelo, chegaremos cedo demais, pare na próxima estalagem, perto de Glen.

— Muito bem, sir:

Os cavalos reiniciaram a marcha e Moira indagou, nervosa:

— Por que Sua Graça deseja que eu entre junto com o senhor no salão ducal?

— Não tenho a mínima idéia. — O Sr. Falkirk parecia irritado, pois achava as instruções do duque incompreensíveis.

Na certa aquele mistério todo era desnecessário, como havia sido desnecessário, acima de qualquer coisa, levar uma menina do orfanato de Londres à Escócia.

Para não perturbar Moira, ele controlou seus sentimentos de revolta e de propósito começou a conversar sobre outros assuntos, durante os três quilômetros que viajaram até chegar ao destino.

A estalagem era um lugar modesto, mas o chá que lhes foi servido, encomendado pelo Sr. Falkirk, deixou Moira deslumbrada.

Havia bolos de vários tipos trazidos à mesa ainda quente... E a manteiga feita em casa derretia-se ao contato com o pão de aveia, tirado do forno naquela hora.

— Os chás da Escócia são sempre assim? — indagou Moira.

— Toda dona-de-casa escocesa tem orgulho de sua arte culinária. E eu encomendei um chá completo porque, apesar você já ter um aspecto bom agora, pode melhorar muito com alimentação conveniente.

Moira sorriu um pouco encabulada, e o Sr. Falkirk notou que ela não tinha mais aquela face encovada, e nem linhas sob os olhos. Estava ainda magra, sem dúvida, e ele se perguntou como iria ela conviver com as noites frias do inverno escocês, quando o vento gelado vindo das montanhas cobertas de neve soprava nas janelas do castelo, e quando nem mesmo as enormes lareiras acesas em todos os cômodos eram suficientes para minorar os rigores da estação.

"Ela vai precisar de roupas mais quentes do que essas que está usando...", refletiu ele, e resolveu falar com o duque sobre o caso.

Depois disse a si mesmo, sorrindo, que se parecia com uma leoa cuidando de seu filhote. E o duque pensaria que ele estava louco, se começasse a discutir sobre a indumentária de uma empregada.

Como secretário da casa, tinha plenos poderes de fazer tudo que julgasse conveniente; mas sabia também que, dar preferência a Moira, despertaria ressentimento no resto da criadagem.

— O que o preocupa, Sr. Falkirk? — indagou Moira, de repente.

— Não o espantou a pergunta, pois a jovem era muito observadora e perspicaz. Parecia adivinhar-lhe até os pensamentos.

— Suponho que vai ficar envaidecida, Moira, se eu lhe disser que o que me preocupa é você.

— Eu me sinto muito, muito honrada. O senhor tem sido tão bondoso... Nunca imaginei que alguém pudesse ser assim amável comigo, e acho ser essa a razão de me atemorizar quando penso que vou perdê-lo de vista, no castelo.

— Mas eu moro lá, Moira.

Ele sabia que não era essa a resposta que ela desejava ouvir e, após alguns minutos de silêncio, Moira perguntou:

— Sua Graça... É muito assustador? Eu sei, é claro, que não vou ter grande contato com ele mas, desde que foi quem me mandou buscar, preciso vê-lo à minha chegada, não é mesmo?

— Lembre-se, Moira, de que tem sangue escocês, e de que não deve ter receio de nada e de ninguém!

Moira tocou instintivamente no medalhão que levava preso a uma corrente no pescoço, e prometeu:

— Vou tentar. Fingirei que meu clã, onde quer que ele esteja, é tão importante como o dos McCraig.

— E garanto que isso é verdade.

Um sorriso transformou o rosto de Moira. Não obstante, quando recomeçaram viagem, ela ficou de novo séria e nervosa, principalmente no instante em que a carruagem entrou pelo grandioso portão de ferro do castelo dos McCraig,

Assim que ela vislumbrou a enorme construção no alto da colina, com suas torres e ameias silhuetadas contra o céu, deu um longo suspiro.

O Sr. Falkirk apreciara essa vista em muitas ocasiões, mas, apesar disso, a beleza e a majestade do castelo o impressionavam cada vez que ele voltava ao lar. Havia algo de imutável, inflexível e eterno naquilo tudo, que o fazia compreender, e embora não fosse ele um McCraig, por que razão para os homens do clã o castelo representava proteção e confiança. Dava impressão de que, enquanto permanecesse intocado, eles todos sobreviveriam. Nada os destruiria!

Ele achava que os escoceses que saíam de suas terras tinham sempre uma sensação de desespero, por viver num mundo onde não possuíam certeza de nada, e nem mesmo esperança de um futuro melhor.

O Castelo de Arkcraig personificava aquilo que fazia um escocês sentir orgulho de si mesmo, e do sangue que lhe corria nas veias.

A força e a estabilidade do castelo os convenciam de que não fora em vão que homens haviam morrido defendendo ui na causa nobre, lutando pela manutenção do ideal glorioso de um clã.

Os cavalos pararam à porta do castelo, e Moira exclamou:

— Como é grande! — Foram as primeiras palavras que ela pronunciou após dez minutos de silêncio.

O Sr. Falkirk sorriu e animou-a:

— Você vai se acostumar; e não se esqueça nunca de que, embora grande, é seu lar! E o meu também.

Ela tremia um pouco, mas devolveu-lhe o sorriso.

Os empregados se apressaram em cumprimentar o Sr. Falkirk. Eles pegaram a capa preta que Moira levava às costas e ela e o Sr. Falkirk subiram a escadaria, que dava acesso ao hall da mansão.

Moira deu uma olhada rápida nas cabeças de veados que ornamentavam o vasto recinto, e aos escudos e espadas sobre a lareira. Várias flâmulas pendiam das balaustradas das janelas.

Aí, ela percebeu que seu coração batia mais forte e sua boca estava seca.

Os lacaios, com seus saiotas, pareciam militares e ela achou o mordomo que os precedia tão imponente, que não se surpreenderia se lhe dissessem que ele era o próprio duque. I

Moira tivera oportunidade de se trocar na última estalagem, por isso usava um vestido limpo e sem rugas. Ao se olhar no espelho, depois de pronta, notara que de fato não estava tão magra e emaciada como no dia em que saíra do orfanato. Sentia-se muito melhor do que em toda sua vida. A exaustão do passado, que a punha próxima do desmaio,] desaparecera. Era sem dúvida, Moira concluiu, resultado da falta de comida.

Durante a viagem, cada manhã ao se levantar, tinha a impressão de estar mais forte, e cada noite, antes de ir para a cama, menos cansada. Lia sempre pelo menos um capítulo dos livros que o Sr. Falkirk lhe emprestava.

Bem no fundo de sua mente havia o medo constante de que, caso não fosse suficientemente forte para os trabalhos do castelo, seria mandada de volta a Londres ou, o que lhe parecia ainda pior, a um orfanato na Escócia.

Seria humilhante constatar que não possuía competência para cumprir suas obrigações. E, ainda mais deprimente, sendo órfã e rejeitada, a demissão dela não ia ser igual à das outras empregadas que tinham uma casa e a oportunidade de encontrar outra ocupação. O duque a mandaria a um orfanato, onde a caridade pública a manteria.

"Não posso falhar! Não posso falhar!", ela repetia a si mesma diante do espelho da estalagem, enquanto ajeitava melhor o gorro na cabeça.

Considerou mais uma vez aquele gorro, que lhe cobria a cabeça toda até as orelhas... Horrroso! E esperava ardentemente que o duque lhe permitisse vestir-se como as demais mulheres, ao menos para não chamar tanto a atenção de todo o mundo!

E agora, no hall do castelo, percebeu que os lacaios a fitavam com espanto. Aquele horrível vestido cinzento destoava do colorido brilhante da lã escocesa e dos lustrosos botões das jaquetas dos empregados.

- O senhor recebeu as instruções de Sua Graça, sir? — Moira ouviu o mordomo perguntar ao Sr. Falkirk, que fez com it cabeça um gesto afirmativo.

Ela notou que, no castelo, seu companheiro de viagem tinha outra atitude: mais autoritária. E ela deduziu que, como secretário do duque, ele devia ser uma pessoa bem importante.

Por detrás da pesada porta de carvalho do salão ducal, eles ouviam vozes, mas foi impossível distinguir o que falavam.

Como o Sr. Falkirk não dissesse nada, Moira ficou ao lado dele em silêncio também, sentindo a cada instante a tensão de seu corpo aumentar como uma onda que subia até a garganta.

Então, repentinamente, soou uma sineta que a fez estremecer.

O mordomo fitou o Sr. Falkirk e abriu a porta, anunciando com voz solene:

— O Sr. Falkirk, Vossa. Graça!

O secretário entrou no salão ducal seguido de Moira. Ela leve logo a impressão de que a enorme sala brilhava como um arco-íris, tal a profusão de tecidos escoceses de cores variadas. Seu olhar foi direto ao homem que estava em pé... E que ela adivinhou ser o duque!

Era como esperara: assustador! Ou melhor, ainda mais assustador do que julgara. Moira jamais vira criatura tão importante, distinta e majestosa.

Pelo que o Sr. Falkirk dissera, ela concluiu que o duque devia ser atraente... Mas não tão bonito como na realidade se apresentou a seus olhos estarecidos, apesar daquele ar de desdém e superioridade.

Desconfiou que ele estivesse furioso, e sentiu o ambiente carregado de tensão e nervosismo, que parecia a ponto de explodir!

Os homens sentados viraram a cabeça para ela, olhando-a de maneira que a fez acanhada e medrosa, com receio mesmo de que as pernas não a sustentassem.

Mas então, lembrou-se do medalhão de sua mãe e disse a si própria que era escocesa, e que aqueles escoceses todos não a assustariam.

Levantou a cabeça e ouviu o Sr. Falkirk dizer:

— Boa tarde, Vossa Graça.

— Boa tarde, Falkirk. Parabéns pela pontualidade. — A voz do duque era profunda, com uma ressonância diferente da de qualquer outra pessoa que Moira já conhecera.

Mesmo sendo tímida, ela não conseguia desviar o olhar do duque. Achava que, estando ele presente numa sala, era difícil lembrar que havia mais alguém no mesmo recinto.

Porém o duque nem se dignara fitá-la; apenas dirigiu a palavra ao secretário:

— Falkirk, acabei de informar Kildonnon sobre os eventos que tiveram lugar na França, e ele concordou, juntamente com seus parentes, que fora desta sala pessoa alguma saberá do ocorrido. Também lhe informei que, depois de haver consentido em que ele me escolhesse uma esposa há um ano, agora exijo o privilégio dessa escolha! — Ele olhou para Moira. — E, de acordo com minhas instruções, vejo que você trouxe consigo minha futura mulher!

O Sr. Falkirk mal podia acreditar no que ouvia, e Moira encarou o duque, cheia de espanto. Ele prosseguiu, desta vez falando com Kildonnon:

— Escolhi agora uma moça não poluída pelo mundo, e nem pelos parentes, pois não os possuí. Veio do Orfanato dos Sem-Nome, e espero que você concorde numa outra coisa. Para satisfazer as condições dependentes de meu casamento com sua filha, isto é, a paz entre nossos clãs, ninguém pode substituí-la melhor que... Uma bastarda!

Silêncio. Logo após Rory Kildonnon e o irmão puseram-se de pé, num salto.

— Você nos insulta, Arkcraig, e nós não podemos agüentar isso!

Eles avançaram para o duque, mas este sorriu ironicamente e acrescentou:

— A outra alternativa permanece aberta; devolvam-me as dez mil libras que doei e podem me declarar guerra! Mas deixem-me preveni-los de uma vez por todas que as terras conquistadas de vocês, em nossas próximas lutas, nunca mais serão devolvidas!

— Você não pode fazer tal coisa! — gritou Rory. — Nós iremos a Edimburgo e o processaremos no Tribunal.

— E que compensação poderão as autoridades dar por suas colheitas queimadas, seu gado perdido, seus carneiros mortos? Mandarão eles porventura soldados para protegê-los? E vocês têm condições financeiras para suportar uma longa bataha legal?

Os dois rapazes mostravam-se indecisos. Kildonnon ergueu-se então e fez a eles um sinal com a mão, para que permanecessem calados.

— Suas condições são muito duras, Arkcraig — opinou Kildonnon.

— Mas ao menos são honestas — replicou o duque. — Não estou mentindo, como vocês mentiram para mim.

Os olhos dos dois chefes de clã se cruzaram, e pareceu haver uma luta entre ambos.

Enfim, Kildonnon capitulou:

— Você sabe muito bem que não temos outra alternativa, a não ser fazer tudo que você exigir.

— Mas se... — começou a falar Rory.

Kildonnon interrompeu-o:

— Essa é minha decisão, e todos vocês farão o que eu disser!

— Muito bem — disse o duque. — E agora, para selar a continuação de nosso acordo de paz, vocês todos assistirão a cerimônia de meu casamento, e prestarão homenagem à nova duquesa de Arkcraig.

Mais uma vez os jovens Kildonnon teriam protestado, se o pai não tivesse feito sinal a eles e respondido do duque:

— Concordamos, Arkcraig.

Desejando, porém, obter a aprovação oral de todos os membros presentes, o duque dirigiu-se a Alister:

— Você concorda?

Houve uma curta pausa. Alister engoliu em seco e respondeu, com voz quase inaudível:

— Concordo...

— E você, Rory Kildonnon? — prosseguiu o duque.

O jovem fitou o pai, apelando mais uma vez contra aquela indignidade. Mas Kildonnon permaneceu imóvel, de sobrolho carregado.

Rory não teve outro remédio senão dizer, ainda que contra a vontade:

— Concordo.

A mesma resposta foi extorquida dos outros três homens. Depois, o duque dirigiu-se ao Sr. Falkirk:

— Vá chamar o ministro para vir aqui. Ele aguarda no escritório.

O secretário obedeceu, ainda atônito, e saiu da sala deixando Moira apavorada, incapacitada de mover-se. Ela apenas concluía que algo incrível, extraordinário, estava acontecendo; seu cérebro parecia ter parado de funcionar, e ela teve a impressão de que o duque falava uma língua estrangeira, incompreensível.

Enquanto Kildonnon conversava em voz baixa com seu grupo, o duque aproximou-se dela.

Moira, com esforço, fez uma graciosa saudação ao seu futuro marido.

— Como é seu nome? — indagou ele.

— Moira... Vossa Graça.

— Você ouviu o que eu disse, Moira? Vai se casar comigo. Que idade tem?

— Quase dezoito anos, Vossa Graça.

O duque franziu a testa e observou:

— É mais velha do que eu esperava. Você viveu no orfanato toda sua vida?

— Sim, Vossa Graça.

— Nunca se envolveu num caso de amor?

— Não... Claro que não... Vossa Graça.

— Tem certeza?

— Absoluta, Vossa Graça!

Nesse instante a porta se abriu e o pastor entrou no salão ducal, acompanhado do Sr. Falkirk. Usava uma batina preta e colarinho branco. Na mão, trazia o livro de orações. Ele cumprimentou o duque e depois os Kildonnon.

— O senhor está aqui, reverendo, para me unir em matrimônio com Moira — declarou o duque. — Estes senhores, que com certeza são de sua relação, serão testemunhas da cerimônia.

— Muito bem, Vossa Graça.

O pastor tinha um sotaque escocês bem carregado, que não passou despercebido a Moira. Ele encaminhou-se para uma extremidade da sala, em frente à lareira encimada por um enorme emblema dos McCraig, esculpido em pedra.

O duque ofereceu o braço a Moira e, por segundos, ela não soube o que fazer. Em seguida, medrosamente, colocou a ponta dos dedos no braço do duque. Ele conduziu-a até o local onde se encontrava o ministro, que logo deu início à cerimônia.

Foi curta e, embora Moira nunca tivesse assistido a um casamento, lera o culto matrimonial no livro de orações. Ela notou que a versão escocesa era muito diferente da inglesa. Contudo, não havia dúvida sobre o que se passava naquele momento.

O pastor perguntou:

— Heron Torquil, quinto duque de Arkcraig, chefe do clã McCraig, Vossa Graça aceita se unir em matrimônio, de acordo com a vontade de Deus, a esta mulher, Moira?

— Aceito! — o duque respondeu com voz firme e ao mesmo tempo agressiva.

— Moira, aceita receber este homem como seu marido, obedecendo-o e ficando sujeita a ele pelo resto de sua vida, até que a morte os separe?

— Aceito... — sussurrou Moira.

O ministro juntou as mãos dos dois e o duque pôs uma aliança no dedo de Moira, aliás, grande demais para ela.

Foi feita uma oração a qual Moira foi incapaz de ouvir, muito menos de entender.

Ela estava casada! Casada com um homem que conhecera há poucos minutos! Um homem cuja idéia de encontrá-lo a apavorara durante toda sua viagem até a Escócia! Um homem cuja presença a atemorizava ainda mais do que previra!

Não obstante, ela estava casada com esse homem!

CAPÍTULO IV

Era ainda difícil para Moira entender o que acontecera, ou imaginar o que viria depois...

Ela desejava ansiosamente encontrar-se com o Sr. Falkirk, para lhe pedir auxílio.

Mas, quando os Kildonnon foram forçados a render-lhe homenagem, o que fizeram num silêncio cheio de ressentimentos, o Sr. Falkirk não estava na sala.

Ele reapareceu só depois que o último dos Kildonnon sumia na vasta escadaria, deixando atrás de si uma atmosfera de ódio.

Moira dirigiu-se então ao secretário, com uma expressão de alívio no olhar. Mas, antes que pudesse dizer-lhe algo, o duque tomou a palavra:

— Quero falar com você, Falkirk. Vamos ao meu escritório!

— Muito bem, Vossa Graça.

Foi nesse instante que a governanta da casa apareceu, a mandado do Sr. Falkirk.

— Apresento-lhe a nova duquesa de Arkcraig — disse o duque à governanta. — Conduza Sua Graça a seus aposentos e verifique se tudo foi providenciado.

A governanta fez uma saudação respeitosa e saiu da sala. Moira, enquanto a seguia, sentia-se caminhando para uma nova vida sem ter idéia de como deveria agir. Além disso, estava o tempo todo consciente de seu aspecto miserável.

A governanta levou-a para o quarto, passando por longos corredores cheios de quadros dos antepassados dos Arkcraig, e Moira teve a sensação de que todos a olhavam com desprezo.

Duas empregadas se encontravam no quarto, colocando nos armários as poucas roupas que ela levara num baú de palha para a Escócia. Ela sabia que os serviçais estavam atônitos, tanto por suas modestas posses, como por sua nova posição.

— Quer que eu a ajude a se despir... Vossa Graça? — Houve uma ligeira pausa, antes das duas últimas palavras.

— Não, obrigada — respondeu Moira, nervosamente.

— Como este quarto não foi usado há algum tempo, mandei acender a lareira. Faz frio à noite, apesar de estarmos no verão.

— Obrigada por sua atenção. A senhora é muito amável.

A governanta olhou ao redor.

— Não há nada mais que eu possa fazer pela senhora... Vossa Graça? — Novamente a mesma pausa, antes do tratamento "Vossa Graça".

— Não, obrigada.

A governanta retirou-se e Moira ficou sozinha naquele quarto enorme, onde as esposas de todos os chefes do clã haviam dormido desde que o castelo fora construído. De início devia ter sido simples e quase nu, mas agora estava mobiliado com um luxo que Moira considerou até assustador.

O enorme leito de dossel, com cortinas bordadas, era o tipo de acomodação para dormir que ela jamais imaginara ocupar, nem mesmo em sonho!

A mobília elegante, os espelhos com molduras douradas, os quadros das paredes, tudo enfim parecia elegante demais para pessoa tão modesta.

Contudo, ela era a duquesa de Arkcraig!

Moira entendia muito bem por que razão era difícil à governanta tratá-la como tal; e com certeza o mesmo aconteceria com todos os empregados do castelo.

Bem devagar, ela começou a despir-se, tirando aquele pavoroso vestido cinzento.

Fora informada de que o duque jantava cedo. Precisava portanto, tomar banho e preparar-se bem depressa. Tinha apenas mais um vestido limpo, porém muito mais velho que os demais.

As roupas do orfanato passavam de um órfão para o outro até cair aos pedaços, quando então eram usados para limpeza. Os órfãos que saíam do estabelecimento deixavam suas roupas para outra criança, do mesmo tamanho.

No caso especial de Moira, os vestidos dela eram muitas vezes novos, pois ela mesma os fazia. Não que a Sra. Barrowfield lhe desse dinheiro para comprar a fazenda, mas a falecida duquesa de Arkcraig, mãe do atual duque, comprara rolos e rolos de fazenda de algodão cinzento, bem barata, para o uso dos órfãos.

O único problema era Moira encontrar tempo para fazer os vestidos, pois havia sempre muitas crianças a demandarem sua atenção.

E ela lembrava, naquele momento, que fizera seu último vestido há dois anos. Gostaria de ter tido tempo de fazer pelo menos mais um, antes de seguir para a Escócia. Mas talvez agora, como esposa do duque, tivesse roupas mais decentes.

"A esposa do duque!", Moira repetiu essas palavras enquanto se banhava e se enxugava com a enorme e macia toalha felpuda.

Era um luxo ter tanta água quente só para si, e poder se demorar no banho o tempo que quisesse!

A água ligeiramente escura a surpreendeu, mas logo lembrou que era a água turfosa, muito comum na Escócia, à qual o Sr. Falkirk se referira.

As duas empregadas que levaram a água ao quarto aguardavam suas ordens, e esperaram em silêncio até que ela ficasse pronta.

Quando já vestida, a governanta apareceu. Moira notou que a velha senhora a olhava friamente, e a tratava com distância. Com certeza, observou Moira, ressentia-se do fato de ter como patroa uma moça vinda dum orfanato.

"E como posso culpá-la por isso?", refletia.

Mesmo assim, ela resolveu pedir o auxílio da governanta:

— A senhora pode me informar... o que devo fazer agora?

Havia qualquer coisa de infantil, de patético naquele apelo, e a feição rígida da governanta relaxou como por milagre.

— A senhora está nervosa, Vossa Graça, e isso não me surpreende. O castelo é grande demais, e esse medo é normal no começo... Depois a senhora se acostuma!

— O castelo é grande mesmo! — concordou Moira.

— Ouvi o Sr. Falkirk dizer que a senhora não esperava se tornar a esposa de Sua Graça.

— Não esperava mesmo! Por favor, diga-me o que devo fazer.

O jantar será servido em poucos minutos, e a senhora jantará companhia a Sua Graça. Poderá encontrá-lo no salão ducal, o mesmo onde se casaram.

— Acho que sei onde é.

Moira fez um esforço para não pedir à governanta que a acompanhasse. Ai, sentindo-se tal qual um fantasma todo cinzento, atravessou os mesmos corredores e foi ao salão ducal.

Ouviu vozes e reconheceu a do Sr. Falkirk. Uma vez que ele estava lá, pensou Moira, as coisas não seriam tão más.

E, quando se aproximou mais, escutou-o dizer.

— Acho que Vossa Graça deseja enviar uma carruagem a Edimburgo amanhã cedo. Estou certo?

— Para Edimburgo? — inquiriu o duque. — Por que deveria eu mandar alguém para Edimburgo?

— A fim de comprar roupas para a nova duquesa. Não há lugar mais perto, como Vossa Graça deve saber, onde se possa encontrar um vestido apropriado para a duquesa, ou mesmo tecidos de boa qualidade.

Moira ouviu o duque dizer, após curta hesitação:

— A duquesa está adequadamente vestida, e não vejo motivo para alterar nada.

— Mas... Vossa Graça...

— Tenciono que ela seja um símbolo para os Kildonnon, que seja o oposto da duquesa que a precedeu, e em tudo! Quando Moira estiver junto das outras mulheres e Kildonnon a vir, será impossível se esquecer da maneira como sua filha se comportou, e da vergonha que ela infligiu a mim.

Moira ouviu tudo isso mas continuou a andar, como um autômato, sem saber o que fazia.

O Sr. Falkirk ia insistir, quando a viu à porta da sala. Moira estava muito pálida, os olhos parecendo maiores que o rosto. Então, ele resolveu calar-se, saudou o duque e saiu do salão.

Ela notou que o Sr. Falkirk mostrava-se zangado por causa da decisão do duque, mas entendeu não haver nada que ele pudesse fazer.

— Espero que tenha sido bem cuidada — declarou o duque à sua esposa, assim que ela entrou.

— Sim... obrigada... Vossa Graça.

— Deve estar cansada após viagem tão longa, mas amanhã terá chance de percorrer o castelo e seus arredores. Vai achar interessante.

— Acho que sim... Vossa Graça.

O duque falava com Moira como se ela fosse uma pessoa qualquer, sem importância alguma na vida dele. Por isso, quando o mordomo anunciou que o jantar estava servido, foi um alívio para os dois.

Ele trocara de roupa. Agora vestia um paletó de veludo preto com botões de prata, e em volta do pescoço tinha um jabô de renda verdadeira. A faca que sempre fazia parte da indumentária do escocês, de cabo entalhado, era mais bonita que a usada antes. Moira nunca poderia supor que um homem tivesse aspecto tão magnífico sem, contudo, parecer teatral ou exagerado. Tudo ficava bem nele!

Oferecendo o braço a ela, ambos se dirigiram à sala de jantar, atravessando o imenso hall de balaustradas de pedra.

A sala de jantar era muito grande também, com teto alto e janelas compridas e estreitas, dando para o jardim que ficava na frente do castelo.

Os olhos de Moira ficaram, por segundos, ofuscados com o brilho das travessas de ouro e prata que decoravam a longa mesa. Enormes candelabros, com muitas velas, iluminavam o recinto feericamente.

Havia uma cadeira de espaldar alto à cabeceira da mesa, para o duque. Moira sentou-se à direita e observava intrigada a grande quantidade de facas, garfos e colheres ao lado dos pratos. Apesar das aulas de etiqueta dadas pelo Sr. Falkirk, não estava preparada para o uso de todos aqueles talheres.

Como o duque não tivesse nada a lhe dizer, ele iniciou uma conversa com o mordomo:

— Este salmão foi pescado hoje?

— Sim, Vossa Graça.

— Quem o apanhou?

- Ross, Vossa Graça.
- Com arpão ou rede?
- Penso que com arpão, Vossa Graça.
- Eu disse muitas vezes a Ross para não usar arpão em peixe tão pequeno!
- Vou lembrar-lhe isso, Vossa Graça.
- Eu mesmo falarei com ele. Previna-o para vir ter comigo, amanhã de manhã.
- Sim, Vossa Graça.

O jantar parecia não ter fim; era imensa a quantidade de pratos que se sucediam. Moira notou que o duque comia muito pouco, e ela mal conseguia engolir a comida, tão nervosa estava.

O Sr. Falkirk insistira todo o tempo, durante a viagem, para que ela se alimentasse bem. Mas, naquele instante, apesar de tudo ter um aspecto delicioso, ela não pôde terminar nem com a pequena porção de seu prato.

Foi servido vinho, porém ela recusou. Quando enfim os lacaios trouxeram a sobremesa, pêssegos imensos como Moira jamais vira e uvas pretas gigantes, ela concluiu com satisfação que o jantar chegava ao fim.

De repente, de um lugar qualquer, vieram algumas notas musicais e, quando o som chegou mais perto, ela percebeu que ouvia pela primeira vez a famosa gaita de fole. Então entrou na sala um escocês vestindo as cores dos McCraig; na cabeça usava um gorro meio de lado e nas costas um xale preso a um dos ombros. Ele andava em volta da mesa tirando sons da gaita, que Moira acreditou já ter ouvido em sonhos.

O músico tocou duas melodias. Em seguida, perguntou ao duque:

— Quer que eu execute alguma música de sua escolha, Vossa Graça?

Ele tinha um sotaque escocês carregado, difícil para Moira entender; e o duque respondeu-lhe num idioma que ela desconfiou ser o gaélico.

Daí, mais uma vez o músico tocou, caminhando em volta da mesa. A melodia parecia vir das charnecas da Escócia, e traduzia a beleza do campo.

Assim que ele terminou de tocar, o duque ofereceu-lhe um copo de vinho.

— *Shlaintel* — disse o músico erguendo o copo; e bebeu tudo num trago só.

Depois, fez uma reverência e retirou-se. Foi então que, pela primeira vez desde a hora do jantar, o duque fitou Moira.

— Espero que tenha gostado do concerto.

— Foi maravilhoso! Sempre julguei que as gaitas de fole fossem mais ou menos assim.

— Assim como?

— Fazem uma pessoa rir e chorar ao mesmo tempo. Tem se a impressão de estar ouvindo as vozes dos escoceses, falando a seus próprios corações!

O duque encarou-a, atônito.

— As músicas dão realmente essa idéia a você?

— Gostaria de poder me expressar melhor. O Sr. Falkirk me explicou como um tocador de gaita é importante para o clã. Agora entendo por que razão os escoceses lutam pelo que amam, sem temer a morte.

Moira falava suavemente. Pensava na Batalha de Culloden e recordava-se de como a havia feito sofrer a história dos escoceses, vencidos pelos ingleses.

— Eu me surpreendo em ouvi-la falar, ou melhor... em vê-la pensar assim! Como é possível?

A pergunta do duque a encabulou, e não conseguiu respondê-la. Talvez ele a julgasse super emotiva ou, pior ainda, pretensiosa por falar daquela maneira, como se fosse uma escocesa...

Mais tarde, no quarto, refletia sobre a música que ouvira e em como a havia impressionado.

"Fez-me sentir tal qual uma escocesa!"

Concluiu então que gostaria imensamente de morar na Escócia, numa pequena chácara, e de ter contato com pessoas pobres que viviam nesses lugares, de conhecer seus problemas, suas dificuldades e seu desespero.

"Sempre quis ajudar os outros", ela dizia a si mesma. "E, como duquesa de Arkcraig, quem sabe possa fazer isso."

Ela ainda tinha relutância em admitir que não somente era a duquesa de Arkcraig, como também uma mulher casada! Olhou para a aliança, grande demais para seu dedo...

De repente, um pensamento a atingiu como um raio! Sendo mulher do duque, era uma parte dele. Ambos haviam sido unidos pelas leis sagradas do matrimônio!

Estivera confusa, desorientada desde o momento em que chegara ao castelo; e só naquele instante se dava conta da verdadeira implicação de um casamento, e isso a apavorava.

"O duque é meu marido!", Moira repetiu essa frase muitas vezes mentalmente, e começou a tremer. Foi para perto da lareira acesa mas não conseguia esquentar-se, parar de tremer.

"Estou com medo...", pensou ela.

Teve vontade de procurar o Sr. Falkirk, para lhe perguntar como deveria agir.

Embora no orfanato se falasse constantemente sobre a ilegitimidade das crianças, e sobre aquelas mães que haviam pecado contra Deus e contra a Igreja, jamais ocorrera a Moira tentar descobrir em que consistia na verdade esse pecado.

Ela sabia que uma mulher solteira dera à luz uma criança e que, apesar de não ter culpa alguma, essa criança era estigmatizada, desprezada, e sofreria o resto da vida por não poder usar o nome do pai. Mas ela nunca pensara sobre o ato que trouxera essa criança ao mundo. E agora sabia que, fosse qual fosse esse ato, faria parte de sua vida dali por diante! E, aquilo que provocara tanta alteração no orfanato, parecia ameaçá-la agora, provocando nela um pavor incontável, um medo horrível do desconhecido.

— Que posso fazer? Que posso fazer? — falava ela em voz alta.

Sentia-se como numa prisão naquele espaçoso quarto, no qual ela entrara sem desejar, e do qual não poderia fugir.

Olhou para o enorme leito com suas fronhas bordadas, para a colcha de veludo com o monograma do duque encimado por uma coroa, e estremeceu.

Havia algo de assustador naqueles lençóis de linho, parecendo convidá-la a participar de um ato horrível demais para ser tomado em consideração.

Em frente à lareira estava um grosso tapete de lã. Por sentir-se fraca, Moira sentou-se nele e estendeu as mãos para as chamas sem conseguir aquecê-las. Tinha os olhos presos à porta que se comunicava com o outro quarto... Que supunha ser o do duque.

Além de ser o poderoso chefe do clã dos McCraig, ele era também seu marido, e com certeza iria ter com ela!

Mas o duque, após haver enviado Moira ao quarto, fora ao salão ducal, abria as cortinas e ficara olhando para o jardim logo abaixo.

Mais adiante ficava o enorme lago. Os últimos raios do sol lançavam uma luminosidade vermelha e dourada no horizonte, além das charnecas; e as primeiras estrelas começavam a aparecer no céu.

Porém, a serenidade e a beleza de tudo aquilo não concorriam para suavizar o sentimento de ira que o dominava, ao pensar nos acontecimentos das últimas semanas.

Uma tumultuosa tempestade se desencadeava dentro dele, desde o dia em que seguira para a França na perseguição de sua esposa e de Neil Kildonnon.

O duque nunca amara Margaret, mas os olhos escuros e os cabelos negros dela o atraíam.

E ele imaginara que, uma vez sendo o casamento baseado no bem comum e na melhoria dos clãs, eles poderiam viver em paz e com certeza Margaret cumpriria seus deveres de duquesa como a mãe dele o fizera.

No primeiro instante em que Alister sugerira ser o casamento dele com uma Kildonnon o melhor meio de se terminar com a guerra dos clãs, o duque recusara. Mas, refletindo melhor, disse a si mesmo que essa crença secular de que cada membro do clã dos Kildonnon representava um inimigo em potencial ao clã dos McCraig era ridícula e fora de época. Por isso ele decidira dar um exemplo de boa amizade.

O casamento foi realizado logo após sugerido, pela simples razão de que, caso se retardasse mais, seria quase impossível conter a constante ameaça de guerra entre os dois clãs.

De mais a mais, o clã dos Kildonnon ficava mais empobrecido a cada dia que se passava, e o duque condescendera em ajudar financeiramente os parentes de sua mulher.

Fora um choque para sua auto-estima e seu orgulho quando, na noite de núpcias, Margaret o expulsara do quarto com palavras amargas. Ela lhe dissera que preferia morrer a submeter-se a seus abraços, e que cumpriria seu dever publicamente mas, na vida íntima, a guerra dos antepassados prosseguiria.

— Eu odeio você! — exclamara ela, com os olhos negros cheios de rancor. — Eu odeio você e todos os McCraig; e só quando os vir mortos a meus pés terei certeza de que o mundo se livrou desses vermes nojentos!

I lavia qualquer coisa de anormal no modo como falara. I, considerando impossível passarem uma vida juntos no meio de tanto ódio, o duque teve a esperança de que as coisas mudariam com o tempo.

Ele sentia pena dela por ter vivido vinte e três anos de sua existência num castelo em ruínas, sem conforto algum, pois os Kildonnon não possuíam condições financeiras para repará-lo.

Margaret nunca pudera freqüentar bailes, reuniões e teatros em Edimburgo, coisa que toda moça da idade dela gostava de fazer. Não havia tampouco dinheiro para viagens, nem para vestidos elegantes ou bons cavalos.

"E eu poderia ter dado a ela tudo isso!", ele dizia a si mesmo, achando que conseguiria fazê-la feliz.

Mas se enganara. E ainda sentia aquele choque como um golpe de punhal, produzido pela carta da esposa. Ela explicava que, por estar esperando um filho de outro homem, via-se forçada a deixar a Escócia.

Ela escrevera:

"Você não me verá nunca mais! E não peço seu perdão; a única coisa que lhe peço é que nos deixe viver em paz!

Mas isso era justamente o que o duque não faria jamais. Mesmo que Margaret o odiasse, era sua esposa e o homem que a seduzira deveria pagar por essa traição! Contudo, apesar de detestar os Kildonnon, ele não tencionava matar Neil. Pretendia feri-lo apenas, talvez aleijá-lo transformando-o num amante repulsivo. Mas Neil

morrera em consequência dos ferimentos recebidos no duelo, e Margaret, fanática até o fim, se matara.

Era como se, morrendo, se vingasse do duque, seu marido indesejado. E este, ao convidar os Kildonnon para irem ao castelo, quis que eles sofressem a mesma humilhação que ele sofrerá. Assim como Margaret ferira seu orgulho, ele ferira o orgulho dos Kildonnon!

Foi um prazer observar como eles o odiaram ao se verem forçados a testemunhar seu casamento, e a prestar homenagem à nova duquesa: uma bastarda saída de um orfanato, uma menina nascida do pecado, que iria tomar o lugar da filha de Kildonnon!

Como se seus pensamentos o levassem a Moira, ele se lembrou que ela o esperava no quarto.

Desta vez não toleraria cenas ou recusas na noite de núpcias! E garantiria a vinda de um herdeiro ao ducado e, mais importante ainda, à liderança do clã.

Resolutamente, foi ao quarto.

Seu valete o esperava e ajudou-o a despir-se. Quando o duque retirou a faca da meia da perna esquerda, pensou em Margaret e se perguntou se ela o teria apunhalado com aquela mesma faca, se ele insistisse em seus direitos de marido na primeira noite do casamento.

O porte da faca, o *skean-dhu*, fora adotado pelos escoceses depois do uso dos punhais ter sido proibido a eles pelos ingleses. Durante trinta e cinco anos era considerado ilegal a qualquer escocês usar saiote, xale, ou outra peça do vestuário que fosse própria só deles. Até as gaitas de fole foram banidas, pois o duque de Cumberland as considerara instrumentos de guerra.

Contudo aquela faca bastante pequena, o *skean-dhu*, podia ser escondida num bolso ou na meia. E quando os escoceses voltaram ao uso do saiote, o *skean-dhu* passou a ser uma parte integrante do vestuário deles.

Ninguém jamais saberia, exceto o Sr. Falkirk e os Kildonnon, que Margaret tentara o suicídio usando o *skean-dhu*. Mas o duque iria se lembrar dela e de sua infâmia, a cada vez que pegasse naquela arma.

Pensar em Margaret o fez furioso; seu semblante se transtornou e o valete se despediu, apreensivo:

— Boa noite, Vossa Graça.

— Boa noite!

Bem depressa o empregado se retirou e fechou a porta.

O duque permaneceu por alguns minutos no centro do quarto, o mesmo quarto onde seus antepassados dormiram e morreram, o mesmo quarto onde muitas vezes foram planejadas batalhas contra a Inglaterra e pilhagens contra os Kildonnon; um quarto que conhecera não apenas o ódio, mas também o amor e a felicidade!

Parecia-lhe ouvir seus antepassados dizerem que, qualquer que fossem as dificuldades, a linha sucessória tinha de continuar, o clã sempre existiria e precisava de um chefe para comandá-lo.

Ele então ergueu a cabeça e, ainda com o olhar carregado de ressentimento, abriu a porta de comunicação entre seu quarto e o cômodo tradicionalmente ocupado pela esposa do líder do clã.

A primeira coisa que notou foi que as velas estavam apagadas. Ele imaginou que, devido à sua demora refletindo sobre e os eventos do passado, e ao cansaço da viagem, Moira adormecera enquanto esperava por ele.

Porém, quando chegou bem junto da cama percebeu, atônito, que estava vazia; vazia e arrumada, evidenciando que ninguém dormira lá.

Ele virou-se então e viu Moira dormindo sobre o tapete, em frente à lareira.

Ele a observou longamente; chamaram-lhe a atenção os longos cílios escuros contrastando com a pele alva. Os cabelos, não mais cobertos por aquele horrível gorro, tinham reflexos avermelhados; eram ondulados e curtos, e formavam uma auréola de ouro velho em torno da cabeça de Moira iluminada diretamente pela chama da lareira.

Ela se deitara de lado, o rosto virado para o fogo, como se estivesse procurando o calor. E um dos braços estava estendido, com a palma da mão para cima, em completo abandono.

Ela vestia uma camisola barata de algodão, parte do enxoval do orfanato, o duque pensou. Era de mangas compridas e fechada até o pescoço, parecendo áspera contra aquela pele suave de cetim.

Ele podia ver-lhe os pequeninos pés aparecendo por baixo da camisola, e havia qualquer coisa de tocante no modo como dormia e na expressão da face dela. Parecia ter estado com medo, antes de adormecer.

O duque ficou olhando para ela ainda por algum tempo e, vendo-a tão jovem e tão indefesa, a ira desapareceu de seus olhos. Ele cobriu-a então com a colcha de veludo da cama.

A luz das chamas dançava nos cabelos dela. Com um sorriso nos lábios ele saiu do quarto e fechou a porta de comunicação.

Moira acordou bem cedo, na manhã seguinte. Na lareira só havia cinzas quase totalmente apagadas.

Como um autômato, ela foi à cama e dormiu por mais algumas horas, até quando as empregadas entraram no quarto com a água para o banho e abriram as cortinas.

Nem percebera que a colcha de veludo fora posta sobre ela enquanto dormia perto da lareira, e nem que o duque entrara e saíra do quarto.

Às oito horas em ponto foi à sala de jantar para o café d manhã, e encontrou lá apenas o Sr. Falkirk.

— Sua Graça foi cavalgar — explicou ele. — Geralmente sai do castelo pouco depois das sete horas.

Moira ficou alegre por estar sozinha com o secretário, embora não pudesse falar com ele livremente, pois havia empregados na sala, servindo-os. Contudo, era confortador ouvir a voz dele e saber que tinha um amigo no castelo.

Ambos já tinham acabado com o café, quando ouviram um barulho estranho no jardim.

O Sr. Falkirk foi à janela e Moira seguiu-o.

O duque acabava de chegar e, diante deles, estava uma mulher bastante idosa, esfarrapada e não muito limpa.

Ela gritava com voz estridente, sacudindo os braços magérrimos. Seus cabelos brancos esvoaçavam ao vento forte.

— Quem é ela? — indagou Moira.

— E a velha Granny Beathag. Há cinqüenta anos atrás seria queimada como bruxa.

— Bruxa?!

A velha falava uma mistura de escocês de baixa classe e gaélico. Moira ouviu-a dizer *mallachd* várias vezes.

— Com certeza *mallachd* significa "amaldiçoado", não? Penso ter lido essa palavra num de seus livros.

O Sr. Falkirk respondeu, rindo:

— Granny Beathag parece ter sabido sobre a morte de Margaret, e ela quer que o duque se lembre de que o preveniu contra aquele casamento. Há um ano ela lhe disse que, se casasse com mulher que não fosse uma McCraig, o clã o amaldiçoaria como também a esposa dele.

— Uma maldição?!

— Não se preocupe com isso. Qualquer família escocesa que se preze acredita em maldições e em fantasmas! Vou emprestar a você um livro sobre esse assunto.

— Mas a duquesa... Morreu. O clã dos McCraig deve ter lançado uma maldição contra ela...

— Tudo isso é bobagem. Qualquer pessoa pode desejar mal a outra, mas isso não significa que esse desejo se realize. Granny Beathag está tentando apenas alimentar o ódio do duque contra os Kildonnon. Coisa fácil de se conseguir, aliás.

— E eu também não sou uma... McCraig!

— Ora, Moira, você é uma menina inteligente demais para se deixar influenciar pelo falatório de uma velha perturbada da cabeça. E, para cada maldição que Granny Beathag lance contra você, eu lhe darei as bênçãos especiais dos Falkirk. E essas bênçãos funcionam mesmo, eu lhe garanto que são muito eficientes! De mais a mais, sei que o duque não deixa influenciar por essa asneira de maldição.

Moira olhou pela janela e viu que o duque sorria. Ainda montado em seu cavalo jogou uma moeda de prata para a velha. Ela apanhou-a e seguiu seu caminho, resmungando e sacudindo a cabeça.

Um pouco antes do almoço Moira dirigiu-se ao salão ducal. O duque apareceu logo depois e cumprimentou-a friamente. Moira achou que ele se ressentira por encontrá-la naquele local, mas ela não sabia para onde ir àquela hora. Sentia-se perdida por não ter nada a fazer. No orfanato, as crianças sempre estavam em sua volta, e a Sra. Barrowfield dava-lhe ordens continuamente.

O castelo, além de silencioso era grande demais, e Moira se achava cada vez menor dentro dele. Temia até que fosse desaparecer no interior daquela imensidão.

Eles almoçaram e, para alívio dela, o Sr. Falkirk e mais outro homem estavam presentes à mesa. O grupo conversou o tempo todo sobre obras de melhoramentos do castelo, Moira foi completamente ignorada enquanto eles falavam acerca das alterações e reformas do telhado, e consertos em geral.

Terminado o almoço, o visitante pediu para ser conduzido ao sótão, e o duque ordenou ao Sr. Falkirk que o acompanhasse.

Moira foi ao quarto e apanhou um agasalho. Pretendia dar uma volta pelo jardim. Antes de sair, contudo, foi ao salão ducal a fim de pedir permissão ao marido. Ele estava perto da janela, lendo uma carta.

Moira não quis interrompê-lo, porém ele levantou os olhos e indagou de mau modo:

— O que você quer?

— Gostaria de saber... Vossa Graça... Se posso dar um passeio lá fora.

— Um passeio? Claro que pode! E por que não?

— Quis me informar antes, se não há nada... Que Vossa Graça... Deseje que eu faça.

— Que você faça! Que pode você fazer, Moira? Por Deus! Saia daqui e vá para onde quiser, e demore o maior tempo possível! É óbvio que não quero que você faça nada!

Havia irritação e raiva naquele comentário. A violência da resposta foi como uma bofetada para Moira.

Ela deu-lhe as costas e saiu correndo, como impulsionada pelo tom de voz irado do marido.

Às quatro horas o mordomo entrou no escritório do duque e disse:

— O chá está pronto, Vossa Graça.

O duque levantou a cabeça da escrivaninha e ordenou:

— Diga ao Sr. Falkirk que desejo a presença dele.

— Pois não, Vossa Graça, mas penso que ele ainda esteja com o cavalheiro que almoçou aqui.

— Então diga-lhe que venha, assim que estiver livre!

— Muito bem, Vossa Graça.

Meia hora mais tarde o Sr. Falkirk entrou no escritório.

— Aquele homem o prendeu por muito tempo! — comentou o duque.

— Receio que haja mais a se fazer do que aquilo que pensávamos, Vossa Graça.

— Isso não é novidade para mim.

O duque entregou então ao secretário uma carta que acabara de escrever, dizendo:

— Redigi esta carta ao marquês de Stafford. É sobre a expulsão dos escoceses das terras de Sutherland. Acho que você aprova meus termos mas, se puder usar expressões mais fortes, tanto melhor.

— Estudarei o assunto cuidadosamente.

— Vamos antes tomar chá — sugeriu o duque, e os dois foram ao salão ducal.

O chá fora posto numa mesa ao lado da lareira. Na bandeja de prata estavam o bule, a vasilha contendo as folhas de chá, a chaleira com água fervente, leite, açúcar e o coador. Além disso, havia xícaras de finíssima porcelana trazidas da França por um antepassado do duque.

Havia também todo o tipo de bolos e tortas, especialidades da cozinha escocesa, pães com sultanas e biscoitos quentes numa travessa de prata, coberta com um guardanapo de linho. O Sr. Falkirk imaginou que tudo aquilo faria a delícia de Moira.

O duque indagou, com rispidez:

— Por onde anda a duquesa? Ela devia estar aqui, servindo o chá.

— Penso que ninguém a tenha informado ser esse seu dever.

— É sua obrigação, Falkirk, dizer a minha esposa a que horas as refeições são servidas!

— Muito bem, Vossa Graça. Assumirei essa responsabilidade, daqui por diante.

O duque tocou a sineta e um lacaios entrou no salão.

— Informe Sua Graça que o chá está na mesa! — declarou o duque.

— Sua Graça ainda não voltou.

— Não?! — Ele olhou para o relógio sobre a lareira. — Sei que saiu para um passeio, mas há três horas. — E, dirigindo-se ao secretário: — Ela deve ser mais forte, Falkirk, do que você me fez crer ao relatar as condições miseráveis do orfanato!

— Vou ver se descubro onde se encontra Sua Graça — disse o Sr. Falkirk, saindo do salão.

O duque pegou um biscoito e, comendo-o, foi até a janela.

No hall, o Sr. Falkirk questionava os lacaios:

— Aonde foi Sua Graça?

— Na direção do parque.

— E ainda não voltou?

— Não há sinal dela, sir.

O Sr. Falkirk olhou para o céu. O dia fora lindo, mas nuvens começavam a aparecer prenunciando chuva.

— Vá buscar um cavalo para mim! — ele ordenou ao laçaio.

Logo que o animal foi trazido, o Sr. Falkirk montou nele e partiu. Antes de passar pelos portões do castelo indagou ao guarda se vira Moira, e soube que ela havia tomado a rota de Glen, pela estrada onde os dois haviam viajado no dia anterior.

O Sr. Falkirk enveredou por esse caminho, olhando o tempo todo para as margens da estrada, admitindo a hipótese de Moira ter preferido caminhar através da charneca ou dos pinheirais.

Depois de cavalgar por bastante tempo, e amais ou menos cinco quilômetros de distância do castelo, ele finalmente a avistou.

Não havia árvores naquele local, e a charneca se estendia a perder de vista. Foi quando ele enxergou uma figura escura numa elevação coberta de urzes, um pouco acima da estrada.

Teve a impressão de que ela subira até aquele lugar não para apreciar a beleza da paisagem, mas para ver se havia sinal de casas na vizinhança.

O Sr. Falkirk galgou a rampa e encontrou-a com as mãos no rosto, chorando. Parecia desesperada.

Ele apeou e, como Moira continuasse em prantos, sentou-se ao lado dela.

— O que houve? O que a aborreceu? — perguntou ele.

Moira ergueu a cabeça e, não podendo controlar-se, encostou-se no ombro dele, chorando.

O Sr. Falkirk abraçou-a, tentando consolá-la.

— Diga-me o que aconteceu, Moira. As coisas não podem ser tão horríveis como você pensa!

— São piores! — Moira soluçava. — Ele me disse para ficar fora... O maior tempo possível! E eu não tenho para onde ir... E nem dinheiro tampouco! — Suas últimas palavras foram abafadas pelo pranto, e ela chorava como uma criança.

O Sr. Falkirk então disse:

— Está tudo bem, Moira. Sua Graça não teve a intenção de perturbá-la dessa maneira. Ele se irritou, mas não com você.

— Ele se casou comigo... Só por vingança! Ele me detesta e agora, que já se vingou... Quer se ver livre de mim!

O Sr. Falkirk lançou um olhar para a charneca cheia de urzes, como se a beleza das flores o ajudasse a escolher as palavras:

— Receio que as coisas não sejam fáceis assim...

— E não são?

— Veja minha cara. Cada ato que nós cometemos tem conseqüências de vulto, que infelizmente afetam não apenas a nós mesmos, mas a outras pessoas também.

Ela o ouvia com atenção, porém o Sr. Falkirk percebeu que não podia entender bem a idéia que ele tentava transmitir.

— Vou revelar um segredo a você, Moira, e dizer por que razão o duque estava furioso a ponto de mandar que eu a levasse para o castelo, a fim de torná-la sua esposa.

— Para... Ferir os Kildonnon. Isso eu percebi.

— A história toda não é de minha conta mas, considerando-se que você é a duquesa de Arkcraig, deve sabê-la!

Moira pôs a cabeça de novo de encontro ao ombro do Sr. Falkirk, que ainda a abraçava. Ele imaginou que, se tivesse uma filha, gostaria de conversar com ela daquele jeito, pois tinha por Moira uma afeição paternal.

Escolheu palavra por palavra, e relatou-lhe tudo. Primeiro, como a esposa do duque o odiara pela simples razão de ele ser um McCraig; depois, como Margaret amava o primo Neil Kildonnon e finalmente a fuga dos dois para a França.

Daí, ele contou sobre o duelo ao qual estivera presente. O duque providenciara para que fosse levado a termo de maneira honrosa; afinal, era o tipo de defesa da honra usado por cavalheiros há séculos.

— Mas ele... O matou — disse Moira, num sussurro.

— Neil Kildonnon morreu em consequência de seus ferimentos. É coisa bem diferente.

— E... A duquesa?

O Sr. Falkirk disse que a duquesa se apunhalara e, embora tudo tivesse sido feito para salvar-lhe a vida, ela morrera por ter ingerido uma dose exagerada de láudano.

Após longo silêncio, Moira quis saber:

— Ela era... Bonita?

— Muitas pessoas a achavam atraente... *bonny*, como dizemos aqui.

— E o duque... A amava?

— Para falar a verdade, não creio que Sua Graça tenha realmente amado uma mulher. Houve muitas em sua vida, mas a única coisa que ele realmente ama mesmo é seu clã.

— E agora está magoado... E infeliz.

— Seu orgulho está machucado, e o orgulho dos McCraig é emoção forte e violenta! Vai levar muito tempo para ele se recuperar dessa dor. E você precisa ajudá-lo, Moira!

— Mas... Como?

— Como esposa dele.

— Nunca pensei... Nunca sonhei... Que fosse essa razão de minha vinda para a Escócia: casar-me com o duque!

— Nem eu tampouco. Mas aconteceu, você não pode fugir disso! É sua responsabilidade, é seu dever lutar pela felicidade dele! Você precisa acreditar nisso!

— Lutar da mesma maneira como os escoceses lutam pelo que julgam de direito, certo?

— Exatamente!

Moira enxugou as lágrimas e declarou:

— Não quero que o senhor me considere uma covarde. Voltarei para o castelo!

— É o que pensei que você fizesse!

O duque encontrava-se em seu escritório, dando atenção a uma pilha de documentos que aguardavam sua volta da França, quando o Sr. Falkirk entrou.

Após segundos, o duque levantou a cabeça e inquiriu:

— Onde esteve até agora? Aconteceu alguma coisa?

— Vossa Graça se recorda, quando tinha mais ou menos dezesseis anos, de ter espancado um homem muito maior e mais forte só porque soube que ele maltratara um cachorro?

— Sim, é claro que me lembro! Era um guarda florestal e bebera demais. O cachorro foi tão maltratado que teve de ser sacrificado. Mas depois que lhe dei aquela lição, duvido que o homem tenha batido num animal outra vez.

— Vossa Graça voltou ao castelo logo após esse incidente e me disse que odiava crueldades de qualquer espécie, e que agrediria o homem, quem quer que ele fosse, que agisse daquela maneira com um animal.

— Lembro-me de fuinha raiva... — comentou o duque. — Mas, aonde pretende chegar Falkirk? Há alguém em minhas propriedades comportando-se de modo similar? Se houver, vai ter de se entender comigo!

— Há. Não apenas em sua propriedade, mas em seu castelo, Vossa Graça! Encontrei a duquesa a cinco quilômetros de distância daqui, chorando por não ter para onde ir e nem dinheiro!

— Bom Deus!

— Vossa Graça disse-lhe que saísse de casa... Ao menos foi assim que ela interpretou suas ordens. E ela está acostumada a receber ordens e obedecê-las.

O duque ergueu-se de sua escrivaninha e exclamou:

— Não tinha intenção de aborrecê-la! Mas ela me interrompeu enquanto eu lia uma carta irritante de minha tia Harriet, dizendo-me que ouvira boatos de que Margaret fora à França pelo fato de eu não a ter engravidado ainda. E sabe como detesto esses falatórios!

— Todo mundo detesta. Mas é preciso não esquecer que a duquesa é mulher muito sensível, bem diferente de qualquer outra que Vossa Senhoria já tenha conhecido. É necessário ser cuidadoso com ela!

O duque caminhou pela sala e ficou olhando para o jardim. Mas o Sr. Falkirk tinha impressão de que olhava para dentro de si.

Após minutos, disse:

— Estava cego de ódio quando me casei com Moira; agi impulsivamente! Você acha tarde demais para mandá-la de volta?

— Acho, Vossa Graça. Ela é sua esposa!

O duque deu um suspiro, que pareceu vir do fundo de seu coração.

— Eu me pus num buraco, Falkirk... E acho que você não vai conseguir me tirar dele, como fez tantas vezes no passado. Estou certo?

— Sinto muito, mas esse é um problema exclusivo de Vossa Graça.

Silêncio outra vez. E o duque indagou, em seguida:

— Onde se encontra a duquesa agora?

— Mande-i-a deitar-se um pouco, e pedi à governanta que lhe levasse uma xícara de chá.

— Ela virá jantar comigo?

— Tenho certeza de que sim.

— Então, tentarei me comportar de maneira mais civilizada, Falkirk.

— Garanto que não vai ser difícil, Vossa Graça.

O Sr. Falkirk dirigiu-se para a porta. Antes de sair, ouviu o duque dizer:

— Muito obrigado, Falkirk!

CAPÍTULO V

Quando Moira se separou do Sr. Falkirk, teve vergonha de seu procedimento e achou ridículo ter fugido só porque o duque se zangara com ela.

Mas tudo foi consequência do pavor que tivera dele na noite anterior, esperando-o no enorme quarto. E inexplicavelmente ele não aparecera, ela refletia.

Porém, desde sua volta ao castelo, depois da fuga, notou que ele se portava de modo bem diferente.

No dia seguinte, na hora do almoço, considerou-se uma grande tola por ter tido medo dele, percebendo apenas naquela hora que seu marido era jovem e nada assustador, como imaginara, antes.

O duque conversou com bastante naturalidade, e fez perguntas sobre ela. Moira contou-lhe dos livros que estava lendo, os quais o Sr. Falkirk lhe emprestara.

— Você encontrará uma infinidade de livros na biblioteca. Muitos deles, contudo, foram comprados por meu avô e temo que sejam pesados e pouco interessantes para você.

— É tão emocionante ter nas mãos um livro de qualquer espécie, que não posso crer que encontre um assim monótono, a ponto de não conseguir ler até o fim. Vossa Graça permite mesmo que eu pegue livros da biblioteca?

— Com o maior prazer — respondeu ele.

— Tudo aqui é maravilhoso! Por sinal, recebi hoje um presente de casamento!

— Um presente de casamento?!

— Sim, de Janet, uma das camareiras. A mãe dela extrai a fragrância das urzes e prepara um perfume. Janet me trouxe um frasco. — Pareceu a Moira que o duque a fitava, surpreso. Por isso, acrescentou logo:

— Fiz mal em aceitar? Devo devolvê-lo?

— Não, de forma alguma! Apenas fiquei espantado por Janet ser tão atenciosa e eu tão omissa. Aposto que você me considerou grosseiro por não lhe ter dado presente nenhum.

— Não, não há motivos para que me dêem presentes. Aliás, nunca recebi um sequer em toda minha vida, e um vidro de perfume é coisa preciosa!

— Você nunca recebeu presentes antes, Moira?

— Naturalmente que não! E como poderia, vivendo num... Orfanato? — replicou ela, sorrindo. — Nem eu e nem as outras crianças. Quando tinha tempo, fazia bonecas de trapos para as meninas, mas os meninos nunca possuíam brinquedos. Acho que por isso estavam sempre brigando uns com os outros, não havia nada mais para eles fazerem.

— Quando formos a Londres, você levará presentes ao orfanato.

— Não seria muito dispendioso dar presentes a todas as crianças?

— Talvez seja mais prático gastar o dinheiro dando um presente só a você, Moira.

O duque a olhava atentamente e Moira achou que ele a testava, aguardando sua reação.

— Não preciso de nada — apressou-se ela em responder. — Porém, para as crianças do orfanato ganhar um brinquedo será a coisa mais excitante do mundo! Não só para elas, mas para mim também, por ver a alegria de todas.

— Então, quer dizer que você não precisa mesmo de nada?

— Só de livros, e Vossa Graça já me disse que posso ler todos eles.

Ela acreditou ver uma expressão estranha, enigmática, no rosto do duque. Mas logo o assunto da conversa mudou. Foi interessante para Moira trocar idéias com ele, como fizera com o Sr. Falkirk. Porém o duque falava com mais vivacidade, e ela respondia a tudo com bastante rapidez e senso de humor.

No fim do almoço, ele sugeriu que ambos fossem dar um passeio naquela tarde.

Moira mal podia crer no convite, e apenas se convenceu da veracidade do mesmo quando eles partiram logo mais, a pé, através dos jardins e dos pinheirais.

— Você gostaria de subir a colina de topo de pedra, a Ben Ark? De lá se aprecia a vista mais linda de toda a Escócia, e por centenas de quilômetros!

— Vossa Graça pode me levar a esse lugar?

— Claro, se você tiver prazer nisso.

— Vai ser ótimo!

Eles seguiram então por um atalho tortuoso, mais parecido com uma picada para a passagem dos animais, e que levava diretamente a uma colina acima do povoado de Glen.

Não tinham caminhado muito quando Moira notou que estava muito quente; não era de se estranhar isso no mês de junho.

Ela usava uma capa preta, bem pesada, porque no orfanato havia um regulamento bem rigoroso sobre isso: nenhuma menina poderia ir à rua sem aquele agasalho. Por isso nem pensou e, por força do hábito, vestiu a capa antes de sair.

A um certo momento o duque observou:

— Está quente demais agora, mas a temperatura ficará mais amena quando chegarmos ao pico.

— A vista é linda e compensa qualquer incômodo. Se eu ficar um pouco mais atrás, Vossa Graça, é porque desejo apreciar a beleza da charneca. Acabei de achar uma urze branca.

— Encontrará muitas outras pelo caminho. Mas, por que não tira essa capa, Moira?

— Posso?

— Por que não? Não há mais ninguém aqui a se opor, a não ser essas aves que nos acompanham.

Moira riu do comentário e tirou a capa.

— Acho que vou fazer o mesmo — acrescentou o duque, tirando o paletó. — Foi bom não ter trazido o xale.

Moira notou que ele usava uma camisa branca, de fino tecido, que contrastava com o saiote de cores variadas.

— Assim estou melhor — disse ele, com alívio. — E agora, vamos começar a subir. Há uma longa distância a percorrer, mas na volta, na descida, tudo será mais fácil.

Moira não se sentia cansada. Subia a rampa com facilidade, a brisa acariciava-lhe a face e as aves vojavam na frente deles. Era o passeio mais encantador que ela já fizera em toda sua vida. Parecia-lhe que aquela beleza lhe dava mais energia, um vigor que nunca experimentara antes.

Eles subiam sem parar. Bem acima estava o pico de pedra, o Ben Ark. As pedras, de acordo com a explicação do duque, foram transportadas pelos homens do clã e colocadas no alto da colina, num monumento em homenagem ao tetravô do duque.

— Esse lugar se transformou numa torre de observação. Em tempos passados, havia sempre um homem aqui para prevenir o clã da aproximação dos inimigos — informou o duque.

— E como é que transmitiam o aviso?

— Acendendo uma fogueira. Durante o dia a fumaça alertava os homens do clã, e à noite as chamas brilhavam em meio à escuridão.

— Deve fazer muito frio aqui durante o inverno; é um lugar penoso para um homem passar a noite.

— Os McCraig eram vigorosos naqueles dias. — O duque sorriu. — Só recentemente nos acostumamos demais com conforto e vida fácil, o que mina nossa resistência.

Moira pensava que para muitos escoceses a vida ainda era árdua e sem conforto, mas não desejava discutir esse assunto com o duque. Apenas queria aprender com ele. Havia tantas coisas que ela queria saber...

"Preciso ter cuidado para não o entediar com minhas indagações", refletiu ela humildemente.

— Estamos quase no pico. Trouxe uma luneta para você enxergar bem a distância.

O topo do morro, tendo o céu como fundo, era muito maior do que parecera visto do vale.

O duque estava ocupado arrumando a luneta para Moira, quando ela divisou um homem vindo do outro lado da colina. E observou, levando violento choque, que ele carregava uma arma. Apontava-a para o duque. Então, gritou.

Foi esse grito que lhe salvou a vida, pois virou-se rápido e a bala, destinada ao coração, atingiu-lhe o braço. Com o impacto ele caiu, batendo com a cabeça nas pedras.

Moira ficou paralisada. Ela reconheceu imediatamente o homem, um dos Kildonnon que estivera no salão ducal no dia de seu casamento. Ele a encarou por segundos. Em seguida saiu numa disparada encosta abaixo, o saiote sacudindo a cada movimento. Não restou dúvida a Moira que as cores do saiote eram verde e amarelo, as cores do clã dos Kildonnon.

Correu então para junto do duque e ajoelhou-se ao lado dele.

O sangue corria-lhe pelo braço, encharcando de vermelho rubro a camisa alva. Ela notou também que a testa dele sangrava, pois havia um corte profundo no lugar onde ele batera com a cabeça na pedra pontuda.

Outra mulher qualquer teria entrado em pânico, mas Moira estava acostumada com acidentes. No orfanato muitas vezes cuidara de crianças acidentadas.

Do paletó do duque, que estava no solo, Moira tirou um lenço do bolso e amarrou-o com força em volta do braço, para estancar a hemorragia. Depois, pegou o *skean-dhu* e cortou a manga da camisa do punho ao ombro, deixando a descoberto o local onde entrara a bala.

Por momentos ela olhou para o ferimento, consternada. O projétil devia ter entrado na carne profundamente, porém o sangue dificultava vê-lo claramente.

Ela então amarrou o lenço com mais força e começou a pensar no que mais poderia usar para fazer uma atadura.

A indumentária do duque não tinha nada que servisse para isso, a não ser o lenço que ela já usara. Então, dando as costas para ele, levantou a saia cinzenta e com o *skean-dhu* cortou um pedaço de sua anágua.

Foi nesse instante que se lembrou de que o Sr. Falkirk sabia para onde eles haviam ido.

O duque dissera a ele, antes de sair:

— Vou levar a duquesa ao topo do Ben Ark.

E o secretário comentara:

— É uma grande distância para Sua Graça, mas lhe fará bem após tantos dias numa carruagem.

O duque replicara:

— Se ela se queixar de dor nas pernas esta noite, a culpa não é minha.

O Sr. Falkirk os observara, enquanto atravessavam os jardins.

"Ele mandará alguém ao nosso encalço, com toda certeza", pensava Moira.

Mas isso poderia levar muito tempo, e ela não ignorava que a bala precisava ser extraída o mais rápido possível.

Ela resolveu tirar a anágua. Rasgou um bom pedaço para com ele fazer mais ataduras, e o restante colocou na ponta de uma vara. Depois espetou-a na terra fofa, ao lado das pedras, como uma bandeira indicativa do lugar em que se encontravam. E a brisa a sacudia, tornando-a bem visível.

Moira ajoelhou-se novamente ao lado do duque para substituir o lenço por uma atadura. Mas concluiu que precisava de algo mais grosso para pôr embaixo. Tirou da cabeça o horrível gorro, enrolou-o como uma bola e colocou-o sobre o ferimento.

Fitando o duque desmaiado, ela concluiu ter sido a queda sobre a pedra a razão da inconsciência. Ele batera com a cabeça numa pedra pontiaguda e, com certeza, o resultado seria uma concussão cerebral.

Ele estava jogado no chão, com as pernas dobradas, mas Moira sabia ser impossível removê-lo; era pesado demais para ela.

Olhou na direção do vale, na esperança de ver alguém vindo ao encontro deles. Mas nada...

A chuva começava a cair torrencialmente. Bem depressa, ela colocou o paletó por cima dele e se cobriu com sua capa preta.

Ao calor provocado pela subida do morro sucedeu-se um frio súbito e a chuva, batendo contra seu rosto, dava-lhe arrepios. Mas ela se preocupava apenas com o duque. Ele perdera muito sangue e logo mais sentiria frio.

"Preciso conservá-lo quente", dizia ela a si mesma. "Que pena não estarmos em lugar mais baixo, em vez de no alto de uma montanha!"

Pensou depois em tirar sua capa e cobrir o duque com ela. Contudo, teve uma idéia melhor; sentou-se apoiando as costas nas pedras e, usando toda sua força, conseguiu pôr o marido no colo. Ela o segurava da mesma maneira como fizera com as crianças do orfanato, quando se feriam.

Envolveu-o com a capa de tal modo que, enquanto a chuva a encharcava, o corpo dele ficava protegido e seco. Não havia nada que pudesse fazer para cobrir-lhe as pernas, nuas da extremidade das meias até bem acima dos joelhos.

Gostaria de ter algo para pôr-lhe na testa. O ferimento sangrava cada vez mais, manchando sua blusa.

"Quanto tempo teremos de aguardar?"

Pensava em sua situação de órfã, sem importância alguma, e sentada no alto de uma montanha com um dos homens mais importantes da Escócia nos braços.

"Ele está inconsciente, e nunca vai saber que eu o segurei assim...", refletia. "É o único meio de conservá-lo quente."

A chuva aumentava de intensidade. Aí, tão repentinamente como viera, cessou. Um sol amarelado apareceu e, com ele, um arco-íris que se estendia no céu de ponta a ponta, até a linha do horizonte.

Moira considerou-o uma mensagem divina. Jamais julgara que uma coisa pudesse ser tão linda, tão etérea e mística. Parecia mesmo lhe trazer uma mensagem. Mas qual? Ela não poderia dizer. Só sabia que a beleza de tudo aquilo lhe dava ânimo, e varria o medo que estivera dentro de si desde sua chegada ao castelo.

"Tenho certeza de que as coisas vão ficar bem, não apenas para mim, mas para o duque também!", pensou, e lembrou-se logo da maldição.

O Sr. Falkirk rira da velha mulher; contudo Moira não tinha dúvida de que o duque enfrentava uma incrível má sorte. Fora infeliz no casamento, e agora quase perdera a vida.

E ela se perguntava o que faria se ele tivesse sido atingido no coração, como tencionava o assassino. Ela estaria naquele momento ao lado de um homem morto, sendo que esse homem era seu marido!

Quando ela fora para a cama na noite da véspera, não estava tão apreensiva como na noite anterior, porque seu instinto lhe dizia que o duque não iria ter com ela. Ignorava qual a razão desse pressentimento, mas tinha certeza disso. Talvez pelo modo como ele dissera: "Boa noite e durma bem".

Além disso, o quarto não lhe parecera tão grande e nem tão assustador.

"Ele tem sofrido muito, e se sente como se todo o mundo fosse seu inimigo. E me considera também uma inimiga, apesar de eu ter vindo ao castelo por ordem dele. Mesmo assim, acho que a vingança não leva a nada."

Todas essas considerações passavam pela cabeça de Moira, enquanto aguardava por socorro. De uma coisa estava certa: se o duque tivesse morrido, a guerra se reiniciaria entre os McCraig e os Kildonnon, e seria tão violenta e amarga como no passado, tirando a vida de centenas de pessoas.

Moira pensou novamente no homem que atirara no duque, e estava absolutamente certa de ser um Kildonnon, o de nome Rory. Era o filho mais velho do chefe do clã e, o ódio que emanara dele naquele dia no salão ducal, parecia ser tão intenso como chama viva!

Ela notara também que, quando ele lhe apertara a mão, a odiara igualmente, e havia lampejos de fúria em seu olhar que a fizeram estremecer.

Agora, ele se vingava! Provavelmente os observara enquanto eja e o duque galgavam a colina, esperando o momento propício para alvejar seu inimigo.

Matando o duque, ele se transformaria num assassino, sendo ela a única testemunha do ato criminoso.

"Se eu contar a verdade os McCraig se sublevarão, furiosos, e atacam os Kildonnon, o duque vivo ou morto."

Ela podia quase ouvir o som das gaitas de fole chamando os homens à luta; o som dos passos dos guerreiros marchando para as fronteiras do território, com armas nas mãos, para se vingarem dos Kildonnon.

"Preciso evitar tudo isso. O duque está vivo, e é o que importa!"

Ela apertou-o contra o peito e acariciou-lhe a testa.

— Duvido que Sua Graça volte a si hoje. Só amanhã, ou talvez depois... — declarou o médico.

Ele era um homem jovial, de faces vermelhas, e acabava de remover o projétil do braço do duque que nada sentira, por estar desacordado.

— Sua Graça bateu com a cabeça nas pedras quando caiu? — indagou o médico a Moira, enquanto examinava o ferimento da testa.

— Sim.

— Que local horrível para se machucar. Porém, se conservarmos o ferimento limpo não haverá problemas, ainda que deixe uma cicatriz.

— Sua Graça não se importará com isso — interpôs o Sr. Falkirk. — Só me preocupa que, quando acordar, vai sentir dor.

— Ah, isso na certa! — concordou o médico. — Ele terá dor de cabeça por algum tempo, mas a dor nunca perturbou um McCraig.

— E quanto ao braço de Sua Graça, doutor?— perguntou o secretário.

— Vai cicatrizar. Porém, Sua Graça tem de ficar em repouso. Conserve-o na cama, se for possível. — O médico sorriu e acrescentou: — Conheço Sua Graça há muito e sei que ele é um paciente difícil, não obedece a ninguém, nem mesmo a seu médico! — Colocou a mão na testa do duque e continuou: — Sua Graça vai ter febre, mas não se preocupem, ele está em boa condição física.

— Que acha, doutor, de contratarmos uma enfermeira? — inquiriu o Sr. Falkirk.

— Procure alguém no castelo mesmo. Não conheço pessoa alguma na aldeia que recomendaria para essa função.

— Eu cuidarei dele! — declarou Moira.

Ambos, o médico e o Sr. Falkirk, a encararam atônitos.

Moira tinha naquele momento um aspecto muito jovem, com seus cabelos ruivos em desalinho, caindo pela testa. Era bem diferente do tipo de mulher que se classificaria de enfermeira.

— Sabe cuidar de doentes, menina? Quer dizer, Vossa Graça?

Desde o primeiro instante em que o médico vira Moira, tivera dificuldade em admitir que ela era a nova duquesa de Arkcraig.

Moira sorriu e explicou:

— Cuidei de meninos com pernas e braços quebrados, e com ferimentos na testa bem mais graves que o de Sua Graça agora. Tomei conta de vinte e duas crianças com sarampo, ao mesmo tempo, algumas delas com febre altíssima. E fiz tudo sozinha!

— Onde adquiriu essa experiência? — indagou o médico.

— Sua Graça, a duquesa, trabalhou para os pobres de Londres — apressou-se o Sr. Falkirk em responder, antes que Moira o fizesse.

— Então, o duque estará em boas mãos — observou o médico.

Mas, na verdade, foi o Sr. Falkirk quem organizou tudo. Ele decidiu que Moira se ocupasse do duque durante a noite, e Hector, o valete, durante o dia. Isso daria oportunidade a Moira de descansar um pouco e de tomar ar fresco no jardim.

O secretário providenciou para que um sofá fosse levado ao quarto do duque, a fim de que Moira pudesse se recostar durante a noite.

Moira saía do quarto às seis horas, quando Hector chegava. Então, ela ia para seus próprios aposentos e dormia por várias horas, um sono profundo e sem sonhos.

De início ficou preocupada ao ver que o duque não recuperava a consciência; contudo, depois concluiu que não deixava de ser uma coisa boa o fato de ele não ver como seu braço estava inchado devido à inflamação.

Ela trocava as ataduras duas ou três vezes durante a noite, e o médico vinha duas vezes por dia para fazer o mesmo.

— Sua Graça já devia ter recuperado os sentidos, não acha?—Ela indagou ao Sr. Falkirk, no segundo dia.

— Não houve alteração no estado dele, até agora — respondeu-lhe o secretário, preocupado. — Hector disse que Sua Graça passou um dia muito agitado, virando-se de um lado para outro o tempo todo.

— Foi a mesma coisa a noite passada, e acho que ele está com febre.

— Imagino que esteja com dor de cabeça, e talvez isso o incomode mais que a dor no braço — opinou o Sr. Falkirk.

— Certa vez eu sofri uma concussão cerebral, e sentia muita dor, embora não soubesse onde estava e nem o que me acontecera.

Na noite seguinte, quando Moira ficou sozinha com o marido, sentou-se ao lado da cama e começou a massagear-lhe a testa, muito suavemente.

Ele estivera bem inquieto, mas acalmou-se depois que ela o tocou com os dedos.

"Talvez eu esteja fazendo mágica para afastar a dor...", pensou Moira, lembrando-se de que as crianças do orfanato chamavam sua massagem de mágica.

Mais tarde, por sentir dor no braço devido à posição forçada, ela resolveu sentar-se na cama e puxar o duque para perto de si, do jeito que fizera na montanha. E continuou com a massagem.

Do momento em que ela começara a cuidar dele, na verdade, do momento em que ele fora ferido, Moira não o via mais como um homem poderoso que lhe inspirava medo, um homem que se casara só para vingar-se dos Kildonnon. Ela o enxergava como um dos meninos do orfanato os quais, uma vez machucados, paravam de ser agressivos ou violentos e se transformavam em bebês que precisavam de uma mãe para consolá-los.

E, sendo ela a única pessoa disponível no orfanato para fazer o papel de mãe, não somente tentava minorar o sofrimento deles, como também lhes dar coragem, pois sabia que necessitariam muito disso no futuro.

Histórias horríveis eram contadas acerca do mau tratamento dado aos aprendizes, por empregadores sem escrúpulos. Esses fatos eram sussurrados pelo orfanato, por isso Moira muitas vezes suplicara à Sra. Barrowfield que fosse cuidadosa na escolha das pessoas que requisitavam os órfãos. Geralmente essas pessoas os consideravam como mercadoria, sem sentimentos e sem personalidade própria.

Freqüentemente, quando os meninos eram levados, pálidos e assustados quanto ao futuro, ela chorava, desejando poder protegê-los daquilo que imaginava ser um mundo hostil e agressivo demais para os pobres adolescentes.

Da mesma maneira, sentia que precisava proteger o duque, não apenas da dor física, mas do sofrimento emocional pelo qual ele passava. Era como um veneno correndo pelas veias dele, alterando-lhe o caráter e a personalidade.

Na terceira noite o duque recuperou a consciência. Moira estava sentada ao lado, massageando-lhe a testa quando, de repente, ele abriu os olhos e disse:

— Estou... Com sede.

No princípio pensou não ter entendido bem, mas logo depois ela recostou-lhe a cabeça no travesseiro e respondeu:

— Vou buscar um copo d'água.

Enquanto o ajudava a beber, perguntou-lhe:

— Não está com fome? Há aqui uma sopa pronta, bem quente. Se quiser tomar algumas colheradas, isso lhe fará bem.

O duque a fitou, parecendo ter dificuldade em compreender. Depois indagou:

— O que... houve comigo?

— Vossa Graça sofreu um acidente.

— Onde?

— No Ben Ark. Caiu com a cabeça numa pedra e machucou-se.

— Eu... Me lembro agora.

Ele tornou a fechar os olhos e Moira supôs que fosse dormir. Ficou do lado dele; não se deitou com medo de adormecer e de que o marido necessitasse de alguma coisa.

Duas horas mais tarde, ele perguntou:

— Por que... Você está aqui?

— Estou cuidando de Vossa Graça. O médico parece muito satisfeito com sua recuperação.

— Alguém... Atirou em mim?

— Sim. Mas foi accidental.

— E quem fez isso?

— Não vi. Estava ocupada socorrendo Vossa Graça.

Em seguida Moira insistiu para que ele tomasse umas colheradas da sopa.

— Não mais — declarou ele, após haver aceitado umas duas ou três porções.

— Por favor, só mais uma colher — suplicou Moira. — Vai lhe dar forças. Tenho me preocupado em vê-lo aí deitado, sem comer nada.

E ela pôs mais uma colher na boca do marido. Depois ele fechou os olhos, decidido a não comer mais nada.

Moira saiu do quarto quando Hector chegou, mas teve dificuldade em repousar. Ao meio-dia foi ver o duque de novo.

— Banhei Sua Graça e fiz-lhe a barba — disse Hector. — Ele comeu um pouco e dormiu outra vez.

— Vou sair por alguns minutos e voltarei em breve.

Ela foi ao salão ducal e, com espanto, viu que havia visitas na casa. Eram os Kildonnon: o velho chefe do clã e seus dois filhos! Junto deles estava o Sr. Falkirk, que a fitou com olhos apreensivos.

— Kildonnon quer vê-la — declarou ele a Moira.

— A mim?!

— Sim... Duquesa — o próprio Kildonnon respondeu, e logo prosseguiu: — Ouvi dizer, embora todo mundo insista ter sido um acidente, que o duque foi alvejado por alguém em Ben Ark. Quero a verdade, duquesa, pois sei que Vossa Graça estava com ele! Portanto, deve ter visto o assassino! Se foi um de meus filhos, como suspeito, é melhor que eu saiba de tudo agora mesmo, para tomar providências antes que os McCraig se vinguem de nós!

— Tenho impressão de que o senhor foi... Mal informado — explicou Moira. — O duque feriu-se acidentalmente com sua própria arma. Ele tropeçou e caiu sobre uma pedra pontuda; a arma disparou e a bala atingiu-o no braço.

— Tem certeza de que foi o que aconteceu?

— Eu estava lá. O senhor deve ter sabido que o duque desmaiou; não por causa do ferimento do braço, mas em consequência da queda. — Moira juntou as mãos e continuou: — Foi muito difícil transportar Sua Graça. Felizmente alguns guardas florestais viram o sinal que eu pusera para chamar a atenção de alguém. Eles correram em nosso auxílio e trouxeram o duque para casa, numa maca improvisada.

— É exatamente o que sucedeu — confirmou o Sr. Falkirk.

— Mas apreciamos, Kildonnon, sua vinda aqui para descobrir a verdade.

Enquanto o chefe do clã virava-se para conversar com o Sr. Falkirk, Moira encarou Rory Kildonnon. Ele a fitava com expressão de espanto e alívio ao mesmo tempo, pois parecia ter estado numa expectativa cruel, temeroso de que ela relatasse uma história bem diferente daquela. Moira percebeu que ele entendera a razão da mentira.

— Por favor, duquesa, transmita a Sua Graça nossos votos de breve restabelecimento — pediu Kildonnon.

— Farei isso, e tenho certeza de que ele vai ficar muito grato por sua vinda aqui.

— E posso esperar que ambos me visitem quando ele ficar melhor?

— Claro! — respondeu Moira, notando pelo olhar dele que sua história não o convencera. Mas de qualquer forma o homem estava grato a ela, como também Rory Kildonnon.

Assim que os Kildonnon se retiraram, recusando os refrescos que lhes foram oferecidos, o Sr. Falkirk observou, com um sorriso:

— Os guardas florestais vão procurar feito doidos, por toda parte, a pistola com que Sua Graça se feriu.

— Então, trate de fazer com que eles a encontrem! — respondeu Moira, sorrindo também.

— Jamais poderia acreditar, Moira, que alguém entendesse tão claramente, e com rapidez impressionante, as conseqüências explosivas que esse fato traria. Sua explicação convincente sobre os acontecimentos evitará isso.

— Sabia que o senhor esperaria essa atitude de minha parte, e acho que Sua Graça também.

— Vamos rezar para que você esteja certa no caso dele, Moira.

Bem mais tarde, ela foi ao quarto do duque e colocou uma acha na lareira. Quando se virou, percebeu que ele estava acordado.

— Hector me disse que Kildonnon veio aqui hoje — falou ele.

— Hector não devia perturbá-lo com esses falatórios. É importante que Vossa Graça melhore, e não pode se preocupar com ninharias.

— Por que razão ele esteve aqui?

— Queria saber de sua saúde.

— Que mais?

— Imaginou que alguém o tivesse alvejado, e julgou ser um de seus filhos.

— E foi?

— Eu estava olhando para outro lado... E não vi quem foi.

— Impossível, Moira. Você deve ter visto quem puxou o gatilho da arma.

— Falei ao Kildonnon que tinha sido um acidente, que a arma de Vossa Graça disparou devido a sua queda sobre uma pedra.

— E ele acreditou nessa versão dos fatos?

— Ele fez que acreditou...

— E você acha que vou aceitar esse atentado criminoso contra minha vida, sem me vingar?

— Seria muito fácil instigar os McCraig contra os Kildonnon, depois disso. Mas é mesmo o que Vossa Graça deseja?

— Por que desejaria outra coisa?

— Porque Vossa Graça é importante demais, grande demais para se rebaixar com guerras idiotas, vingando-se de um rapaz que também procurava se vingar. Isso nunca terá fim. O Sr. Falkirk me contou a história dos McCraig, e me parece que tem havido muita luta e pouca realização construtiva em todos esses anos!

Moira falou o que lhe veio à cabeça, e só depois se deu conta de que havia sido grosseira.

Fitou o duque, apreensiva, e desculpou-se:

— Sinto muito, Vossa Graça, se estou sendo grosseira. Mas é porque tenho medo que haja derramamento de sangue, medo que outro Kildonnon deseje matá-lo. E, como Vossa Graça não pode andar sempre de armadura, algum dia seus

inimigos conseguirão o objetivo. E as guerras vão prosseguir até que todos estejam mortos, e talvez os filhos deles e os seus também. Tudo é tão tragicamente desnecessário!

O duque não se pronunciou e, após curto espaço de tempo, ela disse:

— Não tive chance de perguntar a Vossa Graça o que deveria dizer a Kildonnon... Mas achei que nem seus homens e nem os Kildonnon precisariam saber da verdade!

— E vamos deixar que Rory Kildonnon escape sem um castigo?! É isso?!

— Então sabe que foi ele?

— É o único Kildonnon que ousaria tentar me matar! — declarou o duque.

— Ele estava com medo quando veio aqui hoje. Com medo de que eu o denunciasses; com medo das consequências que poderiam advir. Kildonnon teve medo também.

— E você mandou-os felizes de volta para casa, com a idéia de que eu sou um verdadeiro tonto que não sabe nem lidar com uma arma! — protestou o duque.

— Eles estão perfeitamente a par da história verdadeira. Agora lembro que Kildonnon me perguntou se, quando o senhor ficar bom, nós iremos visitá-lo... Nós dois!

— Foi isso mesmo que ele pediu?

— Sim, foi.

— Tenho a impressão, Moira, de que você começou um novo capítulo na história dos McCraig — falou o duque, vagarosamente.

O duque caminhava devagar, mas com dignidade, pelo corredor, indo para o salão ducal.

O Sr. Falkirk seguira na frente, e o fez sentar-se numa poltrona confortável, assim que ele chegou na sala. O mordomo apressou-se em levar-lhe um copo de vinho.

O duque sorveu alguns goles e declarou:

— Sinto-me melhor do que esperava.

— Todo mundo sempre fica fraco ao se levantar da cama, após uma enfermidade — observou o Sr. Falkirk. — E o esforço para se vestir é sempre tremendo.

O duque sorriu e falou:

— Você é muito amável, Falkirk. O caso é que fico furioso por me sentir fraco como um bebê.

— O senhor logo vai se fortalecer. E precisa antes de tudo agradecer a sua esposa pela dedicação que lhe deu.

— Sei bem a quem devo agradecer, e você é um deles.

— Vossa Graça deve estar pior do que pensei, agradecendo-me desse jeito! Geralmente só me repreende por algo que me esqueci de fazer, nunca me elogia.

— Sou tão horrível assim?

— Não metade do que seu pai foi.

— Suas considerações me empolgam, Falkirk — observou o duque, sorrindo. — Como sempre lhe digo, Falkirk, nunca vou ficar convencido tendo você a meu lado. É bastante consciente de meus defeitos.

— E orgulhoso de suas qualidades, Vossa Graça!

Os dois homens sorriram. Desde menino, o Sr. Falkirk ajudara o duque, aconselhando-o e muitas vezes encobrindo suas falcatruas. Ele era mais amigo de seu pequeno patrão que os próprios pais dele.

Nesse instante, o som de vozes chegou até o salão ducal.

— Visitas! — exclamou o duque, de mau humor. — Por Deus, é a última coisa que desejo agora, Falkirk!

O Sr. Falkirk foi à porta para impedir a entrada de quem quer que fosse, mas chegou tarde demais. Um homem muito bem-vestido entrava na sala. Tinha mais ou menos quarenta anos de idade, e usava o saiote com as cores dos McCraig.

— Charles! — exclamou o duque, prazerosamente.

— Alô, Heron. Pensei encontrá-lo na cama, às portas da morte, o que parecia ser verdade tivesse eu dado crédito aos falatórios que ouvi sobre você.

— Então, o que ouviu foi um bando de mentiras!

— Fiz bem em não acreditar em nada, mas vejo que seu braço está numa tipóia.

— Vou lhe contar tudo, porém primeiro beba alguma coisa. Falkirk, você se lembra de meu primo Charles?

— Claro — respondeu o Sr. Falkirk. — É um prazer vê-lo, milorde.

— Você não mudou nada, seu danado! — disse o visitante ao secretário. — E ainda anda às voltas com esses campônios dos McCraig? Já lhe disse muitas vezes que tenho um emprego para você, no dia em que decidir abandoná-los.

O Sr. Falkirk sorriu; essa era uma velha brincadeira e ele deu a mesma resposta de sempre:

— Tenho o pressentimento de que vou deixar meus ossos aqui, junto destes McCraig.

— Mas vai levar muito tempo para isso! — replicou o visitante. E, depois, dirigindo-se ao duque:

— Agora, Heron, o que andou fazendo? Os boatos que correm por aí são assustadores!

— Que boatos?

— O primeiro deles é que Margaret morreu!

— Isso é verdade.

— Bom Deus! E ouvi ontem, enquanto vinha para cá, que você havia se casado outra vez!

— Isso também é verdade — confirmou o duque.

— Estava então mais que na hora de eu lhe fazer uma visita, para me pôr em dia com os fatos de sua vida atribulada.

Ele fez uma pausa, porque o mordomo lhe oferecia uma taça de champanhe.

— Preferiria uísque — observou ele. — Mas suponho que deva beber ao seu restabelecimento, Heron. Você precisa se apressar nessa recuperação, se quiser ir a Edimburgo.

— E por que devo ir a Edimburgo?

— Santo Deus! Você não sabe de nada vivendo neste fim de mundo! O rei vai fazer uma visita à cidade.

— O rei?

— O rei da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, e do País de Gales! Que outro rei queria que fosse? E incidentalmente, Heron, ele é ótima pessoa e acho que você vai adorá-lo.

— Meu caro Charles, se gosta das festas da corte, isso é com você, mas essa pompa toda me entedia. Além disso, tenho muito a fazer por aqui.

— Não diga isso, Heron! A visita oficial do rei George IV a Edimburgo é o acontecimento mais importante da nossa história.

— Suponho ser essa a razão de você vir me ver hoje, não?

— Sua Majestade me pediu que percorresse o país, não como espião, mas para verificar se tudo foi preparado para sua visita. Ele insiste em aplausos, e quer ser bem recebido.

— Quando vai chegar?

— No dia quinze de agosto.

— Ainda faltam duas semanas. Você pretende ficar alguns dias comigo?

— Não posso, preciso voltar logo a Edimburgo, mas passarei esta noite aqui.

— Ótimo!

O Sr. Falkirk ia saindo da sala quando o duque o chamou, dizendo-lhe:

— O conde de Strathairdrie vai pernoitar no castelo. Providencie para acomodar todo o séquito que o acompanha.

— Deixe tudo por minha conta, Vossa Graça — respondeu o secretário.

O conde de Strathairdrie recostou-se na poltrona e tomou outro gole de champanhe, antes de declarar:

— Tenho me preocupado com você, Heron.

— E por que razão?

— Porque achei, desde o princípio, que seu casamento com Margaret foi um erro.

— Lembro de você me haver prevenido contra ele.

— Esses planos idealistas funcionam no papel, nunca na vida real. Você jamais se impressionou muito com Margaret, e era óbvio que ela não sentia nada por você.

— Suponho que fui muito convencido ao pensar que Margaret encontraria em mim um marido tolerável.

— Muitas mulheres consideram você mais que tolerável, mas elas o escolheram, ou você a elas. Não foram forçadas por um pai que não via outra saída para salvar seu povo empobrecido, afora esse casamento.

— Mas está tudo acabado agora, Charles. Margaret está morta e enterrada.

— Tudo bem, não quero entrar em detalhes sobre sua vida particular. Porém, diga-me agora, você se casou outra vez?

Antes que o duque pudesse responder, Moira entrou na sala. Tinha nas mãos uma cesta cheia de rosas, que ela tencionava pôr no quarto do marido.

Os cabelos dela, com aquele tom avermelhado, brilhante, contrastavam com a madeira escura da porta onde ela ficou parada, de olhos arregalados para o duque, pois não contava encontrá-lo no salão ducal.

Deu um grito de alegria, que ecoou pelo recinto todo:

— Está de pé! E todo vestido! Oh, como se sente? Espero que não esteja cansado demais!

— Estou bem. E agora, Moira, quero lhe apresentar meu primo o conde de Strathairdrie. Charles, esta é minha esposa Moira.

O conde encarou McCraig, com uma expressão estranha no olhar. Ele não disse nada, mas olhou-a com insistência. Parecia transformado numa estátua de pedra.

— Muito prazer, milorde — falou Moira, fazendo-lhe uma reverência.

Ele não respondeu ao cumprimento, e continuou com os olhos fixos nela, até o duque dizer:

— Charles, acabei de lhe apresentar minha esposa.

— Quem é você? — perguntou o conde a Moira. — Como é seu nome?

Havia qualquer coisa no modo de ele falar, que fez Moira arregalar os olhos com surpresa, antes de responder:

— Meu nome é Moira... só Moira.

— Minha esposa é órfã, e foi abandonada ao nascer! — explicou-lhe o duque, de maneira impaciente. — Ela veio do Orfanato dos Sem-Nome, fundado por minha avó, sua tia- avó, a duquesa Harriet.

O conde ignorou o duque e dirigiu-se a Moira, perguntando:

— Você não tem outro nome?

Ela julgou que o visitante fosse um tanto tolo, pois o duque já lhe dissera que ela era uma órfã de origem desconhecida.

Por sentir-se embaraçada, disse ao marido:

— Não sabia que Vossa Graça estava com visita. Vou levar estas flores para seu quarto.

— Sim, faça isso — respondeu o duque.

Moira tentou sair, mas o conde a impediu.

— Não! — disse ele. — Espere um momento, quero lhe mostrar uma coisa que precisa ver.

E ele tirou do pescoço uma fina corrente, com uma miniatura.

— Está vendo isto? Diga-me, com quem se parece esta mulher?

Moira olhou para a pintura, amarelada pelo tempo. Era fácil, contudo, distinguir nela um lindo rosto de olhos azuis, cílios escuros e cabelos ruivos.

— Com quem se parece ela? — insistia o conde.

— Não sei... — replicou Moira.

Mas, de repente, ocorreu-lhe que as feições daquela mulher não eram muito diferentes das suas. Ela olhava para a miniatura, receando pôr em palavras o que pensava.

— Que idade tem você? — indagou-lhe o conde.

— Vou completar... dezoito anos este mês.

— Em que ano nasceu?

— Em 1804.

— Sabia! — exclamou o conde.

— Que está acontecendo? — perguntou o duque, já irritado. — Que tem você a ver com a idade de minha mulher?

O conde deu um suspiro profundo, pegou a miniatura e deu-a ao duque.

— Olhe para isto — pediu.

— Bem, estou olhando. E daí?

— Não consegue ver a semelhança?

— Com Moira? — inquiriu o duque. — O que você está tentando concluir?

— A resposta à pergunta é muito simples. Esta é minha esposa, e...

— Sua esposa?! Mas, Charles... Você nunca teve uma esposa! Nunca se casou!

— Isso é o que você e o resto de minha família pensam! Porém, não somente tive uma esposa, Heron, como acho que acabo de encontrar minha filha há muito dada por perdida!

CAPÍTULO VI

Moira e o duque encaravam o conde, certos de que ele estava fora de si. E o duque perguntou:

— O que você está falando, Charles?! Não entendo nada!

O conde não lhe deu atenção e, olhando para Moira, indagou:

— Por que você se chama Moira?

— Minha mãe tinha, quando morreu, um medalhão com esse nome.

— E você possui esse medalhão?

Moira fez um gesto afirmativo com a cabeça e ele então disse:

— Deixe-me vê-lo!

Moira tirou a corrente do pescoço e estendeu-a ao conde, que parecia profundamente emocionado.

— Abra esse medalhão — ordenou ele. — Vai encontrar uma mecha de meus cabelos aí dentro.

— Sempre quis saber de quem era essa mecha de cabelo.

— Dei esse medalhão a sua mãe, porque não lhe podia oferecer uma aliança.

— Ela então... Foi casada... Com o senhor?!

Moira não podia entender bem o que se passava, mas pressentia ser algo maravilhoso. Parecia estar subindo do solo para um céu iluminado pelo sol. Tudo era tão incrivelmente espantoso, que ela apenas fitava atônita o homem sentado à sua frente, com o medalhão nas mãos. Acreditava estar sonhando.

— Que acha, Charles, de nos contar toda essa história? — o duque insistia. — Devo ser muito bobo, mas não estou compreendendo nada.

— Isso não me surpreende! — exclamou o conde. — A história é complicada. Parece-me impossível que, após haver procurado minha filha por tantos anos, eu venha agora encontrá-la aqui, e casada com você!

— Eu sou... Realmente... Sua filha?! — inquireu Moira, bastante perturbada com a grata notícia.

— Venha... E sente-se aqui! — disse o conde num tom de voz difícil de controlar, tal era sua emoção. — Vou lhe contar toda a história.

Havia uma cadeira perto dele, e lá Moira sentou-se. O conde segurou-lhe a mão com força, como se quisesse ter certeza de que ela era real, e que de fato a encontrara.

— Eu tinha quase vinte e um anos de idade em 1803, quando... Me apaixonei perdidamente por uma mulher! — começou o conde. — Eu a conheci num baile em Carlton House, e foi o próprio príncipe de Gales quem me apresentou a ela.

— E essa mulher chamava-se Moira? — indagou o duque.

— Sim. O nome dela era... Moira Kildonnon!

O duque deu uma exclamação de surpresa e disse:

— Agora sei de quem está falando! Eu a vi uma vez, quando era menino. Ela era sem dúvida... lindíssima!

— Parecia-se muito com você, Moira — o conde observou. — Tive a impressão de voltar ao passado, quando vi você entrar na sala.

— Tratava-se, então... De uma Kildonnon! — declarou o duque.

— Isso mesmo! E você pode entender como nós dois sofremos por esse motivo. Nosso amor era enorme, nada e ninguém poderia impedir que pertencêssemos um ao outro. Mas não ousávamos revelar coisa alguma a nossos pais.

— Os dois clãs se odiavam como nunca, naquela época — acrescentou o duque.

— E assim continuou por muito tempo — observou o conde. — Só você, Heron, foi bastante corajoso declarando abertamente que pretendia se casar com uma Kildonnon. Acho que meu pai me teria matado, se eu fizesse o mesmo.

— E que solução você encontrou para seu caso, Charles?

— Moira e eu nos encontrávamos em segredo, e suponho que teríamos continuado a fazê-lo por muito tempo, se não tivesse estourado novamente a guerra contra Napoleão.

— Eu me recordo, o armistício chegou ao fim... — murmurou o duque.

— Meu regimento foi um dos primeiros a seguir para a Índia — prosseguiu o conde. — Juntamo-nos às tropas do governador, o general lorde Wellesley.

— Quer dizer que foi à Índia! — exclamou Moira.

— Chegamos lá a tempo de tomar parte na Batalha de Las wari, uma das batalhas mais sangrentas da história da Índia. Meus pensamentos estavam, não é necessário dizer, concentrados na mulher que me esperava na Inglaterra. Por ter tido medo de perdê-la, enquanto estivesse fora, supliquei-lhe que se casasse comigo antes de eu partir. E decidimos que, na minha volta, contaríamos tudo a nossos pais e, uma vez já sendo marido e mulher, eles nada poderiam fazer para nos separar.

— E aí, você se casou secretamente — interveio o duque.

— Nós nos casamos muito cedo, numa manhã, e eu levei minha esposa a um hotel onde passamos o dia juntos. E soube naquela ocasião o que era a felicidade; e penso que o mesmo se deu com Moira, minha mulher.

O conde ficou em silêncio por um momento, como se estivesse vivendo do passado. E o duque indagou:

— Você teve de partir?

— Parti com meu regimento dois dias depois. Usufruí mais algumas horas de prazer com Moira, jurando fidelidade, e deixei-a. Lembro-me de ter sofrido um ciúme selvagem ao lançar um último olhar à Inglaterra, e rezei para que ela não se esquecesse de mim, e que eu pudesse retornar logo a seus braços.

— E o que houve depois?

— Não pude voltar à Inglaterra por três anos e, quando o fiz, foi só por ter sido gravemente ferido numa batalha. Fui forçado a abandonar o exército mas, quando cheguei, vi que Moira havia desaparecido.

— Desaparecido?!

— Levei muito tempo para saber o que se passara, pois não podia indagar nada de seus pais. Enfim, descobri uma velha empregada que a amava muito, e que cuidara de Moira desde o nascimento. Disse-me que, três meses após minha partida, Moira soube que estava grávida.

— E ela não disse nada aos pais?

— Como poderia? Eu era um McCraig e, assim como eu temia meu pai, Moira tinha pavor do dela. Era um homem obstinado, teimoso, autoritário, exatamente um Kildonnon. — Fitando Moira, ele falou: — Nem todos eles eram, infelizmente, como sua mãe, carinhosa e amável.

— Que pena eu não a haver conhecido!

— Ela teria amado muito você — observou o conde.

— E o que aconteceu depois, considerando-se que ela não podia revelar nada aos pais? — O duque não queria desviar o assunto da conversa.

— Moira fugiu de casa com a velha empregada, Mairi. Elas encontraram um lugar onde tinham chance de viver sem serem descobertas e, pelo que soube, Moira me escreveu muitas cartas contando-me o sucedido... Cartas essas que eu jamais recebi.

A dor que o conde sofria ao relatar tudo aquilo era evidente; e foi com grande esforço que ele continuou:

— Um dia, disse-me Mairi, Moira foi fazer compras, um mês antes da data do nascimento da criança. Mairi suplicou-lhe que fosse cuidadosa... e não a viu nunca mais.

— Ela sofreu um acidente — interveio Moira. — A Sra. Barrowfield me contou que uma carruagem a atropelara. Minha mãe foi levada ao orfanato, onde faleceu. E lá eu nasci.

— Então, foi o que aconteceu! — exclamou o conde. — Percorri todos os hospitais de Londres, tentando descobrir um registro de nascimento de alguma criança naquela época. Mas nada!

— Minha mãe nunca voltou a si. E ninguém no orfanato sabia quem era ela — declarou Moira, com lágrimas nos olhos.

— E levava este medalhão no pescoço? — perguntou o conde, ainda com a corrente na mão.

— Sim, mas o que todos notaram logo foi que ela não tinha uma aliança.

— Sei disso, não ousaria dar-lhe uma aliança, e o medalhão foi para nós um substituto da aliança — explicou o conde. — Os pais dela poderiam descobrir o anel, mesmo estando cuidadosamente escondido.

— Quer dizer então que eu não sou... Uma bastarda? — indagou Moira, mal podendo pronunciar a palavra "bastarda".

— Claro que não. Você é minha filha, nascida de um casamento legítimo, e de uma mulher que eu amava mais que tudo no mundo!

— Oh, como estou contente! Muito, muito contente mesmo!

— Agora, Moira, fale-me sobre você — pediu-lhe o conde. — Passei dezoito anos de minha vida procurando-a, e há tanto que preciso saber!

— Fui criada no orfanato. Ao completar doze anos, teria sido mandada para alguma casa, como empregada. Contudo, por prestar serviços no orfanato cuidando das crianças pequenas, eles decidiram me conservar na casa.

— Então, nunca estive em outro lugar?

— Nunca. A primeira vez que saí do orfanato foi quando o Sr. Falkirk apareceu por lá para me buscar, obedecendo ordens de Sua Graça.

— Isso é algo que não entendo! — exclamou o conde.

O duque permanecia calado. No entanto, como o conde aguardasse por uma explicação, ele resolveu dá-la:

— Margaret foi escolhida pelos Kildonnon para se casar comigo; depois da morte dela, eu me propus escolher minha próxima esposa.

— Vejo que as histórias que ouvi são verdadeiras. Foi um ato de vingança! Por isso trouxe Moira para cá, e por isso a obriga a usar essa horrorosa roupa de órfã! — A acusação foi violenta.

Moira, temendo uma discussão entre os dois homens, resolveu acalmar os ânimos dizendo:

— Por favor, não briguem! Afinal, foi muito bom eu ter vindo para cá, assim pude cuidar de Sua Graça quando ele se feriu.

— Soube mesmo que você se acidentou com sua própria arma! — observou o conde, com ar de desprezo.

Mas foi Moira quem respondeu:

— Essa é a história que eu inventei para não encorajar os McCraig a se vingarem dos Kildonnon, o que teriam feito na certa ao saber quem atirara em seu chefe.

O conde sorriu e declarou, já mais calmo:

— Começo a entender tudo agora. É o tipo de coisa que sua mãe faria. Ela detestava a situação de guerra constante entre os dois clãs; considerava cruel e errado que homens inteligentes lutassem por razões injustificadas! E, depois que se apaixonou por mim, viu que um McCraig era muito diferente daquilo que lhe ensinaram toda vida a respeito dos McCraig.

— Quer dizer que... Se sou sua filha... Agora tenho um nome!

— Tem! Você é lady Moira McCraig!

— É mesmo verdade?!

— Você é tão McCraig como eu ou seu marido.

— Contudo... minha mãe foi uma Kildonnon.

— Você tem direito ao status de seu pai. Ao mesmo tempo, achará difícil odiar e lutar contra as pessoas que têm nas veias o sangue de sua mãe.

— Mal posso acreditar em tudo! — Os olhos de Moira brilhavam de excitação.
— Tenho uma... família!

— Sem dúvida! E agora, como seu pai, gostaria de beijá-la. É uma coisa que fiz centenas de vezes em sonho!

Ele abraçou Moira enquanto falava e beijou-a em ambas as faces.

— Você está muito magra, minha filha. Não foi bem alimentada no orfanato?

— Não muito bem... — admitiu Moira.

O conde lançou um olhar furioso ao duque.

— Julguei que o lugar pertencesse à sua família, Heron!

— De acordo com as informações de Falkirk e Moira, o orfanato foi negligenciado desde que minha mãe morreu — desculpou-se o duque. — Mas já tomei providências para a realização de muitos melhoramentos.

— Espero! E, outra coisa que foi negligenciada, Heron, é o aspecto pessoal de minha filha. E acho que você concorda, devido às circunstâncias, que eu a leve comigo para Edimburgo amanhã. Vou fornecer a ela um guarda-roupa adequado à posição de sua esposa. Também quero apresentá-la ao rei.

— Apresentar-me... ao rei?! — Moira o encarava, de olhos arregalados.

— É o que se deve fazer, Moira, uma vez você sendo a duquesa de Arkcraig! — replicou o conde. — E, como amigo pessoal de Sua Majestade, sei que ele terá grande interesse em conhecê-la.

— Será emocionante! — declarou Moira. — Só desejo não fazer nada errado. Não quero que meu pai... se envergonhe de mim.

— Eu cuidarei de você, minha filha, para que isso não aconteça. E sua avó me ajudará nessa tarefa, pois ela se encontra em Edimburgo.

Moira não cabia em si de contente. Fitou o marido e pediu:

— Posso ir? Por favor, Vossa Graça, diga-me que posso ir!

— E por que não? — assentiu ele friamente. — Nada a segura aqui!

Os olhos do duque estavam escuros e com expressão de ira, como no dia em que ela o conhecera.

Moira olhava-se no espelho e achava quase impossível que a imagem ali refletida fosse a dela, a daquela miserável, mal nutrida órfã que lutara para manter a ordem no orfanato, que às vezes estava a ponto de desmaiar de fome.

Usando um lindo vestido de tule branco que a avó lhe comprara, era difícil lembrar-se dos rústicos e horrorosos vestidos de algodão cinzento que foram jogados fora, assim que ela chegara em Edimburgo.

Seus cabelos tinham sido arranjados por um cabeleireiro famoso, e as empregadas a aguardavam para pôr-lhe na cabeça a tiara de diamantes.

Ela ia ser apresentada ao rei, no Palácio de Holyrood.

O soberano aportara em Leith, no dia quinze de agosto, a bordo do *Royal George*, e Moira se contagiara com o entusiasmo que varria a cidade como uma onda de otimismo.

Esquecidas foram, por momentos, a animosidade e a desconfiança dos escoceses quanto aos ingleses; esquecida fora a cruel punição infligida pelo odioso duque de Cumberland aos escoceses, após a Batalha de Culloden.

Moira vira muito pouco da cidade desde sua chegada, por que estivera ocupada adquirindo roupas novas. Ela eslava achando bastante cansativo experimentar vestido após vestido, horas a fio. Mas o resultado justificava qualquer sacrifício!

A cada dia que se passava sentia mais confiança em si, pois sua aparência melhorara muito; e todos a tratavam tão bem que não podia deixar de se considerar uma pessoa de sorte.

Amara o pai do primeiro instante em que o vira. Quando os dois viajaram para Edimburgo, de mãos dadas, ele lhe relatara fatos de sua infância, e falara incessantemente sobre a mãe dela. Moira não parava de dar graças a Deus por tanta felicidade.

Foi maravilhoso saber também que possuía uma avó e grande número de primos, que a acolheram com enorme satisfação. Isso concorreu para acabar com suas timidez e insegurança.

Somente à noite ela se preocupava com o duque, e se perguntava se o ferimento dele estava completamente cicatrizado, e se a dor de cabeça cessara.

Sofria ainda com o modo como o marido lhe respondera, quando indagara se podia ir a Edimburgo com o pai. È nenhuma palavra de agradecimento fora proferida pelo trabalho que tivera com ele durante a doença.

Moira não esperava necessariamente gratidão profunda, mas ao menos um comportamento mais amável para com ela.

Porém, ao contrário, na última noite ele pareceu odiá-la outra vez, como no dia de sua chegada ao castelo.

De quando em quando Moira acordava durante a noite e imaginava que ainda o tinha nos braços, massageando-lhe a testa. Ele não lhe parecera então um homem assustador, poderoso, mas um garotinho que padecia, e que ela acreditava poder ajudar.

Olhando-se no espelho, naquela hora ardia em desejo de saber se ele a acharia atraente! Mas logo disse a si mesma que, com certeza, para o marido ela jamais passaria de uma órfã usada por ele como instrumento de vingança.

— O duque virá para as festividades? — Essa pergunta lhe fora feita não uma, mas dezenas de vezes.

— Penso que ele ainda não esteja completamente restabelecido — respondia ela.

— Está de cama?

— Sim, sofreu um acidente, mas talvez melhore. Nesse caso, poderá vir para cá.

Ela ficava cada vez mais hábil na arte de fugir das perguntas embaraçosas, e falava de uma maneira que, sem dúvida, recebia a aprovação do pai.

— Sua mãe deve ter sido muito linda! — os primos lhe diziam. — Sempre nos surpreendemos pelo fato de tio Charles não ter casado de novo. Não faltaram mulheres bonitas, que o receberiam de braços abertos. Mas o coração dele permaneceu fiel, todos esses anos, a seu primeiro amor!

"Deve ser fantástico ser amada assim!", pensava Moira.

E, ao mesmo tempo em que se alegrava com a atenção recebida de seus parentes, ao mesmo tempo em que sentia por eles um carinho especial, não deixava de admitir que necessitava de algo diferente, de um amor como o de seus pais!

"Minha mãe foi tão corajosa!", ponderava ela freqüentemente. "Enfrentou a animosidade existente entre os clãs, mais intensa naqueles dias. Que pena não ter ela vivido para vê-los em paz, como agora!"

Deu um suspiro ao pensar nas artimanhas do destino! Pelo fato de uma carruagem ter atropelado sua mãe, um desenrolar de acontecimentos sobreveio, terminando com seu casamento com o duque.

"Tive muita sorte! Podia ser no momento a empregada de alguém que talvez me maltratasse, ou haver ficado no orfanato pelo resto de minha vida, até morrer de fome ou exaustão!"

Em vez disso, estava em Edimburgo, trajada como uma princesa de contos de fada e, ali a uma hora, iria ser apresentada a Sua Majestade o rei George IV.

A velha condessa, sua avó, usava um vestido dourado de lamê, com ampla cauda enfeitada de franjas também douradas. Uma magnífica tiara de pérolas e diamantes ornava-lhe a cabeça grisalha.

Contudo, Moira concluiu que nem ela e nem sua avó se comparavam em elegância com o conde, no traje completo dos McCraig. Ela conhecia apenas um homem que poderia sobrepujá-lo: era o duque, seu marido!

Enquanto se dirigiam ao Palácio de Holyrood, Moira desejou muito que o duque estivesse com eles. As apresentações começavam às duas horas e se prolongariam até três e meia. Nada menos que trezentos casais iam ter o privilégio de se encontrarem com Sua Majestade, e tinham que estar a seus postos antes que o soberano chegasse.

O rei se hospedava no Palácio de Dalkeith, juntamente com o jovem duque, um rapaz de dezesseis anos apenas. Era escoltado o tempo todo pela tropa escocesa e chegara à Escócia com a farda de marechal-de-campo. Os arqueiros reais faziam a guarda do palácio.

O salão das festividades estava repleto de gente, e a guarda pessoal do rei ocupava a galeria.

Quando chegou a hora de Moira ser apresentada, ficou nervosa, mas a avó sorriu e encorajou-a:

— Não há ninguém mais linda que você, e eu teria tido imenso prazer em apresentar sua mãe, minha nora, ao rei, como vou fazer com você agora.

Moira praticara a saudação e movia-se com muita graça. Seus cabelos ruivos pareciam mais vistosos que nunca, com a tiara de diamantes. Sua presença, como duquesa de Arkcraig, causava sensação no grupo da nobreza ali reunido. O pai lhe revelou mais tarde que recebera muitos elogios dirigidos a ela.

Ao voltar para casa, Moira desejou novamente que o duque tivesse ido com eles.

Antes de se despir, olhou-se no espelho. Seus cabelos cresceram um pouco e estavam penteados com arte, sua toalete era preciosa. Contudo, em vez de sua imagem real, ela se enxergava com aquele horrível gorro e o não menos horrível vestido cinza, e a capa preta que proclamava em altos brados que vivia da caridade pública.

"Preciso me esquecer do passado, tudo terminou!"

E uma pergunta lhe vinha à mente: o duque se esqueceria? Poderia ela ter esperança de ser para ele alguma coisa diferente do que fora ao chegar à Escócia?

Os dias que se seguiram à apresentação à corte foram cheios de celebrações em honra de Sua Majestade. O tempo todo as gaitas de fole tocavam, ainda emocionando-a como no primeiro dia. Agora sabia por que se sentira escocesa e parte daquela música!

O conde levou-a à revista das tropas montadas, que teve lugar em Portobello Sands, no dia vinte e três de agosto. Além da cavalaria escocesa, quase três mil cavalariaos, desfilaram os arqueiros reais, os membros da Sociedade Celta e os representantes dos clãs. Foi a grande parada.

Ao ver estes últimos, Moira desejou que o duque estivesse liderando o grupo dos McCraig, como o duque de Argyll liderava o dos Campbell.

Parecendo adivinhar seus pensamentos, o conde falou:

— Heron devia estar aqui. Eu precisava ter insistido mais em sua vinda..

— Suponho que ele ainda não esteja bem — replicou Moira.

— Antes desse maldito casamento por vingança, ele teria vindo sentindo-se bem ou mal! — declarou o conde irritado, mas logo lamentou sua falta de tato, acrescentando: — Você não se importa que eu fale assim, não, minha filha?

— Claro que não! E acho que esse ódio que ele sente pelos Kildonnon, que recrudescer devido aos acontecimentos com Margaret, o está prejudicando tanto mental como espiritualmente.

— Tem razão. O ódio dos McCraig pelos Kildonnon destruiu minha vida. Não posso suportar que você sofra como eu, por causa do preconceito e da estupidez criados por uma guerra sem sentido.

Moira suspirou e disse:

— É como me sinto, papai. Pode falar com o duque e fazê-lo entender que o passado deve ser esquecido, e que devemos pensar apenas no futuro?

— E o que pretendo fazer.

— Quando cheguei na Escócia me propus a ajudar os pobres, os que vivem na ignorância. Talvez agora, como sua filha, possa ter essa oportunidade. Tendo sido mãe uma Kildonnon, eles podem me aceitar facilmente, penso.

— Os Kildonnon vão ficar encantados quando souberem que a nova duquesa de Arkcraig tem parentesco com eles. Ao mesmo tempo, é bom que seu avô já tenha morrido.

— Fico contente por não precisar enfrentá-lo!

— E eu também — confessou o conde.

Ambos riram. Moira pensou muito naquela conversa, quando foi à cama.

O auge das diversões preparadas para o rei foi o baile realizado no fim da temporada. Os nobres da Escócia estavam decididos a entretê-lo da maneira mais pomposa possível e, por não haver salão de baile bastante grande na casa de nenhum deles, as salas da Assembléia em George Street foram usadas para isso.

O edifício tinha dois salões de baile, além de outros cômodos que foram utilizados para jogo de cartas e sala de chá.

Desde que Moira chegara a Edimburgo, notou que as senhoras não falavam em outra coisa que não fosse o baile d encerramento.

— Será o baile mais grandioso já realizado na Escócia! — dizia a condessa de Elgin, entusiasticamente.

— Se não for do agrado de Sua Majestade, nada mais o agrada — a marquesa de Queensbury replicava.

E, quando o conde ficou a sós com a filha, declarou:

— Posso lhe garantir que Sua Majestade espera ansiosamente por essa festa. E eu também a aguardo com prazer, pois será a noite em que você terá uma chance de conversar com o rei, e em que eu a apresentarei a meus amigos. Tenho muito orgulho de você, minha filha!

— O senhor é muito bondoso, papai.

— Sinto-me feliz por havê-la encontrado afinal, e igualmente por saber que você está feliz por ter um pai.

— Não possuo palavras para lhe explicar o que isso significa para mim. Costumava... contar histórias a mim mesma sobre meu pai. Pode imaginar como foi emocionante descobrir que ele realmente existe, e é uma pessoa de grande projeção social?

— Você se esquece, Moira, de que também é uma pessoa muito importante agora, como duquesa de Arkcraig. Contudo, rezo para que as coisas sigam seu caminho certo, minha querida. Gosto de Heron desde que ele era criança, possui qualidades excelentes. É um líder de homens, um chefe de clã de quem os McCraig se orgulham. Mas acho que estou certo quando digo que ele jamais amou uma mulher.

— E exatamente o que me confiou o Sr. Falkirk.

— Acredito. Não obstante, duvido que alguém possa conviver com você sem se apaixonar.

Moira talvez duvidasse dessa afirmação, se não tivesse sido assediada por tantos admiradores, rapazes que a procuravam onde quer que ela se encontrasse, todos ávidos em lhe prodigalizar elogios.

Ela aprendera a ver a admiração estampada no rosto deles quando a fitavam, e adquiriu uma confiança em si como nunca tivera antes. No entanto, quando voltava à casa das festas, as faces coradas e o olhar brilhante, lembrava-se da expressão irritada do marido no dia em que ela partira. Temia então por seu futuro!

Na noite do grande baile, após banhar-se em água perfumada, pôs um vestido que o próprio pai escolhera, especialmente para a ocasião. Era branco também, pois essa cor realçava sua cabeleira ruiva. Mais uma vez ela desejou que o duque a visse.

— Vossa Graça precisa deixar que seus cabelos cresçam mais — dissera-lhe o cabeleireiro. — Não entendo por que os cortou assim, tão curtos. Mas não deixam de ser lindos e vou transformá-la na mulher mais bonita do baile.

— Obrigada. — E Moira sorria.

Depois de pronta ela apanhou a tiara de diamantes, a mesma que usara nas outras vezes, e ia colocá-la na cabeça quando alguém bateu à porta.

Pensando que fosse o conde, foi logo dizendo:

— Estou pronta, papai.

Porém viu, pelo espelho, que não era o pai mas o marido. Ficou estática!

Virou-se depois, exclamando:

— Vossa Graça! Não... Esperava! Mas é maravilhoso vê-lo aqui. Sente-se bem? Sua ferida cicatrizou? Espero que a viagem não tenha sido cansativa demais.

— Estou bem, Moira. Trouxe as jóias para você usar esta noite.

— Jóias?! — Moira pegou, automaticamente, o estojo que o duque lhe apresentava.

— Sim, as esmeraldas dos Arkcraig, que pertencem à nossa família há séculos. Vão acrescentar mais encanto à sua aparência, Moira.

— Garanto que sim. E Vossa Graça também vai ao baile?

— Tenho intenção de acompanhá-la — respondeu o duque, friamente.

— Fico muito satisfeita... Por Vossa Graça ter mudado de idéia vindo a Edimburgo. Desejei muito sua presença aqui.

Ele a fitou com ar de dúvida, como se não acreditasse naquelas palavras. Apenas disse:

— É meu dever dar boas-vindas ao rei.

— Papai ficará contente. Ele acha que Vossa Graça vai gostar muito de Sua Majestade. Mas, tem certeza de que não está se esforçando muito?

— Sinto-me bem, Moira. De qualquer maneira, meu dever é mais importante que minha saúde. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Como ouvi dizer, toda essa confusão vai terminar esta noite; vou levá-la de volta comigo amanhã mesmo.

Por já estar na hora do baile, Moira apressou-se em colocar as jóias, as famosas esmeraldas, e pensou imediatamente na quantidade de coisas que poderia comprar para os órfãos com a venda de uma única daquelas pedras! Lembrou-se, porém, de que o marido lhe prometera, quando fossem a Londres, adquirir brinquedos para as crianças. E, como duquesa de Arkcraig, ela pediria muito mais para o orfanato. Já havia até preparado uma lista que incluía camas, colchas, cobertores, utensílios de cozinha e centenas de outros itens indispensáveis. Com esse pensamento animador, ela partiu para o baile.

O salão estava todo decorado de branco e dourado, e havia, num lugar de destaque, um trono revestido de veludo vermelho. Em volta do trono foram colocados sofás, onde se instalava a nobreza da Escócia.

Embora Moira tivesse conversado por alguns minutos com o soberano, que elogiou sua beleza, ela não conseguia desviar sua atenção do marido.

O pai insistiu que ela dançasse a quadrilha e, enquanto girava pelo salão, Moira só pensava se o duque a estava apreciando, e se ele percebia como os cavalheiros insistiam no privilégio de dançar com ela.

Na carruagem de volta à casa, o conde declarou à filha:

— Você foi muito admirada, minha querida, e Sua Majestade me disse que era a mulher mais linda do baile.

— Obrigada — respondeu Moira, timidamente.

— Você deve estar orgulhoso de sua esposa, Heron — observou a condessa. — Ela tem sido aclamada como uma grande beleza, desde sua chegada a Edimburgo.

— É o que ouvi falar — retrucou ele, com frieza.

O casal partiu na manhã seguinte, muito cedo, para o castelo.

Moira surpreendeu-se por seu pai não ter insistido em que ela se demorasse mais em Edimburgo.

Ele meramente dissera:

— Heron é seu marido, minha querida... E se ele exige sua volta, você precisa obedecê-lo.

— Vamos vê-lo em breve, papai?

— Mais depressa do que imagina. Antes, tenho de acompanhar Sua Majestade à Inglaterra mas, logo que puder, empreenderei uma viagem ao norte. E pretendo ir ao castelo, quer seu marido me convide, quer não.

— É claro que ele vai convidá-lo, papai!

— Não sei, não... Talvez seu marido queira ter você só para ele.

Moira não respondeu, mas achava que o duque não somente não a desejava apenas para si, como ficaria bastante satisfeito se pudesse mandá-la embora! Contudo, insistira na sua volta com ele... Era possível que a razão tivesse sido pelos prováveis comentários surgidos em Edimburgo, devido à sua ausência nas festividades.

A bagagem de Moira era enorme, e ela ficou contente quando constatou haver um carro só para as malas. O que não previra foi que o duque pretendia voltar a cavalo, e não na carruagem.

— Estou decidido a cavalgar. Se há uma coisa no mundo que detesto é ficar engaiolado dentro de um veículo, por horas a fio!

— Mas não vai se cansar muito? — indagou Moira.

Ele não lhe respondeu. Dirigiu-se ao conde e à velha condessa para se despedir.

— Sua visita foi breve demais, Heron — queixou-se o conde. — Mal tive tempo de felicitá-lo por seu casamento, e decidir que presente dar a meu genro.

— Já foi dadivoso em excesso com minha esposa! — protestou o duque, lançando um olhar para a quantidade de malas empilhadas na segunda carruagem.

— Isso foi um presente à minha filha. Ainda preciso pensar em algo para você — assim falando, o conde abraçou Moira e acrescentou: — Se soubesse, querida, o prazer que tive em encontrá-la! Há tanta coisa que desejo dar a você ainda, porém o mais importante de tudo, é que seja feliz!

— Tentarei — replicou Moira, e percebeu que o pai adivinhava as dificuldades que estavam por vir.

Assim que a carruagem se pôs a caminho, sentiu-se abandonada ali sozinha. O duque seguia na frente, e ela o apreciava pela janela, montando com desenvoltura um magnífico garanhão.

"Meu marido é tão elegante!", pensava ela. "Papai tem razão, ele é exatamente como um chefe de clã deve ser."

Mas logo depois, uma voz sarcástica pareceu murmurar-lhe aos ouvidos: "Um chefe... sem coração!"

Era possível que ele tivesse medo de amar, após a experiência desastrosa com seu primeiro casamento! Não obstante, faria muita mulher feliz!

"Se ao menos eu soubesse mais sobre os homens, e sobre a vida!", refletia Moira.

Ela sentira-se embaraçada várias vezes quando os rapazes de Edimburgo lhe dirigiram elogios, e daria anos de sua vida para trocá-los todos por uma palavra de carinho do duque!

"Ele é meu marido, e gostaria que me amasse, me admirasse. Quero que ele me ache bonita!"

Moira continuava observando-o pela janela aberta, e concluiu que nenhum homem do apinhado salão de baile e de toda Edimburgo se comparava a ele.

Que outro poderia fazê-la sentir-se como na hora em que ele entrara em seu quarto com as jóias? Seu coração palpitara mais forte, e uma onda de excitação a envolvera. Era como se o quarto tivesse se enchido de luz, porque ele estava lá. Fora-lhe difícil até respirar, do momento em que viu a imagem dele refletida no espelho.

"Que surpresa agradável!", ponderou ela.

Moira passara aquele dia todo consciente da presença do marido. Por estar ele no baile, mal pudera prestar atenção ao que lhe diziam seus parceiros de dança, ou lembrar-se dos passos da quadrilha tão bem ensaiada por vários dias.

Mesmo enquanto conversava com o rei, uma parte de sua mente estava ocupada com o duque, ali a seu lado. Perguntava-se, agora, indo de volta ao castelo, se ele aprovara o que dissera ao soberano, e se admirara seu vestido.

Tudo que aconteceu em Edimburgo foi emocionante para Moira, mas o auge do prazer consistiu na presença do duque no baile.

Era seu marido! Contudo, quando retornaram à casa depois da festa, eles ficaram em quartos separados, e Moira se imaginou separada dele por algo mais que uma simples parede de tijolo e cimento. Queria ficar a sós com o duque para trocar idéias sobre assuntos que não os do acidente, mas assuntos referentes à vida de marido e mulher!

Perdida nesses pensamentos, Moira quase se esqueceu de que estava numa carruagem, a caminho do lar... Iam passar a noite numa estalagem, à beira da estrada.

Quando lá chegaram, viu que não era tão boa como as que conhecera com o Sr. Falkirk, porém bastante confortável. O dono os aguardava e, além de dois quartos reservados para o casal, havia também uma pequena sala.

— Vossa Graça deve estar muito cansado — Moira disse ao marido, logo que ele apeou.

— Estou cansado, mas não demais. Chegaremos em casa amanhã, no fim da tarde.

— Talvez Vossa Graça possa fazer a segunda etapa da viagem comigo... Na carruagem — arriscou Moira.

— Não sei ainda, depende de como me sentir amanhã cedo.

O proprietário da hospedaria lhes serviu um lauto jantar.

Quase não foi possível a eles manter uma conversa íntima, devido à presença constante dos criados.

Quando finalmente terminaram, Moira ousou dizer:

— Fiquei muito contente com sua presença... Em Edimburgo.

— Por quê?

Ela se encabulou com a pergunta, mas conseguiu gaguejar:

— Tantas pessoas... Perguntaram por Vossa Graça... E acho que devia ter comparecido à parada, para representar os McCraig.

— Com certeza seu pai fez isso bem adequadamente, substituindo-me em minha ausência — replicou o duque.

— Mas não foi a mesma coisa!

Os olhos de ambos se encontraram, e Moira teve a sensação de que os dele encerravam uma pergunta; mas ignorava qual seria.

Ele pareceu querer dizer algo, porém, abruptamente mudou de idéia e apenas observou:

— Se há alguém cansado aqui, é você. Depois de dançar noite após noite, deve estar exausta. Foi uma mudança drástica, considerando-se sua vida anterior. Vá para a cama, e quando chegarmos ao castelo, conversaremos sobre assuntos concernentes a nós dois.

Moira arregalou os olhos. Quis perguntar que tipo de assunto, porém ele beijou-lhe a mão, despedindo-se, e ela não teve outro remédio senão saudá-lo e ir para seu quarto. E lá, com um sentimento de horror, imaginou que ele quisesse se livrar dela após consumada sua vingança. Iria mandá-la para Londres ou Edimburgo! Quem sabe?

"Será isso o que ele pretendeu sugerir?"

Não obstante, o que Moira desejava ansiosamente era viver no castelo, passar o resto de sua vida na companhia do duque, simplesmente porque o amava!

CAPÍTULO VII

Quando Moira avistou ao longe o castelo, sentiu uma onda de alegria por estar afinal em casa.

As nuvens negras e ameaçadoras que cobriam o céu durante quase o dia todo, de repente desapareceram. Nas últimas horas de viagem, uma garoa fina e um vento frio deixaram-na apreensiva por causa do duque, que insistira em continuar a viagem a cavalo.

Moira julgou que a preferência do cavalo pela carruagem se devesse ao fato de ele não querer viajar junto dela, a fim de evitar qualquer conversa mais íntima.

"Contudo, preciso falar com ele... preciso! Temos muito a planejar para o futuro!", Moira dizia a si mesma.

Mas, haveria futuro para ela no castelo, com o duque?

Na noite da véspera, quando se convenceu de que o amava, teve a desesperadora convicção de jamais conseguir varrer aquela expressão de ódio dos olhos do marido, e de fazer com que ele lhe desse um pouco de carinho. Não esperava amor. Tudo o que queria era estar com ele, e conversar descontraidamente como no dia em que foram passear em Ben Ark.

"Fui feliz naquelas horas, mais feliz do que nunca em minha vida inteira!"

E, apesar de parecer ingrata, considerava que toda aquela alegria de estar em Edimburgo com o pai não seria suficiente para torná-la feliz.

"Serei eu ambiciosa por querer demais?" Refletia ela, com desânimo."

Mas seu amor pelo duque não podia desaparecer com palavras ou lógica, e ela sentia que todo seu corpo clamava por ele, de tal forma que o futuro sem sua companhia parecia ameaçador.

Ele galopava bem na frente da carruagem, e Moira o perdera de vista. Mas não tinha nenhuma dúvida de que devia estar molhado até os ossos, e sua preocupação por esse motivo roubou-lhe um pouco da felicidade ao vislumbrar as enormes muralhas de pedra e as torres com a bandeira do duque tremulando ao vento.

"Estou em casa!", disse a si mesma.

"Porém, até quando?", uma voz pareceu lhe perguntar.

O Sr. Falkirk a esperava na entrada e a recebeu com afeto, dizendo:

— Bem vinda ao lar, Moira!

— É maravilhoso estar de volta!

— Que bom vê-la! Mas, como está bonita!

Ela se esquecera de que sua aparência causaria espanto e grande surpresa ao Sr. Falkirk. O chapéu de plumas, o elegante casaco verde combinando com o vestido, davam-lhe um aspecto completamente diferente da menina miserável que saíra do castelo há três semanas.

Porém, o pensamento de Moira estava no duque.

— E Sua Graça? — perguntou ela. — Deve ter chegado ensopado!

— Insisti para que ele fosse tirar a roupa molhada e tomar um banho quente.

— Ele quis viajar a cavalo, em vez de vir na carruagem, Sr. Falkirk.

— Espero que Sua Graça tenha o bom senso de descansar um pouco antes do jantar. E você precisa fazer o mesmo, Moira.

— Tenho tanto a lhe contar! — protestou ela.

— Mais tarde. Sua Graça teve a gentileza de me convidar para o jantar, esta noite.

— Que ótimo!

Embora satisfeita com o convite, Moira não pôde deixar de se aborrecer um pouco imaginando que a razão do mesmo fosse evitar um jantar íntimo!

O Sr. Falkirk acompanhou-a até o quarto, e no caminho Moira lhe contou algumas coisas sobre as festividades da recepção do rei.

— Os clãs estavam magníficos na grande parada! — declarou ela. — Que pena Sua Graça não ter liderado o grupo dos McCraig!

— Acho que ele quis fazer isso, mas depois de sua saída, Moira, foi tomado de uma prostração incrível que o impediu de viajar.

— Leve uma recaída?

— Não exatamente. Parecia deprimido. Hector disse que ele não dormia bem, talvez por sentir dor.

Moira sussurrou:

— Eu não devia tê-lo deixado sozinho...

Mas imediatamente lembrou-se da frase dele: "Nada a segura aqui!"

Enquanto se despia, pensava o tempo todo no marido, ali mesmo, no quarto ao lado. Teve vontade de ir vê-lo, mas a porta de comunicação estava fechada, firmemente fechada, na imaginação de Moira...

Depois que as empregadas se retiraram, ela deitou-se e adormeceu. Duas horas mais tarde acordou descansada, e escolheu o vestido mais lindo que tinha, para jantar com o marido e o Sr. Falkirk.

Os dois homens a aguardavam no salão ducal.

Moira esperou que o duque a fitasse, tendo no olhar o mesmo brilho de seus admiradores de Edimburgo. Mas, para seu desapontamento, ele nem levantou a cabeça. Mostrava ao Sr. Falkirk o programa das festividades pela visita do rei, enfatizando as ocasiões em que os McCraig apareceram.

Por sentir-se chocada com a falta de interesse do marido, deliberadamente pôs-se diante dele e disse:

— O Sr. Falkirk me achou elegante quando cheguei; espero que Vossa Graça aprove este vestido. Foi muito apreciado no dia em que o usei pela primeira vez.

— Quanto a isso, não tenho dúvida — replicou o duque.

Pela resposta, Moira não pôde concluir se ele aprovava ou não sua roupa, e a expressão fisionômica do marido não revelava coisa alguma.

Agastada, entreteve-se numa conversa com o Sr. Falkirk, pois a pessoa com quem desejava falar não lhe dava a mínima atenção. Anunciado o jantar, os três foram à sala de refeições e Moira notou logo que os cozinheiros haviam se esmerado no preparo de um jantar especial, a fim de comemorar a volta deles.

O duque não demonstrava cansaço; ao contrário, parecia contente, talvez por estar de regresso ao lar, observou Moira.

De súbito, uma rajada de vento, acompanhada de chuva forte, sacudiu a janela.

Moira comentou, sorrindo com o Sr. Falkirk:

— Que bom não estarmos em Ben Ark esta noite!

— Não duvido, Moira, de que você cuidaria para que Sua Graça não se molhasse, como fez naquele dia fatídico.

O duque fitou a esposa e indagou:

— Choveu naquele dia?

— Sim... Uma tempestade!

— E você não deixou que eu me molhasse? Mas como?

— Eu o cobri... Com minha capa — gaguejou ela, corando.

— E segurou-me em seus braços?

— S-sim...

Antes que o duque pudesse dizer qualquer outra coisa, o som agradável das gaitas de fole encheu a sala.

Terminado o jantar, Moira sugeriu ao duque:

— Acho que ambos estamos fatigados, após dois dias de viagem. Seria interessante irmos repousar.

Ela despediu-se então do Sr. Falkirk, dizendo:

— Está contente por nos ver de volta?

— O castelo ficou vazio sem sua presença aqui, Moira! — Havia sinceridade na declaração, e Moira sorriu agradecendo

A governanta encontrava-se no quarto, à espera de sua ama Acendera a lareira, pois o vento vindo do norte era gelado

— Fez frio nestes dois últimos dias — observou ela. — E ouvi dizer que o tempo não foi muito bom em Edimburgo também.

— De fato. Sua Majestade ficou bem molhado, em várias ocasiões — replicou Moira. — Só espero que Sua Graça não tenha apanhado um resfriado na viagem de volta, cavalgando sob a chuva.

— Sua Graça nunca se preocupou com esse tipo de probie ma! — respondeu a governanta, orgulhosa da saúde de seu patrão.

Em seguida, ela despediu-se de Moira e retirou-se do quarto. Tudo ficou em absoluto silêncio. Moira apagou as velas e foi à cama. Não tinha vontade de ler, e não tirava os olhos da porta de comunicação. Lembrou-se das noites que passara com o duque, cuidando do braço ferido, e permanecendo a seu lado quando se mostrava inquieto e com dor. Perguntou-se então se ele se lembrava daquilo também, e naquele exato momento.

"Meu marido não precisa mais de mim, agora...", refletiu ela, desanimada.

Pensou depois em qual seria o assunto da conversa dos dois, na manhã seguinte.

"Suponhamos que me diga estar eu livre para morar com meu pai, se preferir..."

Que faria ela? Confessaria que o amava, e que não podia deixá-lo? Mas como?"Eu o amo! Eu o amo! Oh, Deus, eu o amo! Faça com que ele tenha um pouco de afeição por mim!", Moira rezava. "Faça com que ele deseje que eu fique, pelo menos para conseguir a união dos clãs, para que não haja guerra entre eles!"

Fechou os olhos enquanto orava, e lágrimas corriam-lhe pelas faces. De repente, o duque apareceu à porta do quarto. Usava um longo roupão azul-marinho, que ela conhecia bem. Por momentos, Moira não conseguiu nem respirar.

E o duque falou:

— Estou com dor de cabeça, Moira. " Ela sentou-se na cama, exclamando:

— Isso não me surpreende! Como pôde ser tão imprudente cavalgando dois dias inteiros, quando o médico lhe recomendou que tomasse cuidado por muitos meses? Vou fazer uma massagem na sua testa. Quer se sentar naquela cadeira?

— Estou com frio. A lareira do meu quarto não foi acesa.

— Deve ter pegado um resfriado. Deite-se então na cama e cubra-se com o acolchoado.

Moira foi à lareira e colocou mais uma acha no fogo. Esquecera-se de que não usava a camisola de tecido grosso do orfanato, e a que vestia agora era

transparente, cheia de rendas, e revelava cada curva de seu corpo perfeito. Voltou à cama e viu que o duque se deitara no meio do enorme leito, e por baixo dos lençóis.

Ela fitou-o, perplexa. Sendo a cama tão larga, era impossível alcançar-lhe a testa, sentando-se na beirada.

Por isso, sugeriu:

— É melhor chegar mais perto de mim.

— Por que não me segura, como fez nas montanhas? É o melhor meio de massagear minha testa. Apesar da lareira, o quarto está frio e não quero sair da cama.

— Muito bem... — concordou Moira, disposta a satisfazer-lhe a vontade.

Ela tencionava deitar-se em cima das cobertas mas, de repente, sem saber como tudo acontecera, ela se viu por baixo dos lençóis. O duque pôs o cobertor sobre os dois.

Moira apoiou-se nos travesseiros e colocou a cabeça dele de encontro a seu peito, e segurou-o exatamente como o fizera quando estava inconsciente. Só que, nesse momento, um dos braços do duque envolvia sua cintura. E, enquanto o massageava, uma onda de excitação corria-lhe pelo corpo todo.

"Preciso tomar cuidado, para que ele não perceba minha reação! Sinto-me diferente de quando cuidei dele antes!", Moira dizia a si mesma, um pouco assustada.

Ela encostou os dedos na testa do marido, massageando-a muito suavemente das sobrancelhas à raiz dos cabelos, num ritmo hipnótico. Assim lhe aliviara a dor, semanas atrás.

— Estou bem melhor, muito melhor! — comentou ele, parecendo satisfeito.

— É necessário tomar cuidado com sua saúde! O Sr. Falkirk não achou Vossa Graça em condições de empreender a viagem a Edimburgo.

— Você não estava aqui para me dizer isso.

— Acho que foi um erro... Deixá-lo. Mas... Minha presença no castelo parecia dispensável. Vossa Graça tornou isso bem claro! — Moira disfarçou um soluço.

A dor causada pela indiferença do marido ainda perdurava, era uma ferida profunda e inesquecível.

Ele não disse nada, e Moira perguntou:

— Seu braço ainda dói?

— Meu braço, não, mas meu coração.

— Seu coração?! — Ela assustou-se. — Precisamos chamar o médico, deve ser algo sério.

— Nada de chamar o médico!

— Há quanto tempo tem esse problema? — indagou Moira, já bastante nervosa.

— Há muito tempo. Desde que você partiu.

— Por que não disse isso em Edimburgo? Há especialistas lá, para todos os ramos da medicina!

— Eles não conseguiriam me curar.

— Como pode ter certeza? Está tão mal assim?

— Muito mal. A dor é agonizante!

— Ouça! — Moira falava agora com firmeza. — isso não pode continuar desse jeito. Por favor, deixe-me chamar um laçao para que providencie a vinda do médico ao castelo.

— Já lhe falei, Moira: médico nenhum poderá me curar!

— Então, que devemos fazer?

— Você pode me curar! Só você, Moira!

— Farei qualquer coisa: Qualquer coisa para minorar sua dor!

— Tem certeza disso?

O duque ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e Moira, em vez de segurá-lo nos braços, viu-se de repente deitada. Ele a olhava fixamente.

Ainda preocupada, insistiu:

— Vossa Graça não pode continuar com essa dor. É perigoso. Preciso fazer... Alguma coisa. Mas diga-me o quê?

— Será mesmo necessário dizer-lhe com palavras, Moira? Nesse instante, os lábios dele juntaram-se aos da esposa. Ela não comandava mais a situação. O duque beijou-a, até que ela sentisse não haver nada mais no mundo além do fascínio dos lábios dele. Todo seu corpo foi invadido por um êxtase indescritível. Era como um raio ardente do sol, como o arco-íris que ela vira em Ben Ark. Moira vibrava à beleza de tudo aquilo. Jamais soubera, em sua vida solitária no orfanato, que poderia sentir-se como uma flor que desabrochava sob a influência do calor e da magia. Aquilo era o amor, um amor que aumentava a cada minuto.

O duque levantou a cabeça e perguntou em voz grave e profunda:

— Agora entende?

— Heron... Tive medo de que você me mandasse... Embora.

— Embora?! Fui buscá-la, Moira, porque não agüentava ficar aqui nem mais um minuto sem você!

— É... Verdade mesmo?!

— Como pôde me deixar, sabendo que eu a desejava tanto?

— Como seria possível saber? Você nunca me contou nada... A única coisa que me disse foi: 'Nada a segura aqui!'. Lembra-se?

— Estava furioso por você querer ir a Edimburgo, mesmo sendo com seu pai. Você é minha, Moira! Eu a fiz vir à Escócia, e me casei com você.

— Mas... Não me amava... Fui apenas um instrumento de sua... Vingança.

— Isso foi no começo. Mas quando cuidou de mim, comecei a perceber que a cada dia que se passava você ocupava um lugar mais importante na minha vida. Nunca me senti assim antes.

— Se ao menos eu tivesse sabido! — Moira suspirou.

O duque sorriu e confessou:

— Lutei dia e noite contra esse amor, que crescia dentro de mim! Tentei continuar com minha vingança. Mas você me encantou, Moira, ou se preferir, me enfeitiçou.

— Não posso... Acreditar. Sou tão ignorante em matéria de amor! Só espero não o decepcionar! Por favor, me ajude para que isso não aconteça! Tenho vergonha de mim!

— Não devia se envergonhar de nada, meu amor. Porém, há muita coisa que desejo lhe ensinar.

— Principalmente... Me ensine a amar você... Como quer ser amado!

— Tudo o que quero, Moira, é que me segure nos braços, contra seus seios, e me faça sentir a magia de seus dedos e a suavidade de seus lábios!

— É o que desejei fazer... Mas tive medo de ser ousada.

— Agora sabe que você é a coisa mais linda, a mais perfeita que surgiu em minha vida!

Quando o duque tentou beijá-la novamente, ela, deu um suspiro de alívio, e ele indagou:

— Que foi?

— Acabei de pensar que a maldição do clã se findou.

— Que maldição?

— A conseqüente de seu casamento com uma mulher que não fosse McCraig.

— Jamais imaginei, Moira, que você desse crédito às bobagens que uma velha louca não parava de gritar em meus ouvidos.

— O Sr. Falkirk afirma também que tudo é tolice, mas tive medo quando você foi alvejado em Ben Ark. Um medo enorme de que a maldição estivesse agindo, e de que você morresse!

— Não acredito em maldições! — insistiu o duque, com firmeza. — Acredito em você, meu amor, em nada mais.

— No entanto, a duquesa Margaret morreu, e um Kildonnon quase o matou.

— Agora estou casado com uma McCraig.

— Por mero acaso. Podia até ter sido eu uma inglesa, como pensou no início.

— Se acredita em maldições, deve também acreditar em destino. Foi o destino, meu amor, que fez você vir do orfanato para a Escócia. Foi o destino que fez Charles em encontrar a filha há muito tempo perdida. Porém, se seu pai pensa em roubá-la de mim, está muito enganado!

— Ele só quer minha felicidade.

Era difícil para ela falar, pois estava emocionada não somente por causa dos lábios do duque, próximos aos seus, como pelo toque carinhoso daquelas mãos. Sensações estranha, maravilhosas e intensas como chamas, percorriam-lhe o corpo, parecendo uma mistura de dor.

— Será que vou conseguir fazê-la feliz?

— Heron... Tudo o que quero é ficar com você, cuidar de você, ouvi-lo falar comigo e saber que se interessa por mim... Ao menos um pouquinho.

— Eu adoro você! Isso é algo que nunca confessei a mulher alguma. Eu adoro você! Não sei como tudo aconteceu, mas quando foi a Edimburgo, levou consigo meu coração. A dor provocada pelo medo de perdê-la foi indescritível.

— Vou tentar... Curá-lo dessa dor.

Os lábios do duque juntaram-se aos de Moira, e ela teve a impressão de estar ouvindo a melodia das gaitas de fole. E a grandiosidade daquele amor encheu o castelo todo, misturando-se à beleza selvagem dos campos que se estendiam lá fora.

As chamas da lareira haviam desaparecido, mas a tênue claridade produzida pelas brasas incandescentes permitia ao duque ver o brilho dos cabelos avermelhados de Moira.

E ele perguntou:

— Eu a fiz feliz, meu tesouro?

— Tão feliz, que todo meu ser parece entoar um hino de glória ao amor!

— Você é adorável, preciosa e encantadora! Tenho pavor de perdê-la! Tem certeza de que me ama?

— É a pergunta que eu gostaria de fazer a você, o homem mais maravilhoso, o mais importante que já conheci! Não posso acreditar que realmente lhe pertenço.

— E minha e eu adoro tudo em você, não apenas sua beleza, mas sua bondade, sua compreensão e, acima de tudo, sua compaixão até para com os Kildonnon.

— Esquece-se... — Moira começou a falar, mas percebeu logo que o marido a provocava apenas.

Ele puxou-a para perto de si e disse:

— Precisamos unir os clãs. Você está certa, absolutamente certa, quando diz que não deve haver mais brigas, guerras ou vingança entre nosso povo. Amanhã mesmo vamos visitar Kildonnon, e contar-lhe quem você é. Embora tenha certeza de que ele já sabe.

— Quem lhe disse?

— Você ainda não percebeu minha adorável mulher, que na Escócia as notícias voam? Não temos necessidade de jornais aqui, tudo se sabe tão logo aconteça. Estou seguro de que Kildonnon já está ciente de que a duquesa de Arkcraig tem o sangue dele nas veias.

— E o seu também, pois sou uma McCraig! — acrescentou Moira.

— Você é minha esposa, e isso é o que interessa. É minha! totalmente minha, e eu não a dividirei com ninguém, não importa a que clã você pertença, Moira!

— É o que eu desejava ouvir. Você me ama e eu vou ficar aqui no castelo, em sua companhia, para sempre! Às vezes tenho medo de acordar e ver que estive sonhando, que ainda moro no orfanato e que as crianças estão gritando porque sentem fome.

O duque abraçou-a com mais força e declarou:

— Você está acordada, meu tesouro. Está em meus braços, e nunca mais sentirá solidão, e nem fome! — Beijou-a antes de continuar: — Vamos fazer do orfanato uma instituição modelar, e prometo que constantemente darei graças a Deus pelo fato do orfanato ter existido, pois foi lá que encontrei você!

— Imagine se eu tivesse sido mandada como aprendiz, para uma casa qualquer? — murmurou Moira, como se falasse consigo própria.

— Tudo já estava planejado por Alguém... Maior do que nós! Sei que é como seu pai também pensa.

— Ele ficou tão feliz por me achar! Acredita que foi Deus quem nos uniu.

— Você me disse para esquecer o passado, amor, e deve fazer o mesmo. Temos tanto a realizar no futuro!

— Sabe que farei tudo que você me pedir!

— E vai ser muito. Quando você foi a Edimburgo, percebi como vivera aqui em solidão por tantos anos! Embora tenha muitos criados e muitos afazeres, minha mente estava só, e meu coração gelado.

— Isso nunca mais acontecerá. Vou amar você sempre, como se fosse parte de mim mesma. Não haverá ninguém mais em minha vida, além de você!

— Muito bom, querida. Quero preveni-la, contudo, de uma coisa: vou ser muito ciumento.

— Ciumento?!

— Você é linda demais, Moira. Quando a vi em Edimburgo, não pude agüentar aquilo tudo nem mais um dia. Existia lá muita tentação para você.

— Por certo havia homens atraentes, mas nenhum deles como meu marido. Não parei de pensar em como você obscureceria qualquer homem do palácio, do baile de gala, e da grande parada.

O duque beijou-a novamente nos lábios, no pescoço, nos ombros, e finalmente nos seios rosados.

— Eu amo você, Moira! Não há palavras para lhe expressar o que sinto! E como preciso de você!

— Da mesma forma que eu preciso de você. Só tenho medo, como já disse, de desapontá-lo — sussurrou Moira.

— Isso jamais acontecerá, porque pertencemos um ao outro. Não somente seu sangue é o meu sangue, seu coração é o meu coração, mas há algo mais, minha querida, dentro de nossa alma que nos faz diferentes dos demais, e que você deve ter concluído através da música das gaitas de fole.

— Estava pensando nisso agora...

— Pensamos nas mesmas coisas porque somos iguais. Por essa razão, quaisquer que sejam as dificuldades, os problemas que surgirem, vamos vencê-los todos, pois nos completamos mutuamente!

Moirá deu um suspiro de felicidade. O duque a beijava; beijos apaixonados, possessivos, e era impossível a ela pensar noutra coisa.

Aquele amor era como o arco-íris, envolvia a ambos numa luz divina que trazia consigo uma mensagem de esperança para os clãs!

FIM